



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
INSTITUTO DE FÍSICA
MESTRADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
CIÊNCIAS**

VIRGÍNIA LÚCIA BRITTO SILVA

**“UM LUGAR SEM PAI OU UM EIXO PARA A SUBVERSÃO INSTITUCIONAL”:
HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE NA BAHIA
COM O CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA (1971-2004) - UM
ESTUDO DE CASO**

Salvador

2005

VIRGÍNIA LÚCIA BRITTO SILVA

**“UM LUGAR SEM PAI OU UM EIXO PARA A SUBVERSÃO INSTITUCIONAL”:
HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE NA BAHIA
COM O CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA (1971-2004) - UM
ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Elyana Barbosa.

Salvador

2005

S586 Silva, Virgínia Lúcia Britto.

“ Um lugar sem pai ou um eixo para a subversão institucional” : a institucionalização da psicanálise na Bahia como o Círculo Psicanalítico da Bahia (1971 – 2004): um estudo de caso / Virgínia Lúcia de Britto . – 2005.
130 f.

Inclui anexos.

Orientador : Profª Dra. Elyana Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física, 2005.

1.Ciências - História. 2. Psicanálise - Bahia. 3. Círculo Psicanalítico da Bahia I.Barbosa, Elyana. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física. III. Título.

CDD - 509
CDU – 50(091)

VIRGÍNIA LÚCIA BRITTO SILVA

**“UM LUGAR SEM PAI OU UM EIXO PARA A SUBVERSÃO INSTITUCIONAL”:
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE NA BAHIA COM O CÍRCULO
PSICANALÍTICO DA BAHIA (1971-2004) - UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino,
Filosofia e História das Ciências da Universidade
Federal da Bahia para a obtenção do Título de Mestre
em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Aprovada em 10 de junho de 2005.

Profa. Dra. Elyana Barbosa
Orientadora

Prof. Dr. Amilcar Baiardi
Programa em Ensino, Filosofia e História das Ciências

Prof. Dr. Cláudio Cardoso
Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

A meus avós Roque e Lucila, com os quais aprendi a
amar e a buscar o saber e a verdade.

A meus filhos, Ana Carolina, Yêdda Virgínia e João
Augusto, pelo companheirismo e apoio em todos os
momentos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Elyana Barbosa, pela liberdade que me concedeu para criar.

Ao Dr. Carlos Pinto Corrêa, fundador e presidente do Círculo Psicanalítico da Bahia, por ter acreditado neste trabalho desde o primeiro momento, abrindo as portas da instituição para fornecer todos os documentos e informações que solicitei.

Aos membros do Círculo Psicanalítico da Bahia, pelo apoio e receptividade à minha pesquisa, prestando valiosa contribuição para a reconstituição desta história.

Aos psicólogos e psicanalistas que não pertencem ao CPB, pela contribuição que muito enriqueceu este trabalho.

Aos amigos, pelo afeto e apoio.

Ao Prof. Dr. Olival Freire Júnior, pela contribuição na minha caminhada através da História das Ciências, indicando textos fundamentais para a leitura e me incentivando a questionar.

Ao Prof. Dr. João Carlos Salles, pela colaboração na construção do tema deste trabalho.

Aos professores do mestrado, pelo enriquecimento proporcionado por suas aulas.

Aos funcionários do Instituto de Física, em particular ao Sr. Orlando de Souza Lima, pela atenção e disponibilidade.

A Maria José Bacelar Guimarães, pela dedicação e competência na revisão e normatização desta dissertação.

Para finalizar, a todos os que colaboraram com este trabalho, inclusive aqueles que, possivelmente, estou cometendo o lapso de não citar, o meu muito obrigado.

Enquanto histórica, [a psicanálise] tem como dever ser libertadora, senão essa pretensão de historicidade nada vale. Participar da história quer dizer: cessar de ser objeto de factum, tomar sobre si o esforço e a responsabilidade para, de uma coisa, tornar-se sujeito da história. É você vir a ser você mesmo, o que não é simples nem fácil. A história como tradição, muitas vezes alienante, torna-se ação, construção. Assim será ultrapassada a contradição entre o determinismo que é a condição para que a história não seja casual e o indeterminismo que é a condição para que ela não seja um encadeamento de fatalidade [...]

(CARUSO, 1967, p. 49).

RESUMO

Com a fundação e trajetória da primeira instituição psicanalítica do Estado, o Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB), período de 1971 a 2004, trazemos uma primeira aproximação com a história da institucionalização da psicanálise na Bahia. Constituiu-se objetivo deste estudo narrar esta história para refletir sobre a produção científica nesta instituição. O método empregado foi o estudo de caso. Utilizamos como técnicas para a coleta de dados: análise de documentos, entrevistas, observação, além de consultas a material bibliográfico. Os resultados da pesquisa apontam para uma alteração na produção científica durante o período estudado, evidenciando que, em momentos de conflito interno no CPB, a produção apresentou uma queda significativa, enquanto nos períodos em que foram prevalentes a escuta e o acolhimento das diferenças, foi possível uma convivência mais prazerosa, com significativo aumento na produção científica.

Palavras-chave: Institucionalização da psicanálise na Bahia. Círculo Psicanalítico da Bahia. Produção científica.

ABSTRACT

This work is about the history of psychoanalytic institutionalization in Bahia focusing the first psychoanalytic institution in the state, called *Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB)*, from 1971 to 2004. The aim of this paper is to examine its scientific output during this period. This was made as a case study design. For this were used documental analisys, interviews, observation and bibliographic consult. The results suggest that changes in the scientific productions happened during the study's time interval. During moments of conflict we observed an important decline of scientific productions. The oposite is seen at the moments in which listening and favorable reception for the individual differences of the members prevailed, leading to the conclusion that good relationship produces an important increase in scientific production.

Key words: psychoanalysis, institution, *Círculo Psicanalítico da Bahia*, scientific production.

INTRODUÇÃO

A existência do inconsciente, a presença da sexualidade desde o nascimento, a universalidade do complexo de Édipo, são afirmações que chocaram não só Viena, mas o mundo. Em finais do século XIX e início do século XX, o homem passa a existir além daquilo que consegue perceber.

Um outro mundo está sendo revelado à cultura ocidental, o que gera uma mudança conceitual, promovendo a ruptura de tabus, numa nova maneira de encarar a sexualidade e, por fim, no redimensionamento do papel da mulher e do olhar sobre a criança.

O mundo não é mais o mesmo depois da psicanálise. Freud (1976a, p.335) escreve em 1916, na Conferência XVIII:

Ao enfatizar desta maneira o inconsciente na vida mental, contudo, conjuramos a maior parte dos maus espíritos da crítica contrários à psicanálise. Não se surpreendam com isso, e não suponham que a resistência contra nós se baseia tão somente na compreensível dificuldade que constitui o inconsciente ou na relativa inacessibilidade das experiências que proporcionam provas do mesmo. A origem dessa resistência, segundo penso, situa-se em algo mais profundo. No transcorrer dos séculos, o ingênuo amor - próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se podia imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, embora algo semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria. O segundo golpe foi dado, quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias por Darwin, Wallace e seus predecessores, embora não sem a mais violenta oposição contemporânea. Mas a megalomania humana terá sofrido o seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente. Os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia parece ser nosso destino conferir-lhe expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas. Em conseqüência, surge a revolta geral contra nossa ciência, o desrespeito a todas as considerações de civilidade acadêmica e a oposição se desvencilha de todas as barreiras da lógica imparcial. E

ademais de tudo isso, perturbamos a paz deste mundo também de uma outra forma, conforme em breve os senhores ouvirão.

Diante da profundidade e da extensão do seu pensamento, fica evidente que Freud foi um homem além de seu tempo.

Freud dá início à constituição de grupos de estudo, pesquisa, transmissão e discussões da prática clínica psicanalítica em 1902, com as *Noites Psicológicas das Quartas-Feiras*, mais tarde passando a se chamar *Sessões das Noites de Quarta-Feira*, ao reunir em seu apartamento um grupo restrito de interessados na psicanálise. Não existe registro desses primeiros encontros, mas, a partir de 10 de outubro de 1906, essas reuniões foram documentadas nas *Atas da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*. Em 1908, é criada a Sociedade Psicológica de Viena, e suas reuniões, dois anos após, são transferidas do apartamento de Freud para o Colégio de Doutores. Surge, assim, a primeira instituição psicanalítica.

Podemos dizer que essa instituição é o espaço constituído para o estudo e desenvolvimento da psicanálise, encarregando-se da formação psicanalítica. Era um grupo de intelectuais do início do século, formado não apenas por médicos ou psicólogos, mas também por escritores, poetas, educadores, musicistas e artistas que se reuniam com Freud, na busca da compreensão da alma humana, insatisfeitos com o saber que circulava na época. A atitude de pesquisa era o alicerce sobre o qual eram discutidos os textos freudianos já escritos, entre outros. Havia também a intenção de acrescentar contribuições à obra do mestre, o que podemos constatar através das referidas atas. Intelectuais apresentavam resenhas de livros e artigos de revistas, temas de filosofia, mitologia, sociologia, artes plásticas, literatura, educação, criminologia, psicologia animal, biologia, música, que eram lidos e comentados. Havia interesse pela produção intelectual de maneira geral. A discussão clínica, não somente através do material clínico, mas também através de análises de artistas, poetas, criminosos, bem como depoimentos pessoais eram debatidos. Buscava-se reconhecer que era importante compreender o comportamento humano e as manifestações da cultura estava em pauta. Assim, surgiu a psicanálise, solidificando-se através da participação de um grupo constituído de profissionais qualificados e dedicados à construção desse saber.

Freud, médico por formação, percebeu que a ciência que então se iniciava, não se encaixava em nenhum espaço acadêmico existente. Preocupando-se com a sua transmissão e consequente permanência, criou a Sociedade Psicanalítica Internacional, que tomou para si a responsabilidade da formação de psicanalistas. Entretanto a psicanálise sempre esteve fora dos ambientes universitários, acadêmicos, oficiais e tradicionais. As associações e sociedades

psicanalíticas se encarregaram da formação de psicanalistas e da expansão e desenvolvimento desse saber, erguendo-se a partir da hipótese da existência dos processos psíquicos inconscientes, do reconhecimento da teoria da resistência e da repressão, do processo de associação livre, da importância etiológica da sexualidade e do complexo de Édipo, elementos fundamentais da construção freudiana. Elas se multiplicaram através de diferentes leituras do texto freudiano, porém mantendo a fidelidade às premissas básicas da psicanálise. A formação de psicanalistas se faz nessas instituições, sendo unânimes as exigências de: análise pessoal, estudo teórico e análise da clínica ou supervisão. A experiência dos psicanalistas processa a transmissão e a formação, evidenciando um prazo médio de dez anos para essa formação que nunca se conclui, pois tornar-se psicanalista não se encerra em um determinado tempo, mas convive no espaço do inacabado, como o próprio processo de constituição do sujeito. Assim, não basta constituir-se, mas permanecer constituindo-se. Desta maneira, o trabalho continuado na instituição, para onde são trazidos os restos inalisáveis, torna-se fundamental tanto para o saber psicanalítico como para o analista. Consequentemente, constata-se a grande contribuição para os males de tantos pacientes que buscam uma saída para os sofrimentos neuróticos (FREUD, 1976b).

A instituição psicanalítica é o espaço onde se dá a formação do analista. A transmissão da psicanálise assim se efetiva, constituindo, desde os primórdios desta ciência, uma prioridade para Freud. Utilizamos o termo ciência sem a proposta de aprofundar a discussão a respeito de ser ou não a psicanálise uma ciência, mas considerando os critérios internos e externos de cientificidade (DEMO, 1995). Retomamos Freud, que considera a psicanálise uma ciência com base nas hipóteses levantadas e confirmadas nos atendimentos clínicos. Utilizando o método clínico, elabora uma teoria que perdura há mais de um século. Para esta afirmação, levamos em conta os critérios internos de cientificidade que são: coerência, consistência, originalidade, objetivação e o critério externo: reconhecimento da comunidade psicanalítica e médica. (DEMO, 1995)

Com base nas premissas freudianas, o Círculo Psicanalítico da Bahia foi fundado, ocupando-se do estudo e do desenvolvimento da psicanálise com ênfase na formação em psicanálise. Este trabalho vai se refletir na qualidade dos serviços profissionais prestados à comunidade, além de exercer uma função social, na medida em que oferece às pessoas de baixa renda o atendimento psicanalítico por meio da clínica social, além de palestras e debates franqueados ao público e cursos diversos.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma primeira aproximação com o processo de institucionalização da psicanálise na Bahia, ao buscar conhecer a primeira instituição do

Estado desde sua fundação. E isto implica não só acompanhar seu percurso no período de 1971 a 2004 – trinta e três anos de existência –, como descrever sua constituição, desenvolvimento, atividades teóricas, relacionamento interno, seus conflitos e dificuldades, bem como conhecer sua produção científica nesse mesmo período. Consideramos produção científica a produção do conhecimento baseada em estudos teóricos e experiências comprovadas. Trata-se de um conhecimento que vai além da aparência, ao não ser baseado no senso comum nem em opiniões, tal como sugere Demo (1995). Na presente pesquisa, consideraremos os componentes da produção científica do CPB:

- Curso de formação em psicanálise
- Curso de especialização em grupoterapia psicanalítica
- Cursos paralelos
- Núcleos de estudo
- Jornadas
- Congressos
- Seminários das quartas
- Publicações.

Desde o seu surgimento, no final do século XIX, a Psicanálise tem suscitado tanto a curiosidade como os veementes ataques das pessoas, manifestamente expressos nas várias obras de história da psicanálise, com as quais pudemos contar para a elaboração deste trabalho. O interesse nas instituições psicanalíticas surge a partir de Freud (1976b), com *A História do Movimento Psicanalítico*, de 1914, até trabalhos mais atuais como os dois volumes de Elizabeth Roudinesco (1988), *História da Psicanálise na França*, cuja primeira edição saiu em 1986. Em recentes congressos de psicanálise, têm sido apresentados trabalhos sobre o sistema estrutural das instituições psicanalíticas, pensadas em termos dos discursos de Lacan. Dentre eles, citamos: *Um Lugar sem Pai ou um eixo para a subversão institucional*, apresentado por Carlos Pinto Corrêa (2001) na XII Jornada do Círculo Psicanalítico, em 2000, e publicado na Revista *Cogito*; e *A instituição Psicanalítica e seus discursos*, apresentado por Luis Andrade (2003) na primeira Jornada do Fórum Psicanalítico de João Pessoa.

Observamos um movimento de valorização da pesquisa histórica nas comunidades científicas da Bahia, a exemplo das dissertações no mestrado de Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com os títulos: *A Psicanálise na*

Bahia (1926-1937): Os Estudos de Arthur Ramos sobre a Loucura, Educação Infantil e Cultura, por Maria Odete Siqueira Menezes (2003) e *Pesquisa em Psicologia: Produção Intelectual dos Psicólogos Baianos*, por Maria da Conceição Barreto (2004). Também o livro organizado por Urânia Tourinho Perez (2004) com o título: *Emílio Rodrigué, Caçador de Labirintos*. No XV Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, organizado pelo Círculo Psicanalítico da Bahia, são apresentados dois trabalhos com os títulos: *A Instituição Psicanalítica e a Transversal do Tempo*, escrito por Carlos Pinto Corrêa (2004a), *Círculo Psicanalítico da Bahia – Trinta Anos: Marco da Psicanálise na Bahia e Instituição – Recortes de uma História*, apresentado por Virgínia Lúcia Britto Silva (2002; 2004). Esses trabalhos evidenciam que o tema Instituição Psicanalítica e sua relação com a História está presente no campo da Psicanálise.

Escrever a história do Círculo Psicanalítico da Bahia significa narrar uma história do tempo presente, com personagens vivos e atuantes na instituição. Como membro do Círculo, temos consciência da necessidade de um distanciamento crítico e do esforço que será necessário para tratar o material de pesquisa. Em contrapartida, a proximidade da instituição traz uma série de facilidades no que diz respeito ao acesso à história oral, transmitida através da convivência com o grupo institucional.

O levantamento da produção científica no CPB é acompanhado da descrição dos momentos vividos na instituição durante as gestões correspondentes e da relação entre a referida produção e a dinâmica institucional nos diferentes momentos.

O material coletado foi rigorosamente examinado, evitando posições partidárias e tendenciosas, pela consciência dos limites humanos e do esforço empreendido para adotar um distanciamento do objeto de estudo.

Como método de pesquisa, utilizamos o estudo de caso, por possibilitar o aprofundamento do conhecimento sobre o objeto. A sua escolha foi definida em função de esta investigação necessitar de explicações no que tange ao caso considerado e aos elementos que marcam o seu contexto. Além disso, permite o uso de diversas técnicas – observação, entrevista e estudo de documentos – adotadas para a coleta dos dados, possibilitando a análise das informações e as consequentes conclusões delas decorrentes. Neste método, apesar de não ser possível a generalização, e as conclusões serem válidas apenas para a compreensão do caso pesquisado, pode-se considerar este estudo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna representante (LAVILLE; DIONE, 1999).

Para este trabalho, utilizamos a observação, análise de documentos, entrevistas (fontes primárias) e consulta ao material bibliográfico. A utilização da observação dos fenômenos e

coleta de depoimentos dos participantes de determinado grupo social são técnicas muito utilizadas nas ciências humanas. A observação da realidade é um importante recurso para a descoberta, pois faz parte do nosso cotidiano e tem um papel fundamental para a construção dos saberes. Como membro do CPB e de seu convívio institucional, utilizamos a observação participante.

As entrevistas permitiram, através da coleta de depoimentos, acesso ao conhecimento das pessoas sobre a instituição, de grande valor para o levantamento dos fatos e dinâmica institucional. Quanto ao tipo, optamos pela entrevista parcialmente estruturada (Apêndice A), por propiciar uma liberdade maior tanto ao entrevistado como ao entrevistador, enriquecendo a pesquisa com dados novos que, de início, não poderíamos prever (LAVILLE; DIONE, 1999).

Foram entrevistados 18 profissionais das 11 turmas do curso de formação psicanalítica com ingresso a partir de 1971 e concluídas até o ano de 2004. As entrevistas foram feitas no período de 1º. de julho a 28 de outubro de 2004 e sua duração variou de 60 a 90 minutos. Entre os profissionais entrevistados, 13 eram membros da instituição e 5 não estão mais no CPB. Todos os membros pertencentes à instituição, quando convidados para a entrevista, responderam positivamente. Quanto aos profissionais que se desligaram do CPB, tivemos dificuldades para localizá-los, pois, em alguns casos, houve mudança de endereço e, em outros, não deram retorno à solicitação.

Para garantir o anonimato dos entrevistados, eles serão identificados pela letra E, seguida do número da entrevista. Ex: E1, E2, E3..., com exceção do psicanalista fundador e da psicóloga Mercedes Cunha, que autorizaram a divulgação da sua entrevista.

A realização das entrevistas obedeceu aos seguintes critérios:

- entrevista com um psicanalista de cada turma de formação do CPB que ainda pertence à Instituição, com exceção da primeira turma, que contou com dois participantes que continuam na instituição, sendo ambos entrevistados. O critério de escolha foi sorteio + disponibilidade;
- entrevista com um psicanalista que fez formação no CPB, mas não pertence à instituição. O critério de escolha foi sorteio + disponibilidade. Nesse grupo, contamos com apenas cinco profissionais para a entrevista. Tivemos dificuldades para localizá-los e, dos que foram encontrados, alguns não deram retorno a nossa solicitação e outros se recusaram a dar seu depoimento;
- entrevista com o psicanalista fundador da instituição, Carlos Pinto Corrêa;

- entrevistas com profissionais que não fizeram formação no CPB (duas psicólogas e dois psicanalistas).

Ao todo, foram entrevistados 22 profissionais:

- 12 psicanalistas formados pelo CPB que continuam na instituição;
- 5 psicanalistas formados pelo CPB que não continuaram na instituição;
- 1 psicanalista fundador;
- 2 psicólogos que não fizeram formação no CPB;
- 2 psicanalistas que não fizeram formação no CPB.

Para expor o assunto tratado, o presente trabalho traz, no Capítulo 1, um panorama geral sobre o movimento psicanalítico no Brasil: os precursores, o início da institucionalização e o *boom* psicanalítico dos anos setenta. O Capítulo 2 aborda a ambiência “psi” na Bahia com a psiquiatria, a fundação do curso de psicologia e o movimento em busca do saber psicanalítico. O Capítulo 3 trata da pré-história e fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia. O Capítulo 4 mostra o momento inicial da instituição, sua legalização, seu funcionamento, produção e dinâmica interna.

1 PSICANÁLISE NO BRASIL

1.1 PRECURSORES

A primeira citação sobre Freud na América Latina foi feita por Juliano Moreira, eminente psiquiatra baiano. Em 1899, fala das ideias freudianas na Faculdade de Medicina na Bahia, onde era professor substituto da Seção de Doenças Nervosas, sendo, portanto, o primeiro a difundir a psicanálise no Brasil. Esta difusão era feita através das conferências e orientações dadas aos seus alunos. O acesso ao texto freudiano era facilitado pelo domínio que tinha da língua alemã e por suas viagens à Europa (RUSSO, 1993; 2002).

A recepção e a difusão da Psicanálise no Brasil apresentam caminhos peculiares, como analisa Mokrejes (1993) em sua pesquisa. Essa autora afirma que, a partir da década de 20 do século passado, as obras de Freud já eram lidas no Brasil por profissionais da área médica, especialmente psiquiatras. Observa ainda o pouco intercâmbio entre os estudiosos, a irrelevante comunicação entre os Estados do Rio e São Paulo nesse período e a não referência a trabalhos de colegas brasileiros. Evidenciou, assim, verdadeiras *ilhas psicanalíticas* no Brasil, o que foi confirmado pela pesquisa documental e entrevistas realizadas.

Foi também observado pela pesquisadora citada que os autores brasileiros apresentavam certas *particularidades na exposição das ideias de Freud*, o que aponta para leituras fragmentárias do texto freudiano, além de referências bibliográficas pouco explícitas de autores europeus que escreviam sobre a psicanálise. Essas constatações apontam para uma interpretação pessoal dos estudiosos brasileiros. Entendemos que esses sinais mostram que tais estudiosos faziam uma apropriação da psicanálise interpretando-a *a seu modo*.

Ainda segundo Mokrejes (1993), as ideias psicanalíticas foram divulgadas, num primeiro momento, de maneira descritiva e explicativa, como se verificou nos cursos de medicina, nas obras teóricas e nos textos escritos para o público. A pesquisadora ainda acrescenta que essas ideias também aparecem, com frequência, nos relatos de reuniões médicas, em compêndios pedagógicos e obras literárias no Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, a exemplo das ideias apresentadas por Oswald de Andrade no *Movimento de Antropofagia* da Semana de Arte Moderna (São Paulo). Também encontrou trabalhos na área de sociologia, antropologia e escritos de autores como Antônio Silva Melo, Antônio Austregésilo e Júlio Pires Porto Carrero, que apresentam temas ligados às ideias freudianas, buscando prescrições para a

felicidade e o bem viver, referindo-se também à educação sexual e, em outros momentos, à educação moral. Em relação à psicanálise no contexto escolar, a sua importância é enfatizada por Deodato de Moraes, Artur Ramos, Porto Carrero e Durval Marcondes, entre outros. (MOKREJES, 1993). Para a autora,

No Brasil, a disseminação das idéias freudianas se verificou com notoriedade em cinco estados: Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Destes, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul atestam a presença das “Sociedades Brasileiras de Psicanálise”, que se constituíram nos órgãos credenciados pela “Associação Psicanalítica Internacional” para a formação de psicanalistas. (MOKREJES, 1993, p.17).

Observamos que o movimento psicanalítico na Bahia é tratado com superficialidade por essa autora, que não faz menção ao pioneirismo de Juliano Moreira, citando apenas, sem ênfase, o importante trabalho de Artur Ramos, responsável por grande produção de textos e livros sobre temas relacionados com a psicanálise. A fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia, datada de 1971, não é mencionada; entretanto faz alusão à fundação do Círculo Psicanalítico de Recife, que, conforme declarou em entrevista o fundador do CPB, foi constituído originariamente como grupo de estudos do Círculo Psicanalítico da Bahia, antes de se tornar uma instituição filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise.

A história oficial da psicanálise é contada a partir da fundação das Sociedades Psicanalíticas. Freud considerava que o espaço para estudo e desenvolvimento do saber psicanalítico era a instituição psicanalítica, bem como o lugar destinado à formação do analista, necessitando de análise pessoal, formação teórica e supervisão (MOKREJES, 1993). Não podemos deixar de dar ênfase à análise pessoal para a formação do analista, muito bem dito por Freud (1976c, v. XV, p. 32): “Aprende-se psicanálise em si mesmo [...]”. Freud tinha grande preocupação com a preservação da psicanálise e temia o seu mau uso e distorções nas mãos de pessoas sem o devido preparo.

No Brasil, pesquisas evidenciaram uma distorção do texto psicanalítico pelos pioneiros. Os escritos originais da psicanálise foram descaracterizados por estudiosos brasileiros, na tentativa de atribuir uma imediata significação antropológica e pedagógica aos conceitos psicanalíticos. A psicanálise foi mais preservada nos textos de relatos clínicos e investigação científica com fins terapêuticos, apresentados nas reuniões das Associações de Medicina, Congressos e publicados em revistas médicas (MOKREJES, 1993).

A ambiguidade foi a tônica, desde os primórdios, entre a psicanálise e a medicina. Freud, em 1926, negou a necessidade da formação médica para o exercício da psicanálise, no capítulo “A Questão da Análise Leiga”, da obra *Sigmund Freud* (1976d). Ernest Jones e outros colaboradores próximos a Freud, passaram mais tarde a vincular psicanálise e medicina à ideia de que, dessa forma, estariam imprimindo maior seriedade científica. As divergências entre os partidários desses dois pontos de vista vêm provocando dissensões e dissidências no movimento psicanalítico (RUSSO, 2002).

Promover maior legitimidade científica será o motivo real da posição que defende o exercício da psicanálise vinculada à medicina? Entendemos que isto parece mais uma defesa de mercado e consequente aumento de poder para a classe médica, já que o próprio Freud, defensor incontestado da sua criação – psicanálise –, não fez esta vinculação. Acreditamos, sim, que a prática psicanalítica requer longo preparo, que vai muito além da absorção teórica. Faz-se necessário aprofundamento na análise pessoal, seguida de supervisão, conhecimento de psicopatologia e prática clínica, que podem ser adquiridas na Instituição Psicanalítica responsável pela formação do candidato a analista.

Tais são as condições com as quais abordaremos o início da institucionalização da psicanálise no Brasil e as dificuldades encontradas neste percurso.

1.2 CHEGADA DA PSICANÁLISE AO BRASIL

O movimento para a institucionalização da psicanálise no Rio e em São Paulo segue rumos diversos. No Rio de Janeiro, apesar de o meio psiquiátrico ser mais bem estruturado e a psicanálise já circular entre os profissionais da área, ela não foi de início buscada para uma utilização na clínica psiquiátrica. Em São Paulo, a psiquiatria era fracamente institucionalizada, abrindo um espaço para a busca da psicanálise como uma *especialidade paralela* (RUSSO, 2002). Em novembro de 1936, chega Adelheid Koch¹ a São Paulo, enviada pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA), como resultado da persistência de Durval Marcondes junto a Ernest Jones, em trazer um psicanalista didata para São Paulo. A partir da arianização desse instituto pelo governo nazista e a queima das obras de Freud e de outros psicanalistas em praça pública, Adelheid Koch filia-se diretamente à IPA e foge da Alemanha

¹ Psicanalista alemã, com formação no Berliner Psychoanalytish Institute.

com o propósito de começar a formação de analistas no Brasil. Assim, iniciam-se, em 1937, as análises de cinco médicos, formando-se o embrião da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, reconhecida provisoriamente em 1945. O reconhecimento definitivo foi obtido em 1951, no Congresso de Amsterdã (RUSSO, 2002).

No Rio de Janeiro, houve tentativas, sem sucesso, de jovens psiquiatras que desejavam a vinda de profissionais para iniciar sua formação em psicanálise. Alguns desses psiquiatras resolveram viajar para Buenos Aires em 1944, com o intuito de fazer formação na Associação Psicanalítica Argentina (APA). Após sucessivas tentativas dirigidas à IPA, através de Ernest Jones, chega ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1948, Mark Burke², iniciando neste mesmo mês a análise de dez médicos dos quais seis viriam se tornar psicanalistas.

Werner Kemper, membro da Sociedade Psicanalítica de Berlim, chega ao Brasil em dezembro desse mesmo ano e inicia a análise de nove médicos em março de 1949; e todos se tornam analistas. Após o período de dois anos, divergências entre esses dois analistas, resultaram na criação de dois grupos, um deles dirigido por Werner Kemper e o outro por Mark Burk. Em 1955, o grupo dirigido por Kemper é reconhecido como Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) (com o *sponsorship* de São Paulo), tendo como fundadores: Werner Kemper, Katrin Kemper e mais nove analistas (PERESTRELLO, 1992).

Em 1959, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) é reconhecida pela IPA, constituída por 14 membros e dirigida por Mark Burke. Assim, as primeiras sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro nascem a partir das divergências entre os psicanalistas Mark Burke e Werner Kemper. Essas duas sociedades psicanalíticas cariocas terão o domínio da formação psicanalítica no Rio de Janeiro até a década de 70 (PERESTRELLO, 1992).

Entre as duas sociedades psicanalíticas cariocas e a paulista existem, desde o início, posicionamentos diferenciados: a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo admitia *candidatos leigos* desde o início, coerente com os vínculos estabelecidos com o meio não médico. Já as duas sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro, desde o início, exigem o diploma de medicina dos candidatos. A psicanálise torna-se, assim, uma área dominada pela classe médica nesse Estado. É interessante observar que a abertura da sociedade paulista aos profissionais não médicos propiciou ao movimento psicanalítico de São Paulo uma estabilidade, além de relativa tranquilidade, se comparada com o percurso da Psicanálise no Rio de Janeiro. Além das querelas entre Werner Kemper e Mark Burk, que marcam o início

² Membro associado da British Psychoanalytical Society.

da institucionalização no Rio de Janeiro, com a fundação de duas sociedades psicanalíticas, em 1953, acontece a fundação de um instituto dissidente, de orientação culturalista, o Instituto de Medicina Psicológica (IMP), vinculado a uma sociedade dissidente americana. Prematuramente, a psiquiatra fundadora desse instituto vem a falecer e este estabelecimento, ao se transformar em um instituto de formação, em meados da década de 60, o faz, aceitando somente psicólogos como candidatos. No ano de 1968, Kattrin Kemper, esposa de Werner Kemper, saiu da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, com alguns analisandos, fundou o Círculo Psicanalítico da Guanabara, posteriormente Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, a partir de contatos com o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Em 1972, o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro investe na primeira turma de formação em psicanálise, aceitando também profissionais não médicos, *leigos*. No ano de 1971, foi fundada a Sociedade de Psicologia Clínica, composta por psicólogos que estudavam e faziam supervisão com psicanalistas da SPRJ, oferecendo formação somente para psicólogos. O modelo das sociedades vinculadas à IPA era mantido, ainda que de forma invertida (RUSSO, 2002).

A caminhada de Werner e Kattrin Kemper e sua relação com a sequência de “rachas” no movimento psicanalítico carioca são analisadas pela antropóloga Jane Russo (2002), que nos traz uma reflexão: o primeiro dos “rachas” aconteceu entre Werner Kemper e Mark Burke. O primeiro, membro do instituto de Berlim, manteve-se vinculado a este, mesmo após a *arianização* do referido instituto; o segundo era um judeu polonês da Sociedade Psicanalítica Britânica. O grupo vinculado a Mark Burke criticava Werner Kemper por estar afastado da psicanálise mais moderna, ou seja, da psicanálise praticada na Inglaterra, e de aceitar candidatos *leigos* na instituição que dirigia e, ainda, admitir sua mulher como didata sem ter qualificações adequadas para isso. O grupo de Werner Kemper atribuía a Mark Burke um desequilíbrio mental. De acordo com a autora, o grupo liderado por Werner Kemper conquistou o apoio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, adquirindo, desta maneira, o reconhecimento como *study group* pela IPA, passo inicial para a sua constituição como sociedade de formação psicanalítica em 1955. Por sua vez, Mark Burke retornou para a Inglaterra em 1953, o que forçou seus analisandos a terminar a formação em Londres ou Buenos Aires. A junção dos ex-analisandos de Mark Burke com os analistas formados na Argentina originou o segundo *study group* e a fundação, em 1959, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Jane Russo (2002), ao tratar da causa dos sucessivos “rachas” e dissidências no movimento psicanalítico, questiona se tal processo pode ser atribuído a divergências teóricas ou ao estilo da prática psicanalítica. Acredita que a psicanálise, por não

ser uma profissão reconhecida, é muito mais uma iniciação que começa com uma relação pessoal com outro analista. “É esse caráter personalista, centrado nas pessoas e não nos mecanismos impessoais, que pode explicar as divergências, dissidências e rupturas que, num ritmo incessante, marcaram o movimento psicanalítico dos seus primórdios até hoje” (RUSSO, 2002, p.32).

A autora citada mostra as diferentes visões do casal Werner e Kattrin Kemper. Ele, representante da face rígida e autoritária da psicanálise, permanece no instituto de Berlim mesmo após sua *arianização* no período nazista; ela, amiga de artistas e intelectuais que faziam oposição à ditadura militar, rebelde e libertária, nos traz a outra face da psicanálise (RUSSO, 2002).

1.3 BOOM PSICANALÍTICO DOS ANOS SETENTA: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

O trabalho da antropóloga Jane Russo (2002) aborda a difusão e expansão da psicanálise nas décadas de 70 e 80. Analisa o fenômeno que chamou de “boom ‘psi’ brasileiro”. O fenômeno abordado por essa autora tem início com a maciça difusão da psicanálise, principalmente a partir da década de 70, tendo como desdobramento posterior as terapias corporais. Jane Russo (1993, p. 20) cita cinco características do fenômeno:

- grande procura de terapia psicanalítica (que podia assumir diversas modalidades) [...];
- aumento do número de especialistas, traduzido por um aumento na procura de cursos de psicologia [...] e grande proliferação dos grupos ou instituições de formação de analistas ou terapeutas linha psicanalítica (FIGUEIREDO, 1984)³;
- penetração da psicanálise (teoria e procedimentos) em outras áreas profissionais, como a medicina clínica ou geral (através da psicossomática), o serviço social, a educação etc.;
- vulgarização de conceitos psicanalíticos (às vezes sob a forma de jargões), nos meios de comunicação [...];

³ FIGUEIREDO, Ana Cristina C. de. *Estratégias de difusão do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro 1970-1983*. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1984.

- surgimento de um ‘dialeto psicanalítico’ utilizado por determinados grupos dentro dos segmentos apontados acima, especialmente os mais intelectualizados.

Em seguida, escreve sobre o crescimento do ensino da psicanálise nas faculdades de medicina, citando artigo de Eduardo Mascarenhas, datado de 1979. Também fala sobre o trabalho de Manoel Berlinck, de 1989, que escreve sobre a presença crescente da psicanálise nos meios de comunicação de massa (jornais, tv, livros e revistas), demonstrando o interesse das pessoas pelo assunto. Cita uma pesquisa do Conselho de Psicologia de São Paulo, a qual revela que metade da população da Cidade de São Paulo se interessa pela psicanálise, além de o Brasil ser o terceiro mercado mundial em publicações de psicanálise (RUSSO, 1993).

A autora refere também o trabalho de Figueira⁴, que analisa a produção de uma *cultura psicanalítica*, fruto de intensa difusão da psicanálise no Brasil, como um fenômeno social importante, que vai além de um simples modismo, produzindo uma visão de mundo e uma maneira de funcionamento do sujeito. Mas a difusão da psicanálise no Brasil, apesar da sua importância, restringe-se a segmentos das classes médias e altas das cidades, que estão além dos traços unicamente socioeconômicos, mas liga-se a certo estilo de vida, grupos de *status* (RUSSO, 1993).

Escreve Jane Russo (1993, p. 22): “Tentarei caracterizar, a seguir, que grupos de status são esses e que estilo de vida é esse que incorpora a psicanálise como um de seus bens simbólicos mais preciosos.” A psicanálise difundida, marcando um estilo de vida de determinados grupos de *status* é trazida no trabalho de Roberto Sagawa. Segundo Russo (1993), ele mostra os primórdios da difusão da psicanálise em São Paulo no início do século; cita as palestras da Sociedade Brasileira de Psicanálise⁵, como *acontecimento social*.

Essas reuniões eram frequentadas por modernistas como Tarcila do Amaral, Menotti Del Picchia, Olívia Guedes Penteado e outras pessoas que pertenciam à aristocracia cafeeira paulistana. A participação desse grupo de alta posição social foi de grande importância para a implantação e difusão da psicanálise, que nesse período era alvo de suspeitas e críticas negativas. A psicanálise é recebida favoravelmente por esses dois grupos – o de artistas de vanguarda e o da aristocracia cafeeira paulistana –, grupos que, apesar de pertencerem a

⁴ FIGUEIRA, Sérulo. Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas. *Revista da APPIA*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 1976; Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas II: Robert Castel e Michel Foucault. In: FIGUEIRA, S.A. (Org.). *Sociedade e doença mental*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

⁵ Instituição fundada em 1927.

classes diferentes, aproximam-se pelo estilo de vida adotado. Assim, a psicanálise difundida marca um estilo de vida em um grupo de *status* determinado.

Caminhando da década de 20 para os anos 70, Russo (1993) busca o estilo de vida que passa a imperar em setores das camadas médias da sociedade urbana brasileira e traz o trabalho de Gilberto Velho (1975⁶), em sua tese *Nobres e Anjos – um estudo de tóxicos e hierarquia*, no qual apresenta um grupo que ele denomina *aristocracia de estratos médios*, os quais subdivide em dois outros grupos, sendo um deles composto por *vanguardistas aristocratizantes* que pertencem à *roda intelectual-artística-boêmia* carioca, onde encontra a psicanálise integrada ao seu *estilo de vida*. Os temas encontrados nessa pesquisa parecem convergir, segundo Russo (1993), para o indivíduo como valor fundamental. A individualidade é buscada ao enfatizar a busca da verdadeira vocação, da autenticidade, da igualdade entre homens e mulheres, uma educação livre para os filhos. A mudança pode ser vista nessa pesquisa como oposição ao estilo de vida das famílias de origem.

A autora traz também o trabalho de Sérvulo Figueira (1976)⁷, que, a partir de dois temas das reflexões de Gilberto Velho – modernização e mudança –, traça um paralelo entre a mudança e a modernização no interior da família e também na sociedade, tomando como referência a noção de desmapeamento. Assim, tenta, pela primeira vez, produzir uma teoria sobre o fenômeno da intensa difusão da psicanálise no Brasil. Figueira (1976 apud RUSSO, 1993) fala da autonomia e isolamento da família nuclear e do esfacelamento da rede de parentesco (família extensa). Esta família não dispõe de *mapas* ou estes são contraditórios para lidar com situações da vida conjugal. Esse autor define mapa como uma “[...] metáfora que se refere ao conjunto de regras, procedimentos, experiências físicas, emocionais que é lícito atualizar em tais circunstâncias.” (FIGUEIRA, 1976, apud RUSSO, 1993, p.31). Na conclusão de trabalho posterior, escreve Figueira (1985⁸, apud RUSSO, 1993, p.34): “É da modernização acelerada da família e da sociedade brasileiras que surge uma demanda de mapa, de mapeamento que vem sendo suprida pelo psicologismo”.

Jane Russo (1993) traz ainda o trabalho de Roberto DaMatta (1978)⁹, que discute as contradições da modernidade brasileira do ponto de vista cultural. Destaca a análise feita pelo

⁶ VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. 1975. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

⁷ FIGUEIRA, Sérvulo. Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas. *Revista da APPIA*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 1976.

⁸ FIGUEIRA, Sérvulo A. Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. In: _____. (Org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁹ DaMATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando? – um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: _____. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

autor sobre o uso da expressão “você sabe com quem esta falando?” e a proposta de uma distinção entre indivíduo e pessoa (pessoa como entidade capaz de remeter ao todo), bem como a noção de indivíduo ligada a uma caracterização jurídica, escrevendo que a lei é para todos os ditos *malnascidos* e, para os amigos, tudo.

A pesquisa de Tania Salem¹⁰, citada por Russo (1993, p.55), faz referência a pesquisas de um grupo reunido em torno de práticas “alternativas” (psicológicas ou não), que pode ser tido como “primo mais novo” do grupo pesquisado por Gilberto Velho, uma segunda geração dos grupos formados no período do ‘boom psicanalítico’ e conclui: “[...] enquanto a geração parental distinguiu-se da precedente em termos de classe, o anseio pela diferenciação se expressa, nos filhos, em uma instância propriamente simbólica”.

Jane Russo (1993, p. 54) coloca: “Meu interesse é investigar o funcionamento da psicanálise (e outras práticas ‘psi’) enquanto estilo de vida, isto é, enquanto produtoras de uma ‘cultura psicológica’”. Mais adiante: “Qual a relação entre a mobilidade social da geração parental, o comportamento ‘vanguardista’ (ou pelo menos contestador) dos filhos e a ‘cultura psicológica’?” (RUSSO, 1993, p.55). A resposta é a ascensão social dos pais e como isso gera problemas para aqueles que estão envolvidos, analisando que ascender socialmente é algo que ultrapassa o ganhar dinheiro e envolve o que chama de estilo: “É como se, uma vez tendo-se dinheiro, o importante passasse a ser o que o dinheiro teoricamente não pode comprar” (RUSSO, 1993, p.55). Mais adiante, enuncia: “Comentando Weber, Bourdieu (1974) afirma que ‘os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser, irreduzível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens [...]’”. Russo (1993, p.56) traz uma questão que diz respeito a uma estilização da vida, que Bourdieu chama de distinção:

Trata-se de um problema porque o sujeito, filho de pais que ‘subiram’ (ou ‘sobem’) na vida, tem a possibilidade de perceber que falta algo nesse processo. Algo que, à maneira da “falta” psicanalítica, lhe é impossível obter. Falta-lhe, exatamente, a qualidade de alguém cuja trajetória não foi ascendente. Alguém que já nasceu assim – que se define não por um ter, mas por um ser. É nessa falha, tão estrutural quanto estruturante, que segundo meu ponto de vista, uma “cultura psicológica” encontra solo fértil para se desenvolver.

¹⁰ SALEM, Tânia. *Sobre o “casal grávido”*: incursão em um universo ético. 1987. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

Apoiada no trabalho de Bourdier¹¹, *La Distinction*, Russo (1993) procura justificar suas hipóteses, afirmando que, no espaço social, Bourdier aponta duas dimensões fundamentais: o volume e a estrutura do capital possuído pelos grupos que estão distribuídos neste espaço a partir de seu poder aquisitivo, do capital econômico e do capital cultural, que está relacionado com sua cultura legítima e as escolhas éticas e estéticas. Bourdier (1979, apud RUSSO, 1993) elabora um modelo teórico, no qual três esquemas se superpõem a partir da estrutura e do volume do capital dos diferentes grupos sociais: o espaço das condições sociais (refere-se ao volume e à estrutura do capital dentro das suas diferentes espécies); o espaço dos estilos de vida (são as práticas e as propriedades dos estilos de vida, onde se manifesta cada uma das condições sociais); o *habitus*.

Através desse esquema, Jane Russo (1993) traz a ideia de mobilidade social como algo que acontece não só de maneira ascendente e descendente, mas também transversalmente. Portanto é possível mover-se de um lado para o outro no espaço dos estilos de vida, sem alterar o volume do capital nem a qualidade ou estrutura deste. Sendo assim, a partir do capital econômico herdado da família de origem, ocorre uma busca para aumentar o capital cultural. O movimento transversal no espaço dos estilos de vida implica, habitualmente, uma erradamente negação do estilo abraçado pelo grupo de origem, colocando não só opções éticas, mas também estéticas. Esta ruptura ética e estética com o meio social de origem resulta em um afastamento dos valores dos pais no seu percurso ascendente. A psicanálise e, em seguida, outras teorias e práticas “psi” viabilizam o autoconhecimento e possibilitam mudanças. É nesse movimento que Jane Russo (1993) coloca a possibilidade de compreender a produção e a difusão da cultura psicológica, tomando os grupos estudados por Tânia Salem, Gilberto Velho e outros.

No próximo capítulo, trataremos da ambiência “psi” na Bahia, ao discorrer sobre a psiquiatria e precursores da psicanálise, o surgimento do curso de Psicologia em Salvador e as aproximações com a Psicanálise.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.

2 AMBIÊNCIA “PSI” NA BAHIA

2.1 PSIQUIATRIA E PRECURSORES DA PSICANÁLISE

Até o final do século XVIII, na Europa, o louco ocupa o mesmo espaço dos ladrões e mendigos. A psiquiatria surge em paralelo ao aparecimento do hospício. Durante a Revolução Francesa, o médico Phillip Pinel liberta os loucos das correntes que os prendiam no hospital. Esta atitude é um símbolo da libertação do louco pela ciência, que cuidará do seu tratamento. A loucura passa a ser tratada pela medicina com medicação e confinamento (RUSSO, 1993).

A autora relata que, no Brasil, até meados do século XIX, os alienados mentais não tinham assistência médica. Na década de 30 daquele século, a comunidade médica manifestou-se com os primeiros protestos contra essa situação, tentando repetir no Brasil o gesto libertador de Pinel. A partir de 1838, José Clemente Pereira, então nomeado provedor da Santa Casa de Misericórdia, inicia uma campanha para a construção de um hospício. Dom Pedro II, ao ascender ao trono em 1841, assina o decreto de fundação do futuro hospício Pedro II, inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro.

Críticas surgiram a respeito da superlotação e inadequação do tratamento médico no referido hospício. Com a proclamação da República, o Hospício agora chamado Hospício Nacional dos Alienados, foi desanexado da Santa Casa, tendo seu primeiro diretor médico, José Carlos Teixeira Brandão, que também ocupou alguns anos antes, em 1882, a recém-fundada cátedra de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Mentais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RUSSO, 2002).

Jacobina (2001, p. 109), em sua tese sobre a história da psiquiatria na Bahia, escreve:

A Psiquiatria brasileira inicia, portanto, o século XX com uma conquista jurídica, que garantiu sua autonomia em relação à instituição religiosa e ao aparelho jurídico no cuidado ao alienado, pois a Lei Federal de 1903 legitimou a competência médica na intervenção sobre a alienação mental. Essa lei representou também a explicitação da responsabilidade do Estado na organização dos serviços de assistência aos alienados. Criou uma fiscalização para os estabelecimentos particulares e garantias legais para a que já existia nos hospitais públicos. A seqüestração arbitrária do louco, muito praticada no Império, foi um pouco mais limitada e redefinida, buscando proteger os alienados contra as reclusões carcerárias

vigentes. O Estado brasileiro passou, no plano legal, do *direito* de punir para o *dever* de dar assistência. O próprio Nina Rodrigues (1906:386) que criticou as insuficiências e equívocos da lei, não deixou” de apontar seus méritos. Agora, livre da ingerência “leiga” e com o monopólio legal, os agentes da prática médica prometiam um futuro promissor no cuidado aos *psicopatas* (termo que, inicialmente, significou, de acordo com sua etimologia, os doentes mentais em seu conjunto), que passariam a ser tratados exclusivamente pela racionalidade da “ciência médica”.

O primeiro Asilo de Alienados de Salvador – o Asilo São João de Deus – é inaugurado em 24 de junho de 1874. Até então, a cidade não dispunha de local apropriado para doentes mentais. Estes eram colocados na enfermaria de loucos no subsolo do Hospital da Santa Casa (JACOBINA, 2001).

Em finais do século XIX, o médico baiano Juliano Moreira torna-se eminente figura da psiquiatria brasileira. Filho de pais pobres, ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia aos 13 anos como interno e, aos 23, passa a ser professor substituto da Seção de Doenças Nervosas nessa mesma universidade. Após uma tuberculose, vai à Europa para tratamento, e lá participa de cursos ministrados pelo médico alemão Emil Kraepelin, que, no final do século XIX, desenvolve o mais moderno método de observação e diagnóstico de alienados mentais. Ao se voltarem para os laboratórios de anatomia patológica, os alemães procuram a causa orgânica da doença mental, vinculando-a ao cérebro e ao sistema nervoso (RUSSO, 2002).

Cabe repetir que Juliano Moreira foi o primeiro médico a citar Freud na América Latina. Em 1899, fala das ideias freudianas na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo o primeiro, portanto, a difundir a psicanálise no Brasil. Esta difusão era feita em suas conferências e nas orientações dadas aos seus alunos. O acesso ao texto freudiano era facilitado pelo domínio da língua alemã e pelas suas viagens à Europa. No ano de 1914, Juliano Moreira faz uma comunicação sobre a teoria freudiana, na Sociedade Brasileira de Neurologia.

Russo (2002) e Perestrello (1992) fornecem distintas informações a respeito da atuação de Juliano Moreira com relação à psicanálise. A primeira escreve que nenhum dos biógrafos desse médico afirma que ele tenha praticado algo parecido com psicanálise, embora tenha sido escolhido, em 1929, para presidir a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Perestrello (1992) afirma que, em seguida à comunicação feita em 1914, referida no parágrafo anterior, Juliano Moreira admite a psicanálise como recurso de diagnóstico e tratamento no Hospital Nacional do Rio de Janeiro.

De acordo com Lima (2003), as informações coletadas apontam para o fato de que Juliano Moreira, desde as primeiras décadas do século XX, percebeu a importância da psicanálise para a compreensão e o acompanhamento do paciente psiquiátrico, o que está bem ilustrado numa homenagem que lhe foi feita por Murilo Campos, por ocasião da sua morte, em 1933.

Em 1926, um serviço de psicanálise começa a funcionar na Liga Brasileira de Higiene¹², por iniciativa de Ernani Lopes e sob orientação de Juliano Moreira. Há um consenso em considerar Juliano Moreira o mais importante intelectual das três primeiras décadas do século XX.

No ano de 1927, como relata Lima (2003), foi fundada em São Paulo a primeira sociedade psicanalítica, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, tendo como presidente Franco da Rocha e como secretário Durval Marcondes. Em 1928, Marcondes patrocina a fundação, no Rio de Janeiro, da primeira filial da Sociedade Brasileira de Psicanálise – seção Rio de Janeiro, sendo presidente Juliano Moreira e Porto-Carrero, secretário.

Em 1929, o Hospital Nacional de Alienados, dirigido por Juliano, Carneiro Ayrosa e Murilo de Campos, inicia tratamentos psicanalíticos.

Porto-Carrero, em 1932, dedica o livro *A Psicologia Profunda ou Psicanálise* a Juliano Moreira, seu mestre e amigo, com quem iniciou o estudo da obra de Freud, em 1918 (LIMA, 2003).

Um nome de destaque, entre os precursores da psicanálise na Bahia e no Brasil, é Arthur Ramos (1903-1949). Este psiquiatra e etnólogo alagoano considerava-se filho da Bahia *pelo coração e pela inteligência*. Conclui sua graduação na Escola de Medicina da Bahia e, em Salvador, trabalha nos primeiros anos da sua carreira, tornando-se posteriormente professor de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia do Distrito Federal, Rio de Janeiro (LIMA, 2003). A autora constata a contribuição inusitada de Artur Ramos para a psicanálise, facilitada pelo seu conhecimento de inglês, francês e alemão, o que possibilita a leitura de livros estrangeiros, particularmente das obras de Freud no original. Na produção de Arthur Ramos, Lima (2003) destaca:

- escreve para o jornal *Diário da Bahia* e a *Revista Acadêmica*, quando estudava medicina;

¹² Fundada em 1923.

- defende sua tese de doutoramento em medicina sobre *Primitivo e Loucura*, fazendo citações de Freud e Ferenczi, dentre outros. Por este trabalho, recebeu o Prêmio Alfredo Brito, comentários em revistas de neurologia e psiquiatria da França, dos Estados Unidos e da Argentina, inclusive uma correspondência de Freud, agradecendo o envio da tese;
- publica, em 1926, aos 24 anos, o ensaio *Augusto dos Anjos à luz da Psicanálise*;
- participa da sessão de psicanálise do Congresso Latino-Americano de Neuro-Psiquiatria e Medicina Legal, juntamente com Durval Marcondes, Porto-Carrero e Murilo de Campos, em 1929;
- publica o seu primeiro livro, intitulado *Estudos de Psicanálise* em 1931, muito elogiado por José Calazans pela clareza e precisão na exposição das teorias de Freud e escolas dissidentes;
- em 1931, escreve *A Angústia: Ensaio Clínico e Psicanalítico*, uma comunicação para a Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia. Neste ensaio, evidencia estar ciente das últimas ideias de Freud em *O Mal-estar da Civilização* e *Futuro de uma Ilusão*, publicados em 1927 e 1920, respectivamente;
- publica o livro *Loucura e Crime* em 1932, no qual o ensaio citado é incluído;
- em 1931, o Boletim do *International Journal of Psychoanalysis* informa que seu nome consta como membro baiano da Sociedade Brasileira de Psicanálise;
- nesse período, Arthur Ramos reúne-se com Hosannah de Oliveira, Estácio de Lima, Lages Neto e Luiz Rogério para estudarem as obras de Freud, com regularidade;
- em 1931, publica *Uma Orientação Bio-dinâmica e Evolucionista da Psicanálise*;
- no ano de 1932, escreve *O Mito de Iemanjá e suas Raízes Inconscientes*. A questão feminina também é contemplada por esse autor em conferências e publicações, a exemplo de *A Mulher e a Psicanálise*, *O Feminismo em Alagoas*, *A Mulher de Nossos Tempos*, *A Mulher em Face da Ciência Contemporânea*.

De acordo com relato de Lima (2003, p.55), em 1933, em artigo intitulado “O Movimento Psicanalítico”, Arthur Ramos dá notícias sobre novas revistas editadas em Roma e nos Estados Unidos. A autora informa ainda sobre a primeira tradução para o português de *Cinco Lições de Psicanálise*, por Durval Marcondes e Barbosa Correia, alguns livros de Porto-Carrero e de Gastão Pereira da Silva; trabalhos dos baianos Hosannah de Oliveira e

Lages Neto, interessados na aplicação psicanalítica à pediatria e à pedagogia. Outra informação importante é o lançamento da Revista *Estudos de Criminologia e Psicanálise*, fundada pelo baiano Francisco Mangabeira, e do artigo “Wilde em face da Psicanálise”, de Artur Ramos.

Ainda em 1933, consoante a autora referida anteriormente, foi publicado o livro *Freud, Adler e Jung – Ensaios de Psicanálise Ortodoxa e Herética e Psiquiatria e Psicanálise*, entre outros. Em seguida, os artigos, “A Teoria da Psicanálise Infantil” e “Educação e Psicanálise”. Nestes, há uma interessante observação de Arthur Ramos sobre a grande importância da análise do educador: “[...] o ideal seria a formação psicanalítica a todos os responsáveis pelo desenvolvimento mental da criança, pais, nurses, educadores [...]” (LIMA, 2003, p.34).

Lima (2003) também informa que Arthur Ramos foi convidado para chefiar uma seção do Instituto de Pesquisas Educacionais, da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal (RJ), em 1934, inaugurado nesse mesmo ano, no qual introduziu a técnica psicanalítica. A partir de 1934, ele se interessou pela cultura negra, tornando-se um africanista reconhecido internacionalmente. Sua publicação *O Negro Brasileiro – Etnografia Religiosa e Psicanálise* foi traduzida para outras línguas. Ao publicar o livro *Loucura e Crime*, em 1937, insere artigos do período em que atendia pacientes na Bahia (1926-1933).

Arthur Ramos morreu subitamente em Paris, a 31 de outubro de 1949, aos 46 anos de idade, quando trabalhava no Departamento de Ciências Sociais da Unesco e projetava o que viria a ser sua última obra, *Um Balanço da Psicanálise*.

Como vimos, Juliano Moreira, com seu pioneirismo, e Arthur Ramos, com sua vasta produção, conferem à Bahia um lugar de destaque na história da difusão da psicanálise no Brasil.

Em seguida, passaremos às décadas de 50 e 60, com o movimento para a fundação do curso de Psicologia em Salvador.

2.2 SURGIMENTO DO CURSO DE PSICOLOGIA EM SALVADOR

Na década de 50, a Universidade Federal da Bahia vivia um momento de plena expansão. O reitor Edgar Santos trabalhava pela qualidade do ensino universitário e disponibilizava recursos para a criação de institutos, que, além de desenvolverem um trabalho

acadêmico, prestavam serviços à comunidade. Dentre esses institutos, no início de 1958 foi criado o Instituto de Orientação Vocacional (IDOV), sob a orientação do médico Emilio Mira y Lopez. Em 1957, começaram os contatos com Mira y Lopez. Algumas pessoas viajaram para o Rio de Janeiro, onde foram estudar no Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getulio Vargas (ISOP), instituto dirigido pelo referido médico.

O IDOV foi o primeiro polo de atendimento psicológico na Bahia, ligado à universidade; antes ocorreram algumas pequenas tentativas, como o Centro de Orientação Juvenil em Nazaré. No IDOV, realizou-se um trabalho sistemático, com um quadro de profissionais qualificados. Lá estavam a psicóloga e educadora Alice de Oliveira Costa e profissionais provenientes da pedagogia e da filosofia: Romélia Santos, Noélia Leilo Baqueiro, Urânia Tourinho Perez, Moema Araújo, Doren Barreto Rosas, Mercedes Cunha de Mendonça, Gicele Matos, Virgínia Martineli, Leopoldo Roberto de Carvalho, Zélia Madeira. O primeiro diretor foi Emilio Mira y Lopez. Participaram também os médicos Norival Sampaio, Julio Leitão Guerra. Entre mais alguns técnicos, estava, inclusive, um estatístico, Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira (RAPOLD, 2003).

O IDOV pode ser considerado um centro de excelência, no qual as técnicas de exame e aconselhamento psicológico eram aplicadas, desenvolvidas e padronizadas para a população do Nordeste, sendo provido de todos os recursos necessários pelo reitor Edgard Santos. Durante dez anos, o IDOV funcionou como uma escola de formação de pessoal, com uma supervisão permanente e uma equipe interdisciplinar. Como havia demanda por parte da população, que procurava o IDOV não somente para orientação vocacional, mas também para acompanhamento psicológico, o serviço desse instituto foi ampliado para atender às solicitações da comunidade. Com a reforma universitária (1967-1968), o então reitor Roberto Santos extinguiu o IDOV (RAPOLD, 2003). Os depoentes E20 e E21 também relatam esses fatos.

No ano de 1968, o curso de Psicologia foi criado, após dez anos de luta do médico João Inácio de Mendonça, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, contando com a psicóloga Mercedes Cunha de Carvalho na sua implantação e consolidação. Mercedes permaneceu no curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia durante trinta anos. Na sua entrevista, informa que a profissão de psicólogo fora regulamentada desde 1962, existindo desde então cursos de Psicologia em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Recife.

Na opinião de uma das psicólogas entrevistadas, a criação do curso de Psicologia na Bahia foi tardia. Este fato é por ela atribuído a uma resistência muito grande da classe médica, que não pretendia dividir o espaço existente com os psicólogos. João Inácio de Mendonça já

estava envolvido nessa luta antes mesmo da regulamentação da profissão; ressaltava a necessidade da formação de profissionais na área de psicologia, pois esta já era exercida por profissionais formados em pedagogia, filosofia e professoras primárias que faziam um curso no ISOP, no Rio de Janeiro. Também houve os que recebiam uma orientação de determinado psiquiatra e começavam a aplicar provas psicológicas. Assim, eram ocupados alguns espaços de atuação do psicólogo. Entretanto, a sociedade baiana dessa época já demandava o trabalho do psicólogo, como ilustra o abaixo assinado da comunidade de Salvador, solicitando a abertura do curso.

Finalmente, em 1968, o curso de Psicologia foi criado na gestão do reitor Roberto Santos, pouco antes da reforma universitária acontecer, como relatam E20 e E21.

2.3 APROXIMAÇÕES COM A PSICANÁLISE

Na década de 50, ao assumir a chefia do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Rubin de Pinho promove uma reformulação do currículo da residência em psiquiatria, inserindo, para estudo, textos das obras completas de Freud. Em 1954, segundo a depoente E3, Adilson Sampaio, professor dessa universidade, apresenta a dissertação de mestrado intitulada *Contribuição ao Estudo da Organicidade em Neuróticos*, com vasta bibliografia de textos psicanalíticos. Também nessa década, começou a funcionar o Instituto de Psicologia, fundado pelo psicólogo Martin Dubois, com trabalho na área de psicologia clínica.

Em finais dos anos 60, em Salvador, começava a existir uma demanda para que a Psicanálise se instalasse e grupos se articulavam para que isso se efetivasse. A partir de contatos feitos com uma sociedade psicanalítica de Belo Horizonte, o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, formado por profissionais da psiquiatria e também da psicologia, Carlos Pinto Corrêa, psicólogo e psicanalista didata dessa instituição, foi indicado para vir a Salvador com a possibilidade de fundar a primeira instituição psicanalítica do Estado baiano. No final de 1970, ficou acertado para fevereiro de 1971 o início de um curso sobre psicanálise, a ser ministrado por Carlos Pinto Corrêa no Instituto de Psicologia, então dirigido pelo psicólogo Martin Dubois. Foram agendadas entrevistas com candidatos interessados em fazer formação em Psicanálise. A partir desse momento, a semente do Círculo Psicanalítico da Bahia foi lançada. Em cinco de julho do mesmo ano, tiveram início as análises didáticas, requisito

essencial para a abertura das atividades da instituição e marco da fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia (BRITTO, 2002).

Por outro lado, um grupo vinculado ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia, composto por psicólogos e médicos, fundou o Núcleo de Estudos Psicoterapêuticos (NEP), começando suas atividades em 1970, na Clínica de Atendimento Psicológico e Psicopedagógico (CLAPP), que iniciara suas atividades nesse mesmo ano. Havia a intenção de promover a vinda de psicanalistas do Rio de Janeiro ou de São Paulo para dar início ao estudo da psicanálise. Propostas foram feitas a sociedades psicanalíticas. Entretanto, aquela que respondeu às solicitações, o fez cobrando um preço que estava acima das possibilidades do grupo. No ano de 1974, Emílio Rodrigué chegou a Salvador com Martha Berlin, psicodramatista, convidado a participar de uma grande celebração no terreiro de candomblé do mestre Didi. Sabendo da sua chegada, Sira Lopes, Urânia Tourinho Perez e Aurélio Souza, pertencentes à CLAPP, solicitaram entrevista com o psicanalista argentino. Dessa entrevista surgiu um programa de psicoterapia de grupo, com a duração prevista para três a quatro anos; assim, Emílio Rodrigué passaria seis meses em Salvador e os outros seis meses na Espanha e em Paris. Após esse período, Urânia Tourinho Perez, Aurélio Souza e outros profissionais solicitaram análise individual a Emílio Rodrigué, que resolveu fixar residência em Salvador. Este relato é feito pelo entrevistado E22.

Conforme afirmado por esse mesmo depoente: “O movimento psicanalítico da Bahia, na década de 1970, era muito forte; significou um impacto cultural”.

Podemos observar que o Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB) e a CLAPP traçaram distintos percursos: o CPB iniciou suas atividades de acordo com a tradição das instituições psicanalíticas, num momento em que as diretrizes do Círculo Brasileiro de Psicanálise tendiam para uma ortodoxia, apesar de a base libertária, na sua origem vienense, ter sido protagonizada por Igor Caruso. A CLAPP começou pelo movimento vanguardista das terapias corporais, trazido por Emílio Rodrigué e Martha Berlin, e pela leitura da teoria freudiana, sob a coordenação de psicanalistas argentinos que vinham a Salvador para esses seminários. A CLAPP, mais adiante, assumiu uma identidade psicanalítica e constituiu o Colégio de Psicanálise da Bahia, consoante depoimentos de E19, E22 e E23.

No capítulo seguinte, o Círculo Psicanalítico constitui-se no foco da atenção. Será abordada sua história desde os primórdios em Viena até a instituição no Estado da Bahia, Brasil.

3 CÍRCULO PSICANALÍTICO: DE VIENA À BAHIA

3.1 CÍRCULO DE PSICOLOGIA PROFUNDA DE VIENA

- INÍCIO

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o crescimento do Movimento Psicanalítico na Europa foi interrompido, particularmente nos países de língua alemã. A maioria dos discípulos de Freud, por serem judeus, se dispersara durante a guerra e a comunicação entre eles se rompeu. A Áustria, primeiro país anexado ao III Reich, tornara-se um ambiente hostil a Freud e à psicanálise.

Durante a guerra, Igor Caruso, não sendo judeu, permaneceu em Viena, onde travou conhecimento com o grupo de estudos de Viena do Instituto Imperial para Investigação Psicológica e Psicoterapia, iniciando análise didática com Augusty Aichhorn, passando mais tarde para Vicktor von Gebsattel, sem nenhuma ligação especial com as escolas correntes. (BRITTO, 2002).

Caruso, russo de nascimento e psicólogo por formação, atuava como professor da Universidade de Viena e realizava, em paralelo, seminários com a proposta de *repensar Freud a partir de suas origens*. Inicialmente, tratava-se de um grupo de estudos da teoria e prática psicanalíticas, sem objetivo institucional, congregando freudianos ortodoxos, adlerianos, junguianos e outras pessoas que, como Caruso, não pertenciam a nenhuma dessas posições, mas eram analisados por freudianos (EDELWAISS, 1966).

Nessa época, o meio psicanalítico ortodoxo mantinha-se muito fechado. Não era possível, com liberdade, discutir a doutrina freudiana, nem voltar às origens para repensar Freud. Criando um espaço para uma leitura questionadora e dialética, os seminários de Igor Caruso tornaram-se muito procurados. O grupo de estudos de psicanálise rapidamente se expandiu, tendo início, na fase final da Segunda Guerra Mundial, o Círculo de Estudos de Psicologia Profunda de Viena – Wiener Arbeitskreise Fur Tiefen Psychologie (WATP) – por iniciativa de Igor Caruso (CORRÊA, 1981).

Com o término da guerra, em 1945, a psicanálise foi retomada e revitalizada. De modo mais formal, o Círculo constituiu-se, em 1947, como junta de pesquisas particulares, à qual cabia a tarefa de desenvolver as noções de psicologia profunda e seu emprego na educação,

psicologia prática, medicina, sociologia e outras. O grupo era formado por jovens psiquiatras, psicólogos e também teólogos, que se reuniam quinzenalmente às quartas-feiras. O Círculo de discussões era constituído por 8 a 15 membros, ficando aberto para os não membros. Estes, interessados nas discussões, a despeito de ter frequência variável, constituíram, com o passar do tempo, um núcleo (BRITTO, 2002).

A partir desse núcleo inicial, três psicólogos, insatisfeitos com a psicologia universitária, candidataram-se à formação. Nessa época, esse tipo de formação não era ainda oficial, ou seja, não tinha regras definidas. O referido grupo começou a suscitar o interesse das pessoas por sua informalidade, receptividade e alto nível das discussões, gerando uma atmosfera de agradável convivência; entretanto, para alguns era demasiadamente católico. Gradativamente, o Círculo empenha-se em uma estruturação: na Revista Vienense de Psicologia Prática (*Wiener Zeitschrift Für Praktische Psychologie*), editada em janeiro de 1950, havia a seguinte notícia: “Desde 1945 tem sido realizado um seminário de Psicologia Profunda sob a direção do Dr. Igor A. Caruso que agora se constitui o Círculo Vienense de Estudos de Psicologia Profunda.” (HUBER, 1981, p.7). Também foi nomeada uma diretoria honorífica, o que demonstra a preocupação com a reputação do Círculo.

O Círculo estruturou-se e adotou suas regras:

Sobre o título ‘Determinações provisórias sobre a qualidade de membro efetivo e a instrução necessária para este fim’, consta que o sócio ‘obrigava-se a seguir em regras gerais a concepção integral e universal do homem’ isto sobre a indiscutível ligação transcendente da unidade psicossomática de seu ser e do significado central da sua consciência, o que traz consigo a rigorosa aplicação da análise psicológica e a síntese existencial. A classificação em uma filosofia, não devia em caso algum, favorecer o amadorismo no ofício psicológico e o sócio efetivo devia estar totalmente integrado no método analítico, como os primeiros grandes mestres da psicologia profunda. A autorização para a análise, bem como, as condições para a formação são regidas segundo o comprovado modelo das associações psicanalíticas (análises didáticas, análise de controle, seminários, cursos, centros de estudos, discussão de casuística, prática clínica e publicação de um trabalho científico). Na nota acima indicada consta mais ainda: “O Círculo de Estudos condena especialmente qualquer forma anárquica do processo de psicoterapia. Junto à análise didática dos terapeutas exigia também, incondicional indicação médica e controle para toda psicoterapia em andamento”. (HUBER, 1981, p. 7).

O rigor do Círculo de Viena fica patente nessas afirmações. Nesse período, segundo o autor citado, o Círculo propunha um entrosamento demonstrável com a obra de Sigmund

Freud e Carl G. Jung. Havia uma posição eclética em harmonizar as diversas escolas da Psicologia Profunda. Sob a influência do Existencialismo Cristão, representado por Igor Caruso, almejava encontrar sua integração numa visão universal do homem.

Conforme relato de Huber (1981), o Círculo de Estudos de Viena, nesse período, já detinha uma forte orientação freudiana. O primeiro livro publicado pelo Círculo na Áustria, após a guerra, tem como título *A Transposição de Valores da Psicanálise (Die Unwertung der Psychoanalyse)*, de Wilfried Daim. Sobre essa obra, Huber (1981, p.8) comenta:

O livro procurava uma “estrutura comum à psicanálise e a religião”. A introdução de pontos de vista fenomenológicos da filosofia existencialista de Heidegger possibilitou a síntese da religião e psicanálise. No fim colocava Daim a pergunta: “somos ainda psicanalistas?” E apoiando-se nos critérios criados por Freud para o conceito de psicanálise, tenta dar uma resposta – “Nós não somos psicanalistas. Nós não o somos mais, isto no sentido que nós ultrapassamos”.

Em 1952, Igor Caruso publica o livro *Psicanálise, Síntese da Existência*. No seu comentário a respeito desta obra, Huber (1981, p.) diz:

O livro fora imaginado como uma consideração crítica elaborada da psicanálise e vista de uma perspectiva das ciências do espírito. A sua posição frente à psicanálise como um método inventado por Freud e aplicado à investigação do inconsciente, fica ligada a certa polêmica, quando ele escreve: “entendo bem sob este termo (análise de comportamento) – a técnica, não porém a totalidade, das teorias, explicações e generalizações dos mestres geniais da qual ortodoxos freudianos se apoderaram’. Encontramos tal crítica também em seu professor Von Gebattel. No exemplo da neurose – tornando absoluta uma verdade parcial de uma hierarquia dos verdadeiros valores consolidados no transcendente – a psicoterapia é compreendida por Caruso como libertação de fixações, a qual no caminho da verdade vivida, conduz a uma nova síntese existencial. O livro era de certo modo, um resumo dos trabalhos e do pensamento de Caruso e de seu Círculo até então, formando ao mesmo tempo o substrato para os novos “Estatutos” da WATP de março de 1953.” [...] No parágrafo 07 está isto: “a técnica da nossa psicanálise personalítica é em traços essenciais, a da psicanálise clássica”. Nós a completamos através de um intenso trabalho com o paciente. Com o propósito de confirmar o rígido método psicanalítico, abstendo-se entretanto, de toda influência sobre o paciente na sua concepção do mundo, e por outro lado, querendo ver este método completado pelo paciente, favorecendo a formação ativa de material analítico [...]

Em 1950, nas determinações provisórias do Círculo de Viena, Freud e Jung não são mais citados nominalmente e não é encontrada mais nenhuma referência direta a Carl G. Jung, mas a concepção de Psicanálise está nos estatutos, ficando a expressão *Psicanálise Personalítica* como própria do Círculo de Psicologia Profunda de Viena. A receptividade ao livro de Caruso, *Psicanálise, Síntese da Existência*, publicado em Viena pela Editora Herda, fica patente por ter conseguido, em um ano, quatro edições em língua estrangeira: alemã, italiana, espanhola e grega. Também são editadas em seguida as versões em francês e inglês. Esta acolhida ao livro de Caruso fez com que o Círculo se projetasse, aparecendo candidatos estrangeiros para formação e pós-graduação na instituição, particularmente provenientes da América do Sul (HUBER, 1981).

- AMPLIAÇÃO DO CÍRCULO DE PSICOLOGIA PROFUNDA DE VIENA¹³

Através das Atas do Círculo de Psicologia Profunda de Viena, Huber (1981) identificou como temática estudada nos Seminários Gerais realizados anualmente, entre 1949 e 1952, o empenho em estabelecer *uma psicologia profunda personalítica, filosófica e metodológica*, com contribuições não sistemáticas de colaboradores isolados. Em 1952, foi criado também um Centro de Estudos de Psicologia Coletiva e da Teoria da Doutrina dos Impulsos. Nesse momento, a obra de Freud é estudada intensivamente, apesar da convicção de a terem ultrapassado. “Na conclusão das atas do ano de 1953 constava que o modo de considerar genético-biológico, isto é, psicanalítico redutivo, se bem que limitado, mesmo assim indispensável para a compreensão do desenvolvimento das funções psíquicas” (HUBER, 1981, p.10).

Ainda de acordo com o autor citado, de 1953 a 1954, foi tema dos seminários: *Formação de Símbolos, principalmente considerando os símbolos coletivos*. Entre 27 de abril e 1º de maio de 1954, o Círculo de Estudos de Bruxelas organiza um simpósio sobre o tema *A Psicologia da Pessoa*. O presidente, Igor Caruso, abre o seminário com a exposição *Pessoa e Símbolo*. Participam deste simpósio cerca de quarenta profissionais, expoentes de muitos países europeus:

Uns quarenta participantes de muitos estados europeus – expoentes das mais diferentes direções – discutiram vinte relatórios. Junto aos austríacos O. Arnold, E. Frühmann, E. Grünewald, R. Schindler, A.

¹³ As informações apresentadas nesta seção foram extraídas da obra de Huber (1981).

Wegeler encontravam-se nomes como Von Gebattel (Würzburg), B. Stockviss e E.A. D. E. Carp (Liden), F. J. Buitendijk (Wtrecht), E. Bohn (Kopenhagem), V. White (Oxford), J. Nuttin (Louvain), J. Rudert (Heidelberg), J. Rudin (Zurich), A. Vetter (München) e outros mais. Os citados marcaram aproximadamente o espaço no qual o “Círculo de Estudos” tinha encontrado ressonância. O campo de referências estendeu-se de um apêndice volumoso abrangendo o psicólogo de Würzburg, Wilhelm Rivers sobre as transformações, o desenvolvimento e a íntima correspondência do conceito de *Pessoa* em filosofia e psicologia até a contribuição do psicanalista francês (J. Lacan – Paris) o qual aprofundou a íntima dialética da pessoa em teoria e técnica. Uma parte do relatório do “Simpósio” foi publicado no anuário de Psicologia e Psicoterapia em 1955. Que Igor Caruso também tivesse pronunciado o discurso de encerramento “Perspectiva de uma Psicologia Profunda da Pessoa” é marcante para seu significado pessoal dentro deste Círculo. (HUBER, 1981, p. 11, grifo do autor).

Em 1954, o tema do Círculo de Estudos foi *Ambivalência*, que é declarada lei básica da evolução dialética.

De 1956 a 1957, *O Ego*, compreendido no sentido da antropologia personalítica como personalização, é o tema estudado:

Esta formação do Ego, entretanto, deve ser vencida, por outro lado, através da integração do Ego na relação pessoal do homem. Trata-se aqui, evidentemente, da tentativa de um acordo co [sic] conceito personalítico filosófico e a Psicologia do Ego de Freud. Além do esforço de submeter a psicanálise, principalmente do ponto de vista da antropologia filosófica, a uma crítica e de adaptá-la a uma concepção de acordo com as próprias conceituações, tentou-se conseguir complementar no plano dos seminários especiais, o quadro da psicanálise através da confrontação com disciplinas correlatas e através aprofundados estudos com a psiquiatria, a investigação comparativa do comportamento, a sociologia, etc. [...] Baseando-se na verificação que o conceito de S. Freud era demasiadamente orientado em eventos intrapsíquicos – ele compreendia o meio ambiente simplificado sem analisá-lo pormenorizadamente – e também que os conhecimentos de escolas tradicionais quanto à estrutura e a dinâmica da comunidade humana eram pouco satisfatórias. (HUBER, 1981, p.12).

Assim, o Círculo de Estudos dirige a atenção para a estrutura e a dinâmica de grupo. O seminário de 1956 a 1957 é precedido por uma sociedade de psicologia coletiva, realizada em 1952 e 1953. Em 1956, é realizado um Congresso por ocasião do aniversário de Freud. O

Círculo empenha-se em conseguir uma inserção dialética no trabalho de Freud, no sentido de um aperfeiçoamento.

A publicação do livro *Bios, Psique, Persona*, de Igor Caruso, em colaboração com Edmund F., S. Schindler, A. Wegeler e K. Wücherer-Huldenfeldt, é o resultado de aulas ministradas entre 1952/53 e 1954/55 aos candidatos em formação no Círculo de Estudos de Viena. Um dos aspectos abordados é a *fraqueza filosófica do sistema freudiano*, que consistiu no fato de Freud querer estabelecer a contradição do homem dentro da economia das pulsões, e não entre imanência e transcendência.

Na Áustria, assim como em outros países europeus, a psicologia como fundamento da psicoterapia não se havia modificado nem conseguido penetrar na esfera universitária, nem no Instituto de Psicologia. Porém, era cada vez mais premente a necessidade de psicoterapia. A consequência disso foi o nascimento de grupos e associações que evidenciaram as necessidades vigentes. Assim, o desenvolvimento institucional do Círculo de Estudos de Psicologia Profunda de Viena deve ser observado sob esse aspecto.

Forma-se oficialmente, em 20 de maio de 1954, o Círculo de Estudos de Psicologia Profunda de Viena, segundo o modelo das associações psicanalíticas, ou seja, com estatuto interno e formação padronizada. Ao lado desta, apresenta-se:

[...] a necessidade de uma transcrição rigorosa dos membros da sociedade. A fim de, por um lado, conseguir um limite determinado e, por outro lado, ultrapassando este limite, conseguirem uma abertura mediadora para com aquele círculo de pessoas que não se tinham submetido a uma formação psicanalítica, foi criada uma condição de sócio extraordinário. Refere-se isto aos colaboradores constantes e ativos do Círculo de Estudos, os quais através da sua atividade comprovaram seu interesse sério e produtivo. (HUBER, 1981, p.13-14).

Baseando-se no mesmo propósito, é criada a categoria de membro correspondente, com a finalidade de incluir os simpatizantes ativos do Círculo que tinham entrado em contato através de conferências e outras atividades. A tendência de expansão do Círculo de Estudos na década de 50 pode ser atribuída a dois fatores: o primeiro, à *eficiência internacional de Igor Caruso* que, por meio não somente do seu livro *Psicanálise, Síntese da Existência*, mas também da participação em vários congressos internacionais, estabelece inúmeras relações através de diversos artigos publicados em revistas, traduzidos para o francês, italiano, espanhol, grego e inglês. O outro fator está relacionado ao fato de o Círculo de Estudos preencher uma lacuna na esfera da psicoterapia, particularmente com relação ao pensamento católico, para o qual a

recepção da psicanálise freudiana permaneceu durante muito tempo incompatível. A Nova Escola de Viena, portanto, aceita todas as hipóteses de Freud, considerando-as carentes de observação crítica. Em Insbruck, ela se expande desde a formação de ambulatorios de psicoterapia até a inauguração de um instituto de psicoterapia e psicologia aplicada. A partir de 1953, passa a existir um grupo do Círculo de Psicologia Profunda de Viena em Insbruck, tornando-se, em 1958, o Círculo de Estudos de Psicologia Profunda de Insbruck, constituído formalmente como sociedade estatutária. No ano de 1956, em decorrência da formação de candidatos oriundos da América do Sul, foi fundado o Círculo de Estudos Brasileiros de Psicologia Profunda, sob a direção de Malomar Lund Edelweiss, que se filiou ao Círculo de Estudos de Viena.

A partir desse período, começa a ser pensada a fundação de uma sociedade internacional.

A “Psicanálise Personalítica” tinha equiparado dentro de si correntes diferentes, foi considerada como denominador comum da teoria e do mesmo modo, para a prática possivelmente, em questões da técnica necessária à análise, intervenção dos analistas, etc. Em 27/12/1958 foi instituída em Insbruck o Secretariado Geral do Círculo de Estudos Internacionais de Psicologia Profunda. (HUBER, 1981, p.15).

Em 17 de junho de 1959, na reunião geral do Círculo de Estudos de Psicologia Profunda de Viena, são traçadas diretrizes que apontam para o resultado do desenvolvimento até então alcançado e objetivando uma base comum ao trabalho futuro do Círculo de Estudos Associados de Psicologia Profunda.

À frente dessas *linhas diretrizes* está, e isso é novo ante os estatutos de 1953, uma confissão a Freud:

O modelo antropológico de Freud mostra-se, sob o ponto de vista heurístico-metodológico, como passível de execução. As hipóteses de trabalho de Freud não podem ser ultrapassadas pela ideologia, mas devem ser revistas dialeticamente por que elas nos oferecem menos um sistema fechado, do que um método prático de exploração da evolução do homem. Daí é o Círculo de Psicologia Profunda de Viena, tal como foi definido nos seguintes artigos, no sentido de Freud, uma sociedade psicanalítica; é, porém, aqui, particularmente acentuada, em frente a qualquer “ortodoxia”, a perspectiva de uma “personalização progressiva” nunca perfeita e continuamente se renovando. Os métodos de investigação e “práxis” de Freud, com suas hipóteses de trabalho, foram considerados praticáveis. Não eram um sistema fechado. Também uma crítica do ponto de vista ideológico é

recusada. A “práxis” do método é a negação incondicional de crítica ao método. A “personalização” tornou-se compreendida dialeticamente e representa a abolição incompleta das contradições humanas em sínteses sempre novas e provisórias: ela se realiza como que em forma de espiral; nem é individuação apenas, nem apenas “socialização”. O homem aspira a vencer a angústia através da defesa e dos mecanismos de defesa. Entretanto, finalmente pode a personalização ser compreendida somente como prenhe do futuro, progressiva e evolutiva já que ela, não pode ser defendida primariamente, através de sua negação (como a pulsão de morte, destruição e outras coisas mais. Assim é a ambivalência, uma lei básica da evolução dialética. O reconhecimento de uma Psicanálise Personalista é, em vista disto uma exigência crítica; obriga-se a uma disposição permanente, de anular parcialmente e de tentar solver por etapas, as contradições da existência humana graças a um método franco. A imagem do homem continua um problema constante e uma tarefa histórica. A pergunta que cada psicoterapia implícita ou explícita faz é: “Quem é este homem e como deve ser?” daí a resposta paradoxal: “Ele deve ser como ele é”. Esta determinação é: “não com a identidade reductiva adquirida na análise”. (HUBER, 1981, p. 15).

3.2 CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE¹⁴

O trabalho do Círculo de Psicologia Profunda de Viena expandiu-se com a abertura de vários círculos na Áustria e, posteriormente, em outros países. Do Brasil, o psicólogo Malomar Lund Edelweiss, reitor da Universidade Católica de Pelotas, e a enfermeira Gerda Kronfeld resolveram deslocar-se até Viena, para serem analisados e participarem de seminários de estudos com o professor Igor Caruso.

Após retornarem ao Brasil, fundaram, em 1956, na cidade de Pelotas, o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, nome dado em analogia ao Wiener Arbeitskreis für Tiefenpsychologie. O Círculo Brasileiro era membro da Internationale Föderation der Arbeitskreise für Tiefenpsychologie, filiando-se mais tarde à International Federation of Psicanalytic Societies.

Nesse período, a IPA, instituição oficial, era considerada a detentora do saber psicanalítico. Por sua origem, o Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) estava marginalizado em relação aos dois núcleos reconhecidos pelos analistas da IPA, no Rio e em São Paulo. No

¹⁴ Na construção desta seção, utilizamos as seguintes fontes: CORRÊA (2004b); HUBER (1981); SILVA (2002); 40 ANOS... (2003) e a entrevista E19.

Rio de Janeiro, já existia uma sociedade dissidente, filiada à corrente culturalista dos Estados Unidos. Surge, então, o Círculo Brasileiro, também dissidente.

Caruso não aceitou o patrulhamento da IPA, que, na época, opinava até sobre detalhes da bibliografia a ser lida. Sua proposta de repensar Freud era, sem sombra de dúvida, incompatível com os objetivos uniformizantes na formação analítica, valorizando as divergências imprescindíveis ao processo de criação intelectual. Sendo um grande pensador, não pretendia impor os seus conceitos. Ele próprio criticava um possível *grupo carusiano*, reafirmando que a psicanálise está em Freud. Caruso caracterizou-se pela fidelidade a Freud e pela concepção de liberdade na construção da trajetória intelectual de cada pessoa.

Em Minas Gerais, um pequeno grupo organizou-se para implantar a psicanálise em Belo Horizonte. O professor Malomar foi convidado, iniciando, em 1963, o trabalho com um pequeno número de candidatos, oferecendo, para aqueles que quisessem se tornar psicanalistas, a chamada análise didática, que incluía a análise pessoal, formação teórica e supervisão. Em Belo Horizonte, a tradução do nome foi corrigida para Círculo Brasileiro de Psicanálise, com as seções de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

Em 1968, Caruso é recebido em Belo Horizonte para coordenar seminários de teoria e técnica psicanalítica e supervisão e ainda ministrar um curso universitário de dois semestres, intitulado: *Filogênese e Ontogênese da Personalização*. Todo o material do curso foi traduzido para o português e editado sob a forma de apostila.

Caruso fez um contrato com editora austríaca e convidou alguns membros do CBP para escrever um livro que seria uma espécie de súmula desse repensar Freud. O projeto foi iniciado, mas defrontou-se com dificuldades editoriais. Como o livro seria publicado em alemão, houve problemas para a recopilação das citações nas línguas originais. Não se encontrando alguém que pudesse assumir este trabalho, o projeto foi suspenso.

Caruso acabou sendo a chancela para o grupo, ainda incipiente de Belo Horizonte, obter o reconhecimento.

O Círculo Brasileiro de Psicanálise elaborou sua carta de princípios:

Carta de Princípios do Círculo Brasileiro de Psicanálise

A Psicanálise é a ciência do Inconsciente, entendido no sentido do texto freudiano, que se marca por sua radicalidade e onde se desenvolve uma metodologia à investigação deste objeto. Isto nos

coloca no espaço do inacabamento. É inseparável a articulação da teoria e da prática na abordagem da Questão Psicanalítica. O objeto específico da Psicanálise, o Inconsciente, define a natureza da Instituição Psicanalítica, a elaboração da teoria, da técnica e da produção científica.

A Instituição Psicanalítica é uma associação de pessoas dedicadas ao estudo e às atividades da Psicanálise, com o objetivo de adquirir, desenvolver, transmitir e aplicar o saber psicanalítico.

A Instituição Psicanalítica tem sua especificidade na relação teoria-transferência. Na Instituição Psicanalítica a produção científica se faz sobre os restos inalisáveis, fazendo destes traços secretos uma condição de formação permanentemente. Este processo desenvolve-se através do convívio com os pares e pela criação de um espaço de palavra sobre o que permanece não dito. Nesta posição, a Instituição Psicanalítica não propicia a fixação de Identificações imaginárias. A Instituição Psicanalítica testemunha a permanente passagem para o “tornar-se”, que se traduz na possibilidade de dar lugar para o inacabamento, através da produção teórica, da prática clínica e institucional. (ESTATUTO..., 1992).

3.3 FUNDAÇÃO DO CPB¹⁵

Com a constituição do Círculo do Rio de Janeiro, formado por psicanalistas que deixavam a IPA, os membros do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais começavam a alimentar ideias expansionistas, percebendo a demanda em algumas cidades. Em 1970, só existiam sociedades psicanalíticas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre (CORRÊA, 1993).

A ideia de Carlos Pinto Corrêa, fundar um Círculo em outra cidade, surgiu durante as reuniões de estudo com Djalma Teixeira de Oliveira, em Belo Horizonte, recebendo incentivo desse colega e de Jarbas Moacir Portela, que lhe atribuíam características de liderança. Nesse momento, havia a possibilidade de expandir o Círculo de Psicanálise nas cidades de Brasília, Salvador e Curitiba. Assim, Carlos Pinto Corrêa conversa com Igor Caruso sobre o seu desejo de fundar um Círculo em outra cidade. Após aceitação dessa proposta pelo fundador do Círculo de Psicologia Profunda de Viena, a ideia tomou forma e Carlos Pinto Corrêa, com o apoio de

¹⁵ Nesta seção, as fontes foram CORRÊA (2004b) e os depoimentos de E1; E2 e E19.

sua esposa, a psicóloga Luzia Corrêa, buscou os meios necessários para efetivar esse empreendimento.

De Salvador, já havia sido feito um convite à médica Eunice Rangel, psicanalista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, encaminhado por grupo de psiquiatras que desejavam a vinda de um psicanalista para a Bahia, com a finalidade de organizar um curso de formação em psicanálise. O psicólogo Carlos Tironi, radicado em Salvador, que na época fazia formação psicanalítica no Círculo de Minas, também alimentava a ideia da fundação de um Círculo na Bahia.

Contando com o incentivo dos colegas de Minas Gerais, inicialmente Carlos Pinto Corrêa foi com sua esposa para Brasília, em 1970. Ao chegar, logo percebeu que as características daquela cidade eram incompatíveis com sua forma de ser. Também foi descartada a cidade de Curitiba, onde a classe médica era mais fechada e refratária a mudanças, sendo o meio psiquiátrico desinteressado da clínica psicanalítica. Assim, a Bahia apresentou-se como a melhor escolha (40 ANOS..., 2004).

A Bahia acenava, então, como provável candidata a receber uma instituição psicanalítica. Havia, em Salvador, não só um grupo de psiquiatras, como um grupo de psicólogos que desejavam a vinda de um psicanalista didata que tornasse possível o acesso à formação em psicanálise. Em 1970, Carlos Pinto Corrêa fez sua primeira viagem a Salvador. Trazia uma carta de autorização para a fundação de uma instituição psicanalítica, outorgada pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise, e entrou em contato com Caio Flaminio, que aglutinava um grupo de interessados em psicanálise, e com Martim Dubois, diretor do Instituto de Psicologia. Ficou acertada, nessa primeira viagem, a realização de um curso, em fevereiro de 1971, no Instituto de Psicologia, vinculado à Universidade Católica de Salvador.

Carlos Pinto Corrêa ministrou o curso intitulado *O Psiquismo Inconsciente*, em fevereiro de 1971. Durante esse período, foram marcadas reuniões e entrevistas com os prováveis candidatos à formação psicanalítica. Em julho desse mesmo ano, foram iniciadas as análises dos referidos candidatos em Salvador. O psicanalista alugou uma sala no Edifício Bráulio Xavier, na Capital baiana, dispensando a metade dos clientes em Belo Horizonte, com o intuito de, num período inicial, passar de segunda a quarta-feira em Salvador e o restante da semana em Belo Horizonte.

Na condição de analista didata autorizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise, no dia 5 de julho de 1971, às 8 horas da manhã, Carlos Pinto Corrêa realizou a primeira sessão de análise com Eny Iglesias e, em seguida, com Luís Fernando Pinto. Um início de análise que

não se encerrava naquele ato, mas marcava uma nova base de trabalho para a psicanálise na Bahia. O ato do dia cinco de julho não se traduziu apenas em um exercício clínico de um psicanalista que buscava nova morada. Era a marca da fundação da primeira instituição psicanalítica da Bahia. Eny Iglesias e Luis Fernando Pinto constituem, então, a primeira turma de formação psicanalítica do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Em janeiro de 1972, após seis meses de ponte aérea, estava consolidado o trabalho na Bahia, momento em que Carlos Pinto Corrêa fechou seu consultório de Belo Horizonte e fixou residência em Salvador, transferindo seu consultório para o Centro Médico da Graça, local onde iniciou os seminários do curso de formação em psicanálise, do Círculo Psicanalítico da Bahia.

O tema do capítulo que se segue é o Círculo Psicanalítico da Bahia.

4 CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA (1971-2004)

4.1 INÍCIO E LEGALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Em 1976, o Nordeste do Brasil acolheu dois grupos de estudo vinculados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, um baiano e outro pernambucano. Com a conclusão da primeira turma de formação psicanalítica do CPB, foi possível, em 1976, a constituição oficial do Círculo da Bahia. Nesse ano, contando com dois psicanalistas recém-formados – Eny Iglesias e Luis Fernando Pinto, um psicanalista com formação concluída em Minas Gerais – Carlos Tironi, o psicanalista fundador (didata), além de dois analistas de Pernambuco – um deles didata, Fernando Calsavara e outro recém-chegado de Paris, Zeferino Rocha, a Bahia conseguiu reunir as condições básicas para a formação de um novo Círculo, previsto no Estatuto do Círculo Brasileiro de Psicanálise: 5 membros, sendo 2 analistas didatas. Em 1976, foi realizada uma Assembleia Geral para a fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia (E 19).

Essa espécie de fusão teve o objetivo de conseguir a legalização das Instituições já em funcionamento na Bahia e, posteriormente, em Recife, além de dar ao novo Círculo (CPB) uma pretendida autonomia. O vínculo entre o grupo de Recife e o grupo de Salvador permaneceu mantido pelos laços afetivos entre as pessoas que formavam esse grupo inicial. O Círculo de Recife construiu sua história do mesmo modo que o círculo da Bahia, anteriormente fundado. É interessante ressaltar que o estatuto de fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia é um documento que retrata o momento de institucionalização da psicanálise no Estado. Nele, encontramos grande ênfase na formação de psicanalistas, seu objetivo primordial. As questões da Análise Didática e de sua regulação através de uma Comissão de Análise Didática (CAD) preveem ainda a criação de um Instituto Autônomo, que assumiria o Curso de Formação em Psicanálise da Instituição, o qual não chega a existir (E 19).

Com o objetivo de legalizar a fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia, Carlos Pinto Corrêa preside a assembleia, tendo como secretária Eny Lima Iglesias. Às 13 horas do dia 10 de abril de 1976, à Rua Humberto de Campos, nº. 11, sala 903, reuniram-se os psicanalistas ligados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, residentes em Salvador e Recife. O fundador comentou sobre a evolução dos trabalhos em Salvador e Recife que permitiu, naquela data, a legalização de um novo Círculo autônomo, o CPB, conforme autorização obtida junto ao

Círculo Brasileiro de Psicanálise. Na sequência, foram aprovados o Estatuto e o Regimento Interno do CPB (ATA..., 1976a, p.1-24).

4.2 FORMAÇÃO TEÓRICA E SEMINÁRIOS¹⁶

A formação de psicanalistas foi uma constante preocupação de Freud, transmitida a todas as sociedades psicanalíticas até os nossos dias. Esse tema é tratado especialmente no primeiro congresso, realizado em Salzburg em 1908, e, posteriormente, no Congresso de Nuremberg, de 1910, quando Freud, Ferenczi, Jung, Abraham e Jones iniciam o chamado movimento psicanalítico em bases científicas. No Congresso de Weimar, de 1911, Freud enfatiza a necessidade da análise para os futuros psicanalistas. É, entretanto, em Berlim, no Congresso de 1922, que a questão da formação analítica ficou definitivamente estabelecida e aprovada pela Sociedade, constando dos seguintes itens:

- a) a formação (*training*) deve ser dada por um Analista Didata da Sociedade;
- b) o candidato deve ser submetido à psicanálise;
- c) o candidato deve receber formação teórica;
- d) o candidato deve ser aprovado para a prática analítica – autorização (CORRÊA, 1980; KOVÁCS, 1936).

Esses autores referem ainda que, ligado a esta tradição freudiana, o Círculo Psicanalítico da Bahia estabelece, em conformidade com as normas do Círculo Brasileiro de Psicanálise, as seguintes exigências para a formação:

- a) as análises de formação devem ser realizadas por analistas didatas;
- b) os candidatos selecionados devem fazer o programa completo dos Seminários de Formação;
- c) submeter-se à Supervisão por um período de 2 anos;
- d) receber formalmente a autorização para prática analítica.

¹⁶ Para a construção desta seção apoiamo-nos nas falas dos entrevistados: E1, E2, E7, E12, E13, E19.

Iniciada em 1972, a primeira turma para formação teórica, foi constituída pelos dois profissionais que já estavam em análise didática desde 5 de julho de 1971. O programa, com duração de quatro anos, é subdividido em estágios e desenvolvido através de Seminários previamente elaborados. O primeiro estágio é uma Introdução ao Estudo de Freud; o segundo trata da Teoria Psicanalítica em Freud e outros Freudianos; o terceiro visa o Estudo da Técnica Psicanalítica; e o quarto aborda o Desenvolvimento Teórico e Técnico Pós-Freudiano. A partir do terceiro estágio, são introduzidos os Seminários de Casuística e Bibliografia, aproximando os candidatos das questões da clínica psicanalítica. Pelas condições do próprio Círculo, todos os Seminários são desenvolvidos pelo seu fundador, com a presença eventual de psicanalistas visitantes. Na conclusão dos Estudos Teóricos, os participantes devem apresentar uma monografia de conclusão, abordando algum tema tratado nos seminários e desenvolvido durante a supervisão.

Em 1975, já contando com a colaboração dos membros da turma A, em término de formação, foi ampliado o programa de Seminários, passando a ter a seguinte estrutura:

Primeiro Estágio: Introdução aos Estudos de Freud;

Segundo Estágio: Teoria Psicanalítica em Freud e outros freudianos;

Terceiro Estágio: Técnica Standart;

Quarto Estágio: Desenvolvimento Teórico e Técnico Pós-freudiano;

Estudos Superiores: Seminários de temas livres e pesquisa.

As falas dos entrevistados (E1 e E19) permitem-nos relatar que, após a conclusão do curso de formação em psicanálise das duas primeiras turmas do CPB, a instituição passa a contar com cinco novos analistas, além da transferência de um psicanalista que fizera a formação no Círculo Psicanalítico de Belo Horizonte. Assim, em 1980, após oito anos das atividades de Seminários, inicia-se a turma C, formada, basicamente, por uma geração de profissionais mais jovens. Este fenômeno se acentua ainda mais na turma seguinte, mostrando que, em seu início, o Círculo chama a atenção de profissionais, principalmente médicos já estabelecidos, passando, em seguida, a ser procurado por jovens psiquiatras e psicólogos, que buscam na psicanálise uma complementação de sua formação. É bom lembrar que, no tempo da chamada Análise Didática, profissionais procuravam a Instituição com um marcado desejo profissionalizante. Parece óbvia a existência de uma constante demanda interna para análise, mas o momento da busca é marcado pela oportunidade. No programa de estudo da turma C, foi possível uma revisão bibliográfica, com a introdução de artigos extraídos da *Revue*

Française de Psychanalyse, do *International Journal of Psychoanalysis* e novos autores. O número de Seminários é duplicado, passando para dois semanais, aumentando significativamente a matéria coberta na formação. Podemos acreditar que as alterações tinham uma base na falta de consistência de uma linha teórica que orientasse melhor a formação.

- Análise didática¹⁷

Uma crise provocada a partir de certo abandono das ideias de Caruso gerou um dilema sobre uma possível aproximação com a psicanálise francesa ou inglesa. O dilema se acentua nos estudos sobre técnicas psicanalíticas, com a persistência de dois manuais em uso naquela época: de um lado, Greenson (1967), do outro Racker (1960). O primeiro aponta para uma psicanálise com ênfase na transferência e na análise da transferência. O segundo solicita um aprofundamento maior da Teoria Kleiniana. Sobre esse aspecto, é interessante ressaltar que, por ocasião do IV Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise realizado em Salvador, em 1981, os componentes do Círculo da Bahia foram identificados como excessivamente kleinianos. A crítica pela boa aceitação das ideias de Klein, naquela época, refere-se mais a uma tendência. O fundador atribui esse kleinianismo à questão do Estudo da Técnica via Racker.

Podemos considerar esse momento como o início de uma crise de identidade do Círculo Psicanalítico da Bahia, um ponto decisivo para as reflexões críticas que levariam a instituição, posteriormente, ao estudo e a uma grande aproximação com as ideias de Jacques Lacan.

No momento seguinte, muitos membros do Círculo estavam em Análise Didática, e poucas eram as disponibilidades de horários dos psicanalistas didatas para novos analisandos, o que impossibilitou o aumento no número de associados. Assim, a turma D foi constituída, em 1979, com três participantes e a possibilidade de uma forma de Seminário mais íntima e participativa. Com o falecimento prematuro de uma das participantes da turma e a crise produzida, um dos profissionais abandona a formação. Desse modo, apenas um psicanalista é formado nessa turma.

Em 1980, foi iniciada mais uma turma, a turma E, com programa de curso muito semelhante ao da turma B. A bibliografia é reformulada, de modo a ser sustentada, sobretudo nos textos freudianos. Nesta turma, levando em conta a presença de candidatos sem

¹⁷ Processo de psicanálise ao qual eram submetidos os profissionais que desejavam tornar-se psicanalistas

experiência em clínica psiquiátrica, foi introduzido o Seminário de Psicopatologia, tendo como objetivo o estudo dos conceitos básicos de psicopatologia e, em paralelo, estágio em hospital psiquiátrico, levando em conta a necessidade de ambos para o exercício da clínica psicanalítica.

A turma F, constituída por dez participantes, representou o início de uma nova etapa na formação teórica. Os programas de estudos foram revistos, sendo adotada uma sistemática de revisão bibliográfica. A modificação no desenvolvimento dos Seminários, produzida pela própria evolução do Círculo Psicanalítico da Bahia, teve como consequência um considerável aumento de candidatos à formação. Primeiro, a existência de quatro didatas (Carlos Pinto Corrêa, Luiz Fernando Pinto, Eny Iglésias e Adilson Sampaio) possibilitava o atendimento em análise de um grupo bem maior de candidatos. Em segundo lugar, a crescente aceitação do Círculo no meio universitário, quer junto aos estudantes de psicologia, quer junto aos internos de medicina ligados à psiquiatria, provocou a expressão do desejo de vir a ser psicanalista.

A partir desse momento, ocorreu o aumento da demanda de candidatos para ingresso no curso de formação em psicanálise da instituição superior à sua possibilidade de atendimento. Assim, a direção do Círculo começou a apurar na seleção dos candidatos. A entrevista com os candidatos, antes feita por analista didata convidado, procedente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, foi substituída por uma Comissão de Seleção nomeada para atuar na organização de cada nova turma. Apesar de ser um recurso aparentemente simples, essas comissões, na prática, são apontadas como geradoras de importantes dificuldades institucionais. Sem uma profissiografia do psicanalista, torna-se difícil estabelecer, criteriosamente, as qualidades e atributos essenciais do candidato ideal para a Formação Psicanalítica. Logo de início, é fundamental a consideração de que patologias invalidariam a candidatura. A algumas questões são atribuídos pesos diferentes em distintos processos seletivos: os psicóticos precisam ser barrados; dúvidas quanto às condições de neutralidade para trabalhar como analista, além das questões de caráter, evidentemente comprometedoras para o tipo de trabalho pretendido; a valorização de experiência clínica prévia; a motivação declarada pelo candidato; a aproximação com a carreira universitária.

A candidatura de alguém que deseja ser psicanalista é sempre do conhecimento dos demais membros do Círculo, pois, afinal, todos têm a mesma origem: são analisandos de psicanalistas do CPB. Isto gera uma espécie de clima competitivo entre os candidatos, com reflexos nos demais associados, que tomam partido na possível escolha. Os excluídos sentem-se marcados e os demais membros assumem uma postura política a respeito do trabalho da

Comissão de Seleção, o que gera conflitos e insatisfações com repercussões importantes no funcionamento institucional.

A seleção, tida como um mal necessário, persistiu até a turma J (ingresso em 1996), quando discordâncias a respeito dos critérios para ingresso tornaram-se o estopim para uma grande crise que culminou com a saída de um número significativo de membros em 1997. Essa prática de seleção para ingresso no curso de formação foi revista e suspensa em 1999, por ocasião do ingresso da turma K, momento em que a instituição passa por grandes modificações na filosofia de trabalho. O Curso Básico de Formação Psicanalítica foi subdividido em dois cursos, ou seja, a programação dos primeiros dois anos do curso até então ministrado, foi substituída por um Curso de Introdução à Teoria Freudiana, ao qual têm acesso as pessoas interessadas em conhecer as ideias e propostas do mestre de Viena. Este curso introdutório ainda hoje funciona como uma espécie de estágio probatório para aqueles que desejam, posteriormente, prosseguir seus estudos com a perspectiva de se tornarem psicanalistas, ingressando então no curso de Técnica Psicanalítica. No percurso do curso de Teoria Psicanalítica, o desejo de saber da psicanálise é abandonado por alguns e se transforma em demanda de análise para outros. Temos, então, uma seleção natural daqueles que devem continuar sua trajetória no Círculo Psicanalítico da Bahia. Esta nova abordagem, utilizada a partir de 1999 para a turma K e, posteriormente, para as turmas L, M e N, mostrou-se mais eficiente e favorável às condições de desempenho do ensino na Instituição.

- Revisão da Linha Teórica – Introdução do Estudo de Lacan¹⁸

O círculo é herdeiro de uma tradição anteortodoxa inaugurada por Caruso, para quem a submissão às ideias e teorias é uma forma aviltante de alienação do ser. Inspirou a todos os Círculos criados a necessidade da autonomia das unidades e o incentivo do convívio a partir das diferenças. Isso produz uma Instituição ideologicamente correta, mas eventualmente produtora de conflitos teóricos e intelectuais, ou de certo sentimento de fragilidade para os jovens em formação, que necessitam de uma linha de pensamento firme e inequívoca.

De acordo com relato dos entrevistados, em seguimento ao estudo do texto freudiano, foi iniciada a leitura dos autores pós-freudianos, havendo uma aproximação com trabalhos de diversos psicanalistas, a exemplo de Klein, Abraham, Ferenczi, Balint e com questões de grupo

¹⁸ Para construção desta seção, apoiamo-nos nas falas dos entrevistados E1, E2, E7, E12, E13, E17 e E19.

propostas por Bion. A presença de Kohut era marcante após o IV Congresso do Círculo Brasileiro em 1981, sendo introduzido também o trabalho de Fairbairn, autor ainda hoje muito estudado pela IPA. Não resta dúvida de que existia certa unidade de pensamento a respeito da Teoria Psicanalítica e do exercício da clínica, mas posições subjetivas de simpatia por alguns autores ou a adoção de outros autores não estudados nos chamam a atenção para a insatisfação dos psicanalistas da instituição a partir da década de 80, por falta de um modelo global. Nesse período, uma influência das ideias de Lacan começou a se infiltrar no CPB, surgindo uma reação ambivalente no grupo: desejo para uns e temor para outros. Enquanto alguns membros iniciavam a leitura de Lacan de modo autodidata, outros a faziam frequentando seminários promovidos pela Clínica Freudiana, antecessora da Escola de Psicanálise.

A impossibilidade de ser indiferente ao estudo da obra lacaniana deu início a movimentos internos, buscando um estudo mais sistemático. Registra-se, então, a procura de seminários sobre o texto lacaniano. Célio Garcia, psicanalista de Belo Horizonte, foi convidado para ministrar o curso, realizado de 9 a 14 de julho de 1984, contando com uma frequência parcial dos associados. Posteriormente, em 1987, um grupo de estudos de psicopatologia, coordenado por Adilson Sampaio, para a turma G, em formação psicanalítica, passou a estudar a psicopatologia por meio da leitura dos trabalhos de Lacan. Após a conclusão do estudo desse grupo, esse psicanalista continuou coordenando um grupo de estudos do texto lacaniano integrado por membros do CPB. Mesmo após deixar a instituição, em 1997, esse profissional continua na coordenação de um grupo de estudos da obra lacaniana em seu próprio consultório.

Este movimento dos membros do CPB para o estudo do trabalho de Lacan possibilitou o convite formal da instituição ao psicanalista Antônio Quinet, que, em um curso organizado e desenvolvido durante o período de um ano, por meio de seminários programados, implantou definitivamente no Círculo as ideias de Lacan. Em sua proposta, Antonio Quinet foi enfático, dizendo que não estava disposto a falar de Lacan para satisfazer a curiosidade existente e que seu curso visaria um aprofundamento no pensamento desse autor. Bom propósito para alguns, mas funcionou como uma ameaça aos que temiam sair dos parâmetros unicamente freudianos.

Os seminários organizados por Antonio Quinet tornaram-se atividade regular, reconhecida oficialmente em reunião do dia 10 de junho de 1991, ocupando um final de semana integral por mês. Esse estudo gerou uma grande mobilização para os membros do CPB e contou com a participação de quase todos os associados. Assim, o estudo de Lacan foi implantado de modo criterioso na instituição. Em seguida, é constituído um grupo de estudos para dar continuidade aos seminários de Antonio Quinet, sob a coordenação de Eny Lima

Iglesias, tendo prosseguido até o presente momento. O ensino oficial de Lacan foi posteriormente introduzido no programa de formação para psicanalistas do CPB, para a turma I, ingressa em 1991.

A introdução oficial do Estudo de Lacan e a sua tomada como principal referência teórica pós-freudiana, não abalou, entretanto, o posicionamento do Círculo Psicanalítico da Bahia com relação ao estudo da teoria psicanalítica. O início é sempre pela leitura das ideias de Freud; estudar Freud em Freud. A isto se seguem os estudos técnicos de Freud e os casos clínicos. Os incidentes que construíram a trajetória pós-freudiana são também revistos, hoje de modo mais sucinto, sendo estudadas também de maneira breve as contribuições de alguns pós-freudianos. Somente então se inicia o estudo de Lacan.

O Círculo Psicanalítico da Bahia forma onze turmas de psicanalistas até o final de 2004, perfazendo um total de 77 profissionais. No presente, três turmas estão em formação. O Quadro 1, a seguir, apresenta os participantes dessas turmas:

Quadro 1 – Formação psicanalítica – turmas formadas

TURMA	N. DE PARTICIPANTES			EVASÃO	ANO DE INGRESSO	PRESIDÊNCIA	
	HOMENS	MULHERES	TOTAL				
A	1	1	2	-	1971	Carlos Corrêa	Pinto
B	2	2	4	1	1975	Carlos Corrêa	Pinto
C	4	2	6	2	1977	Carlos Corrêa	Pinto
D	-	3	3	1	1979	Carlos Corrêa	Pinto
E	3	1	4	1	1980	Carlos Corrêa	Pinto
F	2	8	10	-	1982	Carlos Corrêa	Pinto
G	1	5	6	1	1985	Eny Iglesias	Lima
H	3	13	16	1	1988	Celso Augusto Vilas-Boas	
I	4	6	10	2	1991	Marli Monteiro	Piva
J	2	7	9	4	1996	Antonio Nery	

K	2	10	12	4	1999	Filho Comitê Executivo (Carlos Pinto Corrêa, Rosana Velo, Antonio Lobo)
Total	24	58	82	17		

Fonte: Elaboração própria. (2005).

O Quadro 2 expõe as turmas em curso básico de teoria psicanalítica.

Quadro 2 – Formação psicanalítica – turmas em curso

TURMA	Nº PARTICIPANTES			ANO DE INGRESSO	PRESIDENTE
	H	M	T		
L	2	4	6	2001	Carlos Pinto Corrêa
M	1	4	5	2002	Carlos Pinto Corrêa
N	4	10	14	2004	Carlos Pinto Corrêa

Fonte: Elaboração própria (2005).

A análise desses quadros mostra-nos que, durante os 13 anos da gestão do fundador, seja como presidente, seja como membro do comitê executivo, o CPB iniciou 10 turmas para o curso de formação psicanalítica, enquanto durante os 15 anos das outras gestões foram iniciadas apenas 5 turmas. Constatamos que, em um período de tempo menor, o CPB formou o dobro do número de turmas para o referido curso. Fica evidente o aumento da produtividade, no que diz respeito à formação de novas turmas para o curso de formação em psicanálise, uma prioridade nas instituições psicanalíticas desde a primeira instituição existente, fundada por Freud.

4.3 CURSOS PARALELOS

- 1972 a 1998

O Curso de Formação Psicanalítica sempre foi o eixo central da instituição, representando a tarefa de transmissão da psicanálise e responsável pela veiculação da Teoria Psicanalítica. Além dessa atividade de ensino, a instituição tem desenvolvido programação de Cursos Paralelos e Seminários da Comissão Científica.

Uma série de cursos extracurriculares tem sido desenvolvida ao longo do tempo. Inicialmente, esses Cursos Paralelos estavam inteiramente voltados para os próprios membros do Círculo e posteriormente, foram abertos ao público. Assim, em 1977, foi organizado um curso sobre *Teoria Psicanalítica das Neuroses*, repetido depois, em 1979. Também em 1981, foram realizados os *Seminários Paralelos sobre o Narcisismo*, visando a preparação para o IV Congresso do Círculo Brasileiro. Em 1981, tem início a realização dos chamados *Seminários Livres*, abertos a todos os sócios com a formação concluída. No mesmo ano, houve o curso *Aspectos Dinâmicos da Psiquiatria Clínica*, destinado aos alunos do curso de Formação que não possuíam experiência com pacientes psicóticos. Por ocasião do início do trabalho de novos supervisores do Círculo, foi desenvolvido um *Curso de Introdução a Supervisão Psicanalítica*. Visando a melhor preparação dos coordenadores de seminários, foi organizado o *Curso Sobre Princípios e Técnica da Coordenação de Seminários e Casuística*, oferecido para duas turmas.

• **1999 a 2004**

Ministrado por membros do próprio Círculo ou por professores convidados, estes cursos surgiram a partir das necessidades que decorrem da formação dos analistas e de uma demanda dos associados, aliada à sua disponibilidade. A observação dos programas permitiu-nos perceber a diversidade de temas que refletem a motivação flutuante na instituição (E19).

No Quadro 3, a seguir, estão expostos os diversos cursos paralelos realizados pelo CPB entre 1999 e 2004.

Quadro 3 – Cursos Paralelos 1999 a 2004

Nº	PERÍODO		CURSOS	PROFESSORES/COORDENADORES
	INÍCIO	TÉRMINO		
1	7/1999	5/2000	Atualização em Psicopatologia	Gilcele Tirone; Miriam Gorender
2	8/1999	3/2000	Reflexões Clínicas sobre a Técnica Psicanalítica	Carlos Pinto Corrêa

3	6/2000	9/2000	Impasses na Clínica	Carlos Pinto Corrêa; Cibele Prado Barbieri; Armênio Guimarães
4	07/2000	11/2000	Reflexões psicanalíticas sobre Questões Organizacionais	Eny Lima Iglesias Cibele Prado Barbieri
5	08/2001	09/2001	O Tratamento Histórico da Sexualidade	Professor Euclimar Menezes
6	07/2001	09/2001	Foucault e a Psicanálise	Euclimar Menezes
7	11/2001	11/2001	Sexualidade e Subjetivação	Cibele Prado Barbieri
8	03/2001	06/2002	Lógica	João Arrojo
9	2002		Literatura Reflexões Psicanalíticas	Maria Lúcia Martins
10	09/2003	12/2003	Curso Introdução a Heidegger	Nancy Mangabeira
11	07/2003	08/2003	Curso sobre a Odisséia	Nancy Mangabeira
12	04/2004	12/2004	O Sentido Contemporâneo dos Filósofos Pré-Socráticos	Nancy Mangabeira

Fonte: Elaboração própria (2005).

Podemos observar que, em 16 anos (de 1972 a 1998), foram ministrados 6 cursos paralelos. Durante o período de 6 anos (de 1999 a 2004), foram ministrados 12 cursos paralelos. Considerando que, no início do funcionamento do CPB, a instituição contava com apenas três participantes e que foi preciso alguns anos para que o grupo pudesse formar novos membros, fica evidente o considerável aumento na produção de cursos paralelos nos últimos seis anos de existência do Círculo Psicanalítico da Bahia.

4.4 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRUPOTERAPIA PSICANALÍTICA

Diante de uma constante preocupação de Igor Caruso com a questão dos efeitos da análise no social, ou da constituição do sujeito como ser social, o Círculo de Psicologia Profunda de Viena mantém a tradição do trabalho psicanalítico em grupo, acontecimento paralelo a certo modismo da terapia grupal adotada pela IPA, muito presente na década de 60. Naquela época, quase todos os psicanalistas atendiam grupos terapêuticos em seus consultórios, criando-se, algumas vezes, sociedades paralelas de Terapia de Grupo, que realizavam seminários e congressos independentes. Nada existia na formação freudiana

direcionado para este tipo de trabalho com grupo, o que se tentava era uma justaposição da técnica psicanalítica com o atendimento em pequenos grupos.

Seguindo a tradição iniciada pelo Círculo de Psicologia Profunda de Viena, o Círculo Brasileiro de Psicanálise empenhou-se no desenvolvimento de uma clínica com grupos. No Círculo Psicanalítico da Bahia, este trabalho foi iniciado com a criação de um curso que possibilitasse a formação analítica do profissional para este tipo específico de trabalho. Sob o nome de *Psicoterapia Psicanalítica de Grupo*, o primeiro curso é ministrado em 1985, com duração prevista de 2 anos e programado para atender psicanalistas do Círculo que tenham a formação psicanalítica completa.

Com a sucessão de novas turmas, os cursos começam a sofrer modificações em seus programas a partir das avaliações críticas realizadas após cada turma. As revisões produziram alterações fundamentais em sua metodologia e na bibliografia, recebendo posteriormente o nome de *Curso de Grupoterapia Psicanalítica*, e, em seus fundamentos, deixa de ser uma psicoterapia psicanalítica para ser considerada uma intervenção psicanalítica no grupo. Esta atividade era organizada e sempre coordenada por Carlos Pinto Corrêa, que trazia uma ampla bagagem no trabalho com grupos de vários tipos. De acordo com o relato de um dos entrevistados (E19), foram constituídas cinco turmas: turma GA, com início em 1985; turma GB, iniciada em 1989; turma GC, em 1992; turma GD, no 2º. semestre de 1997; e turma GE, em 2001.

4.5 ATIVIDADES DA COMISSÃO CIENTÍFICA (JORNADAS, CONGRESSOS E SEMINÁRIOS DAS QUARTAS)

No Regimento Interno do Círculo Psicanalítico da Bahia (ATA..., 1976a, p. 23), o Capítulo XII, Art. 31, expõe a competência da Comissão Científica:

- a) Planejamento e execução da programação anual do Estudo Regular do CPB através de atividades internas e/ou abertas ao público, visando à pesquisa, transmissão e formação permanente dos sócios.
- b) Relacionamento com instituições congêneres e com a Comunidade Científica.
- c) Elaborar e coordenar as atividades do Centro de Estudos e a Jornada anual do CPB.
- d) Estimular e acolher propostas de novos Núcleos de Estudos.

- e) Garantir o funcionamento permanente de pelo menos um “Seminário de Leitura da Obra de Freud”.

- Congressos Brasileiros

O Círculo Psicanalítico da Bahia, durante o período de 1971 a 2004, organiza três congressos brasileiros, conforme espelha o Quadro 4.

Quadro 4 – Congressos do Círculo Brasileiro de Psicanálise

PERÍODO		CONGRESSO	TEMA	PRESIDÊNCIA
30/04/1981 02/05/1981	a	IV	O Narcisismo	Carlos Pinto Corrêa
04/09/1996 07/09/1996	a	XI	Topologia	Antonio Nery Filho
13/05/2004 15/05/2004	a	XV	Encontro no Admirável Mundo Novo	Carlos Pinto Corrêa

Fonte: Elaboração própria (2005).

- Eventos organizados pelo Círculo Psicanalítico da Bahia (1971-2004)

– JORNADAS

O Círculo Psicanalítico da Bahia organizou dezesseis jornadas regionais de 1971 a 2004 e a primeira Jornada Norte e Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise:

- **Jornada Norte e Nordeste**

I – Jornada Norte e Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise, de 8 a 10 de outubro de 1993.

Tema – Transferência e Interpretação.

- **Jornadas Regionais**

Foram realizadas pelo Círculo Psicanalítico da Bahia, durante o período de 1986 a 2004, um total de dezesseis jornadas regionais relacionadas no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Jornadas regionais organizadas pelo Círculo Psicanalítico da Bahia (1986-2004)

JORNADA	ANO	TEMA	PRESIDÊNCIA
I	1986	O Modelo, a crise, a solução	Lucio Fernando Pinto
II	1988	Algumas questões críticas no exercício da Psicanálise	Celso Augusto Vilas-Boas
III	1989	Algumas Questões da Técnica Psicanalítica	Celso Augusto Vilas-Boas
IV	1990	[Não há registro do tema]	Marli Pira Monteiro
V	1991	Transferência	Marli Piva Monteiro
VI	1992	Ética e Instituição Psicanalítica	Maria Tereza Velloso
VII	1994	Transmissão e Formação	Antonio Nery Filho
VIII	1996	A Topologia e a Estrutura	Cibele Prado Barbieri
IX	1997	O Desejo e suas Vicissitudes	Cibele Prado Barbieri
X	1998	Criação e Psicanálise	Cibele Prado Barbieri
XI	1999	Clínica: Eu faço assim	Comitê Executivo
XII	2000	A Função Paterna	Comitê Executivo
XIII	2001	Gozo e Sexualidade	Comitê Executivo
XIV	2002	O Viés Perverso da Sexualidade	Carlos Pinto Corrêa
XV	2003	Rumo ao Admirável Mundo Novo	Carlos Pinto Corrêa
XVI	2004	Resto e Eco do XV Congresso	Carlos Pinto Corrêa

Fonte: Elaboração própria (2005).

– SEMINÁRIOS DAS QUARTAS-FEIRAS¹⁹

Os *Seminários das quartas-feiras* do CPB surgiram a partir da necessidade dos membros da instituição de darem continuidade aos estudos após o término do curso de formação em psicanálise.

Esses seminários tiveram início em 1980, momento em que a instituição contava com três turmas formadas em psicanálise e uma turma em formação. Não encontramos registro desses seminários nos primeiros anos; apenas os relatos do fundador e de membros das primeiras turmas formadas, que nos forneceram notícias sobre eles.

¹⁹ A síntese apresentada nesta seção resulta da compilação dos dados extraídos das edições de 1997 a 2004 do jornal *Circular*, Informativo do CPB, e das entrevistas realizadas.

De 1997 até 2004, o Jornal *Circular* registrou essas atividades. Os Seminários têm-se caracterizado pela escolha de um tema central, estudado e debatido em sessões quinzenais, sempre às quartas-feiras. Os seminários são coordenados por profissionais da instituição, bem como por psicanalistas convidados de outras instituições psicanalíticas de Salvador e por professores das universidades do Estado. Estes têm sido encontros científicos abertos à comunidade e têm contado com profissionais e estudiosos das mais diferentes áreas de atuação; entre eles, profissionais de saúde, professores de filosofia, história, sociólogos, artistas e escritores.

As atividades desses seminários têm funcionado como estudo preparatório para a realização de jornadas anuais organizadas pelo CPB, assim como congressos e fóruns promovidos pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise, congressos e encontros realizados por outras instituições psicanalíticas baianas e brasileiras, além dos trabalhos apresentados nos fóruns internacionais da International Federation of Psicanalitics Societies (IFPS), à qual o CPB está filiado.

4.6 PUBLICAÇÕES

O capítulo XIII, Art. 32º. do Regimento Interno do Círculo Psicanalítico da Bahia (ATAS..., 1976a, p.23) registra as competências da Comissão de Biblioteca e Publicações.

- a) Coordenar o funcionamento e acervo da biblioteca;
- b) estimular a produção e divulgação de trabalhos dos sócios do CPB;
- c) realizar publicação anual da revista do CPB;
- d) realizar publicação do informativo trimestral “Circular”.

- Revista

A Revista *Cogito* surge com a intenção de divulgar os trabalhos escritos pelos membros do Círculo Psicanalítico da Bahia, fruto do estudo, pesquisa e discussões da prática clínica, desenvolvidos durante o ano de trabalho. Também são publicados trabalhos de profissionais oriundos de outras instituições psicanalíticas e universitárias. O primeiro número

da revista saiu em 1996. Após quatro anos de intervalo, de 2000 a 2004, surgem mais cinco volumes. No Quadro 6, estão expostas as temáticas apresentadas em cada volume.

Quadro 6 –Demonstrativo das Publicações da Revista *Cógito* (1996-2004)

VOLUME	ANO	TEMA	PRESIDÊNCIA
1	1996	Variado	Antonio Nery Filho
2	2000	Psicanálise e Criação	Comitê Executivo
3	2001	A Função Paterna	Comitê Executivo
4	2002	Gozo e Sexualidade	Carlos Pinto Corrêa
5	2003	O Viés Perverso da Sexualidade	Carlos Pinto Corrêa
6	2004	Encontro no Admirável Mundo Novo	Carlos Pinto Corrêa

Fonte: Elaboração própria. (2005).

Através do Quadro 6, podemos observar que, após o lançamento, em 1996, a Revista *Cogito* deixa de ser publicada por um período de quatro anos. A partir de 2000, é realizada uma edição anual, como era o propósito desde o lançamento do primeiro volume, perfazendo o total de cinco volumes até 2004. Esse hiato na edição da revista é mais um sinal do declínio da produção científica na instituição. Em 1996, a diretoria é presidida por Antonio Nery Filho e composta por três membros provenientes da turma H, dois profissionais da turma I, que não terminaram o curso de formação psicanalítica e, conseqüentemente, ainda não eram membros da instituição, e um psicanalista da turma F. Este é um fenômeno digno de nota, pois, pela primeira vez na história do CPB, profissionais não concluintes da formação psicanalítica ocupam cargos da diretoria. Podemos dizer que essa foi uma equipe de vanguarda, que surgiu com a marca do trabalho e da renovação. Foi imbuído desse espírito que o CPB lançou a primeira revista. Tratava-se de uma edição ainda rudimentar, com impressão e encadernação artesanais e uma tiragem de oitenta exemplares. Os volumes de 2000 a 2004 já tinham impressão a laser com ilustrações e primorosa encadernação (E1, E15, E19).

Em 2004, o sexto volume foi preparado com os trabalhos do XV Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, organizado e realizado pelo Círculo da Bahia. Em 2002, o CPB recebeu convite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para participar da

Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia (REBAP) com a Revista *Cogito*, o que implica sua indexação no Index Psi Periódicos (CFP, USP, PUC – Campinas, LILACS/BIREME)²⁰.

- Jornais

O Círculo Psicanalítico da Bahia colocou em circulação, até o presente momento, dois jornais. O primeiro deles foi o *Boletim do Círculo Psicanalítico da Bahia*. No material pesquisado na instituição, foram encontrados apenas dois desses jornais, datados de julho e dezembro de 1988, não constando nas atas nenhum registro do início da sua publicação.

Em 1992, começa a ser editado o Jornal *Circular*, em substituição ao antigo *Boletim do Círculo Psicanalítico da Bahia*. Não há registro do motivo dessa mudança. Este jornal tem uma publicação trimestral e continua a ser editado até o presente. O Jornal *Circular* tem como objetivo a divulgação das notícias referentes ao Círculo Psicanalítico da Bahia. É dirigido para seus membros, bem como para a comunidade de Salvador. Nele constam as seguintes sessões:

- Editorial

Programação das quartas-feiras: atividades de estudo e pesquisa programadas pela comissão científica, frequentadas pelos membros e abertas ao público.

- Atividades dos Núcleos de Estudo

- Agenda: constam as notícias sobre jornadas, congressos e cursos promovidos pelo Círculo Psicanalítico da Bahia, pelos demais Círculos Psicanalíticos do Brasil, pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise e pela International Federation of Psicanalitics Societies (IFPS), à qual os Círculos do Brasil são filiados.

- Notas: comunicações da diretoria, informações sobre aquisições da biblioteca, sobre a Revista *Cogito*, entre outras notícias.

4.7 DIRETORIAS

Está estabelecido no Estatuto, desde 1976, que o Círculo Psicanalítico da Bahia é administrado por uma diretoria assim composta:

²⁰ Esta notícia está registrada no jornal *Circular* do CPB, edição do trimestre de janeiro a março de 2003.

Presidente

Vice-Presidente

1º Secretário

2º Secretário

1º Tesoureiro

2º Tesoureiro

Parágrafo 1º – Compete ao Presidente a orientação e direção geral do C.P.B., tanto em seu aspecto técnico-científico como administrativo, cabendo a ele representar o C.P.B., inclusive judicialmente.

Parágrafo 2º – O Vice-Presidente é o substituto do Presidente nos seus impedimentos,

Parágrafo 3º – Compete aos Secretários secretariar; as sessões e dirigir e orientar a secretaria;

Parágrafo 4º – Compete aos tesoureiros receber as contribuições dos sócios, movimentar conta bancária e providenciar a regularização da contabilidade e outras exigências legais.

Art. 7º – A Diretoria do C.P.B. será eleita pela Assembléia Geral e a duração de seu mandato será de 3 (três) anos.

Art. 8º – Somente os analistas didatas poderão ser eleitos para o cargo de Presidente e Vice-presidente.

Art. 9º – Em função das necessidades e da programação de atividades, a Diretoria poderá criar cargos auxiliares e comissões. (ESTATUTO..., 1976a, p. 1-2).

O Quadro 7, a seguir, expõe a composição das diretorias do CPB e seus respectivos mandatos no período compreendido entre 1971 e 2004.

Quadro 7 – Diretorias do CPB – 1971-2004

MANDATO	DIRETORIA	MANDATO	DIRETORIA
1971-1976	Presidente: Carlos Pinto Corrêa	1990-1992	Presidente: Marli Piva Monteiro Vice-Presidente: Ana Rita Dórea 1º. Secretário: Luiza Aurora Vilas-Boas 2º. Secretário: Gilcele Tironi 1º. Tesoureiro: Terezinha Guimarães 2º. Tesoureiro: Miriam Elza

1976-1978	Presidente: Carlos Pinto Corrêa Vice-Presidente: João Fernando Calsavara 1º. Secretário: Carlos Tironi 2º. Secretário: Zeferino Rocha 1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias 2º. Tesoureiro: Luis Fernando Pinto	1992-1994	Gorender Presidente: Maria Tereza Velloso Maria Tereza Velloso Vice-Presidente: Arlúcia A Fauth 1º. Secretário: Terezinha Guimarães 2º. Secretário: Albenor Fonseca 1º. Tesoureiro: Helder Targino 2º. Tesoureiro: Ana Regina Bitencourt
MANDATO	DIRETORIA	MANDATO	DIRETORIA
1978-1980	Presidente: Carlos Pinto Corrêa Vice-Presidente: Luis Fernando Pinto 1º. Secretário: Carlos Tironi 2º. Secretário: Marli Piva Monteiro 1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias 2º. Tesoureiro: Mário Almeida	1994-1996	Presidente: Antonio Nery Filho Vice-Presidente: Luiza Aurora Vilas Boas 1º. Secretário: Sheila Machado 2º. Secretário: Arlúcia Fauth 1º. Tesoureiro: Ajurimar Sanches 2º. Tesoureiro: Luis Alberto Tavares
MANDATO	DIRETORIA	MANDATO	DIRETORIA
1980-1983	Presidente: Carlos Pinto Corrêa Vice-Presidente: Luis Fernando Pinto 1º. Secretário: Carlos Tironi 2º. Secretário: Marli Piva Monteiro 1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias 2º. Tesoureiro: Mário Almeida	1996-1998	Presidente: Cibele Prado Barbieri Vice-Presidente: Eny Lima Iglesias 1º. Secretário: Antonio Lobo 2º. Secretário: Gildete Lino de Carvalho 1º. Tesoureiro: Tereza Costa Pithon 2º. Tesoureiro: Adolfo Iglesias
MANDATO	DIRETORIA	MANDATO	DIRETORIA

1983-1986	Presidente: Eny Lima Iglesias Vice-Presidente: Adilson Sampaio 1º. Secretário: Gilcele Tironi 2º. Secretário: Wilson Trindade 1º. Tesoureiro: Celso Vilas-Boas 2º. Tesoureiro: Ana Rita Dórea	1998-2000	Comitê Executivo: Carlos Pinto Corrêa, Rosana Veloso, Antonio Lobo 1º. Secretário: Ajurimar Sanches 2º. Secretário: Tereza Velloso 1º. Tesoureiro: Maria José Carbalhal 2º. Tesoureiro: Ajurimar Sanches
1986-1988	Presidente: Luis Fernando Pinto Vice-Presidente: Marli Piva Monteiro 1º. Secretário: Gildete Lino de Carvalho 2º. Secretário: Luiza Aurora Vilas Boas 1º. Tesoureiro: Adolfo Antonio Iglesias 2º. Tesoureiro: Albenor Luis de Andrade Fonseca	2000-2002	Comitê Executivo: Carlos Pinto Corrêa, Rosana Veloso, Antonio Lobo 1º. Secretário: Ajurimar Sanches 2º. Secretário: Tereza Velloso 1º. Tesoureiro: Maria José Carbalhal 2º. Tesoureiro: Lídia Targino
1988-1990	Presidente: Celso Augusto Vilas-Boas Vice-Presidente: Marli Piva Monteiro 1º. Secretário: Maria José Trabago Carbalhal Franco 2º. Secretário: Débora Rebello de Matos 1º. Tesoureiro: Tarcísio Andrade Matos 2º. Tesoureiro: Miriam Elza Gorender	2002 – 2004	Presidente: Carlos Pinto Corrêa Vice-Presidente: Eny Lima Iglesias 1º. Secretário: Djalma Santana 2º. Secretário: Ajurimar Sanches 1º. Tesoureiro: Tereza Costa Pithon 2º. Tesoureiro: Maria Tereza Vellozo

Fonte: Elaboração própria (2005).

Na sequência, esclarecemos alguns episódios particulares, relatados pelos entrevistados (E1, E7, E12, E13, E17, E19), que ocorreram ao longo da trajetória de funcionamento do CPB, no tocante às suas diretorias.

- Renúncia

Apesar de não constar nas atas, Eny Lima Iglesias renuncia à presidência do Círculo Psicanalítico da Bahia, possivelmente no ano de 1985. Na Ata da Assembleia Geral de 17 de dezembro de 1985, o presidente em exercício, Adilson Sampaio, preside assembleia para votação dos estatutos.

- Comissão Especial

Consta na Ata da Assembleia Geral, realizada no dia 16 de março de 1992, que a reunião dos sócios tem por motivo: “[...] apresentação da prestação de contas da Diretoria atual e eleição e posse da nova diretoria.” (ATA... 1991, p. 38). Não havia chapa previamente constituída para concorrer à diretoria e a diretoria anterior recusava-se a continuar por mais um mandato. Diante desse impasse, entre os comentários e sugestões apresentados, é sugerida a eleição de uma comissão para dirigir o CPB. A comissão indicada pela assembleia era composta por: Antonio Néri Alves Filho, Ana Rita Dórea, Helder Targino Pereira, Maria Tereza Velloso e Wilson Trindade.

- Comitê Executivo

Embora não conste nas atas, um dos membros do Comitê Executivo, Antonio Lobo, sai da instituição meses após o início do mandato, sem participar o motivo da sua saída e, segundo os entrevistados, sem ter havido nenhum conflito aparente entre ele e os outros membros da instituição.

4.8 FATOS E DINÂMICA INSTITUCIONAL

Fazendo um corte transversal no tempo, lançamos o olhar sobre os diversos momentos de vida da instituição. Nessa história, as palavras desenhadas sobre o papel não conseguem transmitir a emoção dos momentos vividos. Tanto nas dificuldades e impasses como nas horas de prazer, apenas retratam uma trajetória a partir das falas dos entrevistados, do artigo de Iglesias (1996) e de documentos da Instituição.

Tudo começa com a chegada ao divã, para análise com Carlos Pinto Corrêa, dos primeiros profissionais que ousam confrontar-se consigo mesmos. Entre os vários candidatos, poucos são aqueles que conseguem ir adiante. Com o psicanalista Carlos Pinto Corrêa, Eny Lima Iglesias e Luis Fernando Pinto formam o grupo que inicia a instituição (IGLESIAS, 1996). Após concluírem as cento e setenta horas de análise didática²¹ exigida naquele período, começam o estudo teórico. Como diz um dos entrevistados:

No começo era Carlos Pinto para tudo, ele era analista, coordenador dos seminários, presidente da instituição. Era muito bom quando vinham as pessoas de fora para dar os seminários: Malomar e Antonio Ribeiro eram como um presente para nós, precisávamos de um arejamento. (E1).

Outro psicanalista (E2), durante a entrevista, refere-se a esse período do Círculo como os “anos dourados”, uma época de harmonia, quando tudo flui bem, “era uma maravilha”.

Em 1975, na etapa final de formação da turma A, ingressou no CPB a turma B, composta de quatro participantes, dos quais um deles abandona o curso, dirigindo-se a São Paulo para fazer lá a sua formação em psicanálise (E1).

Em 1977, a turma C inicia a formação psicanalítica. Os seis profissionais que dela participavam fizeram um percurso de estudo na instituição. Após um ano e meio de curso, dois deles questionaram o ensino do Círculo e acabaram por sair da instituição, por acharem que era necessário não somente estudar Freud e pós-freudianos, mas também Lacan. Um deles aprofundou a leitura de Lacan e, mais adiante, fundou uma instituição lacaniana, a *Clínica Freudiana* em Salvador, que posteriormente passou a pertencer à Escola Brasileira de Psicanálise e, atualmente, ao Campo Freudiano. O outro, após algum tempo, transferiu-se para o interior da Bahia (E1, E7).

A turma D ingressou em março de 1979. Nessa turma, Carlos Pinto Corrêa entregou a coordenação dos seminários de formação a Eny Lima Iglesias e Adilson Peixoto Sampaio. O grupo, composto por três profissionais, teve a sua trajetória marcada por trágico acontecimento, o falecimento da esposa do fundador, morta em novembro de 1979. Este foi um momento de luto para o Círculo, em particular para o seu presidente.

²¹ Análise didática é o processo de formação do psicanalista composto por três pilares: a psicanálise pessoal, formação teórica e supervisão (informação extraída dos estatutos do CBP, do CPB e das entrevistas feitas: E2, E7, E14).

Esse falecimento marcou a turma D e constituiu um dos fatores que, aliado ao desejo de estudar o texto lacaniano, contribuíram para a saída de mais um membro desse grupo no ano seguinte. A turma D continuou com um profissional, que concluiu o curso de formação (E6).

A década de 80 tem início com um processo de luto. Olhar a morte de um membro é enfrentar a própria fragilidade e transitoriedade inerente ao ser humano.

Os anos 80 são marcados pelo clamor por mudanças. Em 1980, Carlos Pinto Corrêa é reeleito para mais um mandato de dois anos. Findo esse período, em 1º de março de 1983, uma nova eleição aconteceu, constando em Ata da sexta Assembleia do CPB: “Adilson Sampaio explica que no espírito de mudanças de toda a equipe da diretoria, indicaria Eny como presidente e ele mesmo como vice-presidente [...]” (ATA..., 1976b, p. 13). Carlos Pinto Corrêa acreditava já ser a hora de entregar a presidência da instituição para que outros membros a assumissem, atitude que evidencia o seu espírito democrático. Trazemos a fala de um dos entrevistados, corroborada pela maioria deles:

[...] um pai competente, com a liderança que ele tem e o espírito democrático, que é o que eu mais aprecio em Carlos, você não acha? Tem muita habilidade em lidar com as pessoas, é um verdadeiro líder, uma liderança positiva. (E2).

O CPB vivia um movimento em que as pessoas achavam a instituição fechada e desejavam mudanças, reivindicando: a extinção do psicanalista didata²², a introdução do estudo de Lacan, a participação de profissionais de outras instituições nas atividades do CPB, até então reservadas aos membros, e a participação das turmas em formação nas decisões da instituição. Nesse momento, também aos profissionais que estavam em formação psicanalítica era vetada a participação em atividades como: jornadas internas, reuniões de diretoria e qualquer outra atividade do CPB. Às turmas em formação só era permitida a participação nos seminários do curso, continuando a vigorar esta regra até a turma I, que ingressou em 1991. A turma H, revoltando-se contra essa regra, prepara a *I Jornadinha do CPB*, a qual recebe o veto da instituição (E13, E14).

Em março de 1983, Eny Iglesias assume a presidência do CPB e Adilson Sampaio a vice-presidência. Em setembro do mesmo ano, acontece o Congresso do Círculo Brasileiro de

²² Psicanalista didata: Psicanalista reconhecido pela instituição psicanalítica para analisar os profissionais em formação psicanalítica (informação extraída dos estatutos do CBP, do CPB e das entrevistas: E2, E7, E14).

Psicanálise, sediado em Recife. Podemos retratar este evento através do relato de um dos entrevistados que traduz o depoimento de vários outros:

O Congresso de Recife foi o momento em que detonou a insatisfação com relação ao analista didata, a questão da análise didática era discutida nos corredores do congresso. Este congresso aconteceu em setembro de 1983, foi um marco. Nos demos conta de que o questionamento sobre as mudanças no Círculo da Bahia era um movimento que estava acontecendo em todos os Círculos e nós não sabíamos. Quando voltamos, todo mundo queria continuar as mudanças e aí o pessoal antigo começou a resistir. (E7).

Após o Congresso de Recife, o então presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Carlos Pinto Corrêa, convocou todas as unidades da instituição – os Círculos da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – para um Simpósio – *Perspectivas do Círculo Brasileiro de Psicanálise* –, realizado em Belo Horizonte, nos dias 24 e 25 de março de 1984. Para esse evento, foi solicitado que um representante de cada turma do Curso de Formação em Psicanálise dos Círculos dos Estados acima referidos proferisse um depoimento sobre a instituição à qual estava filiado. A fala passou dos corredores do Congresso de Recife para a sala de reunião do Círculo Brasileiro. Esses depoimentos foram reunidos e publicados sob o título “O Círculo Brasileiro de Psicanálise: uma Avaliação”, na Revista *Cadernos de Psicanálise*, editada pelo Círculo Psicanalítico de Pernambuco (E1, E7, E9). Dessa edição, retiramos recortes de alguns depoimentos que retratam aquele momento institucional.

No seu depoimento, Fonseca (1984, p.65) diz:

Fazendo parte da turma mais recentemente em formação (aproximadamente dois anos), no Círculo Psicanalítico da Bahia, ao participarmos dos encontros nos quais foram escolhidos representantes para este Simpósio, tivemos, pela primeira vez, oportunidade de manifestar em grupo, situações que nos tem incomodado. A mais importante delas, tem a ver com o impedimento de nossa participação nas reuniões em que são tomadas decisões, que diretamente nos interessam e dizem respeito como turma de formação. Destas decisões somos apenas informados.

No depoimento de Dórea (1984, p.68), no tocante ao “Papel do Didata”, podemos ler:

Este candidato, para iniciar a sua formação, não tem o direito de escolher o analista de sua preferência e, muitas vezes, sobrevêm as angústias e perdas, quando da passagem do analisando para o didata,

em análises avançadas. Imensa também deve ser a frustração sentida pelo analista pela perda do seu cliente.

Um profissional no último ano de formação em psicanálise expõe no depoimento C:

Sabemos o que se passa na nossa instituição através de encontros ocasionais com outros membros ou através de comentários nos nossos seminários. Portanto não vivemos a instituição, ouvimos falar dela. Nosso contacto com o Círculo se limita, quase exclusivamente aos colegas de seminário e supervisor, este atuando como cordão umbilical na instituição. Mais adiante acrescenta: “A falta de encontros científicos e culturais é muito sentida fora dos seminários de formação não temos tido acesso ao conhecimento de novos trabalhos ou a reflexão de técnicas e teorias. Entendemos que a atualização deve ser uma meta. Ao limitarmos a Instituição Círculo ao desenvolvimento da formação analítica básica, estamos decretando sua defasagem e morte.

Os seminários de formação básica não têm tido a flexibilidade desejada. Não podemos intervir na programação. A nós só é dado o direito de reavaliá-la no final da formação. A programação é muito acadêmica nem sempre coincidindo com as nossas necessidades do momento. Observamos ainda, que a textos básicos são destinados poucos seminários enquanto a outros menos expressivos um número bem maior. Durante a formação estudamos Spitz, Alexander e não temos sequer um seminário sobre Lacan.

Questionamos também a obrigatoriedade para os candidatos à formação que sua análise pessoal se dê exclusivamente por analistas didatas, bem como o poder vitalício destes. Elemento contribuinte para uma maior hierarquização dentro da instituição.

A Instituição deveria ser: agregadora, democrática e atuante para todos os seus membros. (VELOSO, 1984, p. 69-70).

Um outro membro relata:

Sabemos do consenso de que de cada crise tiramos sempre proveito, lucramos com algum crescimento, mas por que não dirigirmos nossa libido, nosso aporte energético para que surjam frutos, que nutram nossa ânsia de novos conhecimentos e não ervas daninhas que prejudicarão o nosso pomar. (VILAS BOAS, 1984, p. 62).

Também Sampaio (1984, p.75) se pronuncia:

Pergunto então o seguinte: se para o reconhecimento de um orientador ou supervisor não basta concluir a formação, por que bastaria concluir a formação para fazer uma análise didática, uma vez que a análise

didática, não importando com que nome ela seja chamada, é uma etapa da formação e tem a maior significação? Gostaria de entender a razão porque para ser orientador e supervisor algo mais é exigido além de ter concluído a formação, ao passo que para fazer a análise de um candidato é suficiente ter terminado a formação. É esta a minha pergunta.

Esses relatos evidenciam a crise interna vivida por todas as filiadas do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Pudemos observar, nos depoimentos, nas entrevistas, nas atas e na Revista *Cadernos de Psicanálise*, editada pelo Círculo Psicanalítico de Pernambuco e acima citada, a existência no CPB de dois grupos em franca oposição e caracterizando um jogo de forças na instituição: ao primeiro deles, denominamos de “grupo dos novos” e o segundo, de “grupo mais antigo”. Esta nomeação não está relacionada com a idade das pessoas nem tampouco com o tempo de ingresso, e sim com o posicionamento na instituição. O “grupo dos novos” é caracterizado por posições de vanguarda e inovadoras que expressam o inconsciente reprimido do grupo que emerge e luta por permanecer desejante. O “grupo mais antigo” é caracterizado pela manutenção do *status quo*, pelas posições conservadoras que expressam a censura e a repressão no grupo, que se insurge contra tudo aquilo que é “diferente”, ou seja, com o que é espontâneo, oriundo do inconsciente reprimido. O primeiro grupo buscava uma renovação que envolvia a possibilidade de adquirir direitos como os demais membros – a queda do didata é uma luta desejada contra os mecanismos de poder aos quais estavam submetidos. O outro grupo desejava manter as suas regalias, o poder.

Os relatos de E1, E7, E13 sugerem a existência, no CPB, de um clima de competição e hostilidade que impossibilitava a escuta²³. A percepção desse conflito poderia levar os participantes (o grupo mais antigo) a acreditar que a solução estaria na mudança do estatuto. Assim, a possibilidade de falar e de ser escutado parece ter sido vencida pelos mecanismos de opressão; a lei é usada para reprimir e fazer calar. Após longas, torturantes e intermináveis reuniões para a votação do estatuto, Eny Lima Iglesias renuncia à presidência três meses antes da votação final desse estatuto, que é supervisionada pelo presidente em exercício, Adilson Peixoto Sampaio, na assembleia do CPB, em 17 de dezembro de 1985 (ATA..., 1991a, p. 14).

Muitas questões levantadas durante esse encontro foram encaminhadas, após o encerramento do Simpósio, por Carlos Pinto Corrêa, que, na condição de presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) nesse período, propõe e muda a relação das unidades regionais com essa instituição nacional, transformando o Círculo Brasileiro de Psicanálise em

²³ Escutar (do latim auscultare): “Tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a [...] Aplicar o ouvido com atenção para perceber ou ouvir” (FERREIRA, 1975, p.561).

uma federação. Assim, a partir daquele momento não têm mais uma ligação de dependência com o CPB. Passam a ser unidades independentes, funcionando da mesma maneira que Igor Caruso implantara na Europa e fora sugerido para o Brasil.

Em 17 de março de 1986, os membros da instituição foram convocados para eleição de diretoria e Luís Fernando Pinto é eleito presidente (ATA..., 1976c). O Regimento Interno é votado em dezembro desse mesmo ano. A função de psicanalista didata é extinta, constando no Capítulo X – “Da Admissão dos Candidatos”, artigo 25 – “C: Análise pessoal, com psicanalista efetivo do CPB, num mínimo de 170 (cento e setenta) horas (duas sessões semanais)” (REGIMENTO..., 1976b, p.22). Assim, a partir desse momento, a exigência de efetuar análise com psicanalista didata deixa de existir, e o chamado “grupo dos novos” conquista seu espaço.

Em março de 1988, Celso Augusto Vilas-Boas foi eleito presidente, e uma nova turma de formação ingressou no Círculo Psicanalítico da Bahia, a turma H. Esta nasceu com uma marca, a marca da renovação. Pela primeira vez na história do CPB, profissionais ingressam no curso de formação em psicanálise, estando em processo psicanalítico com analistas não didatas. Trata-se também da turma mais numerosa admitida até aquela data no CPB, ficando, por esta razão, dividida em dois grupos para os seminários de formação. Nesse momento, começa a vigorar um curso de seis meses sobre teoria psicanalítica, com a finalidade de ser um elemento auxiliar para a seleção ao curso de formação. Com essa medida, o CPB procurava resolver o processo seletivo até então ineficiente, uma vez que profissionais qualificados ficavam sem a possibilidade de admissão, pois eram vetados no processo seletivo.

Retomando o processo de admissão das primeiras turmas no CPB, observamos no relato dos entrevistados que o ingresso foi tranquilo. A turma A foi selecionada por Carlos Pinto Corrêa. A partir da turma B até a turma F, ele se afasta desse processo por não ser aconselhável selecionar os próprios analisandos, e Antonio Ribeiro, psicanalista do Círculo de Minas Gerais, veio a Salvador fazer as entrevistas, a convite do fundador, então Presidente. A partir da turma G, os membros do CPB passaram a fazer as entrevistas de seleção. Segundo o depoimento da maioria dos entrevistados, desse momento em diante, a seleção começa a ser fonte de mal-estar. Para exemplificar os problemas surgidos no processo seletivo, citamos o relato de um dos entrevistados:

As rejeições começaram quando nós mesmos começamos a fazer a seleção [...] deixaram de fora muita gente interessante. (E1).

Seguimos agora para o ano de 1990. Após a gestão de Celso Villas-Boas, Marli Piva Monteiro assumiu a presidência em 22 de março de 1990. Alguns fatores marcaram este período, entre eles, o curso sobre *Teoria Lacaniana*, ministrado por Antonio Quiné, iniciado no segundo semestre de 1991, com a duração de um ano. Este é um dos momentos em que os membros do Círculo Psicanalítico da Bahia se agregam. O curso conta com a participação de todos os associados da instituição. Pudemos observar que o grupo vive um período de bem-estar, quando está reunido em torno de uma tarefa comum, o estudo da teoria lacaniana, o que possibilita momentos de grande prazer, como declararam, unanimemente, os entrevistados que pertencem à instituição nesse período.

Em 1991, a presidente do CPB, Marli Piva Monteiro, lançou, em evento ocorrido em Belo Horizonte, a proposta de a Bahia sediar o IX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, a ser realizado em setembro de 1992. A sugestão foi imediatamente aceita pela referida instituição, como informa E4. Entretanto, não havendo entre os membros do Círculo Psicanalítico da Bahia mobilização favorável para a realização desse evento, a presidente encaminhou correspondência ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, relatando a impossibilidade de sua realização na Bahia (E19; ATA..., 1976d).

O conjunto de acontecimentos do período leva-nos a perceber uma Instituição dividida e fragmentada; os conflitos internos se foram multiplicando num lugar em que não havia espaço para a escuta. Segundo as entrevistas e atas, parece que existiam dois grupos que disputavam o poder. A soberania do mal-estar, da coerção, da crítica e a falta de espaço para a palavra levaram a instituição à imobilidade. O IX Congresso Brasileiro não pôde ser realizado na Bahia, ficando o CPB com uma imagem negativa diante do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Ao lado desse acontecimento, surgiu o movimento para a mudança do estatuto. Mais uma vez, a lei é buscada para tamponar²⁴ a escuta e a palavra.

Após sucessivas assembleias para discussão de mudanças no estatuto e sua votação, o mandato de Marli Piva Monteiro chegou ao final, sem ter havido a possibilidade de um mínimo de consenso necessário às votações. Em 16 de março de 1992, marcada uma Assembleia Geral para votação da nova diretoria, ocorreu um impasse: não apareceu nenhuma chapa candidatando-se, e a diretoria recusou-se a continuar por mais algum tempo, conforme sugerido em Assembleia. Surgiu, então, a proposta de uma comissão para dirigir o Círculo Psicanalítico da Bahia até a conclusão da votação dos estatutos, quando haveria uma assembleia para eleição de nova diretoria. Os membros concordaram e aprovaram a comissão

²⁴ Tamponar: “Obstruir com tampão; tapar.” (FERREIRA, 1975, p.1.362).

especial para dirigir a instituição até 30 de junho de 1992, sendo composta por Antonio Nery Teles Filho, Ana Rita Dórea, Helder Targino Pereira, Maria Tereza Velloso (E7; ATA..., 1991b, 1991c, 1991d). Esta comissão coordenou assembleias, nas quais foram discutidas modificações no estatuto existente. Em 4 de maio de 1992, o novo Estatuto foi votado e aprovado. A *Comissão Especial* eleita para elaborar o novo estatuto propõe a sua dissolução e a criação de uma comissão para trabalhar a nova proposta de Regimento Interno. Em 25 de maio de 1992, os membros do CPB voltaram a se reunir em Assembleia Geral para uma leitura do Estatuto já aprovado e a eleição de uma Comissão para redação do novo Regimento Interno, que foi composta pelos seguintes membros: Adolfo Iglesias, Cibele Prado Barbieri, Tarcísio Andrade e Arlúcia Fauth (ATA..., 1991c).

Foram, então, iniciadas as reuniões para a elaboração do novo Regimento, e sua conclusão se deu no dia 29 de junho de 1992, quando foi votado e aprovado em Assembleia Permanente. Uma modificação importante aconteceu nesse regimento: a redução do período de supervisão obrigatória, de três para um ano. Esta medida permitia que os profissionais em formação se tornassem membros efetivos num período mais curto de tempo (ATA..., 1991d).

Após a aprovação do Regimento Interno, os membros do Círculo Psicanalítico da Bahia foram convocados para uma Assembleia Geral, no dia 27 de julho de 1992, com o objetivo de eleger uma diretoria. Para presidir esta assembleia, é indicado Antonio Nery Teles Filho e, para secretariar, Lúcia Soares de Azevedo Vinhais. Diante da ausência de chapa inscrita, foram indicados nomes para compor uma chapa, entre os quais: Maria Tereza Velloso para presidente e Arlúcia Fauth para vice-presidente. Esta chapa foi eleita e empossada nessa mesma Assembleia (ATA..., 1991e).

Durante essa gestão, o Círculo Brasileiro de Psicanálise sugeriu que a Bahia fosse sede da 1ª. Jornada Norte-Nordeste. O assunto é debatido na Assembleia Geral do dia 3 de março de 1993, recebendo a aprovação de seus membros (ATA..., 1991f). No mesmo dia, foram indicados os profissionais para assumirem as chapas, os quais aceitaram, sendo possível, através de um movimento de coesão do grupo, a realização de uma jornada que marcou a história do CPB, por sua organização e alto nível dos trabalhos apresentados.

Em 1º. de setembro de 1994, foi convocada uma Assembleia Geral para eleição de diretoria. Como não havia chapa previamente inscrita, foi constituída e votada uma chapa durante a assembleia: Antonio Nery Filho foi eleito presidente e Luiza Aurora Vilas-Boas, vice-presidente (ATA..., 1991g). Nesta diretoria, podemos observar um fato novo: é a primeira diretoria composta, na sua maioria, por profissionais da última turma formada pela instituição, a turma H, sendo que dois deles pertenciam à turma I, ainda em formação. Temos

a exceção da vice-presidente, formada na turma F, e dos membros dos conselhos de representantes e conselho fiscal.

Entendemos que esta foi, inegavelmente, uma diretoria “do grupo dos novos”; era uma equipe de vanguarda, trazendo um movimento renovador. A oposição entre o “grupo dos novos” e o “grupo mais antigo” continuava, num conflito composto de várias “batalhas” e momentos de “armistício”. Luta pelo poder, em que a crítica era a arma; o peso do silêncio nesse momento era portador de um profundo mal-estar, em um espaço em que não estava sendo possível falar. As palavras proferidas pelos membros eram usadas pelos colegas para agredir, desfazer e reprimir; não se escutava o outro, ouvia-se somente o eco das próprias palavras. Nessa ambiência, como seria possível a construção de um bem comum, a produção institucional? Como poderia ser possível trabalhar, escrever e criar? O processo criativo fica podado e a instituição estéril. Este momento da instituição é bem retratado na seguinte fala: “[...] como pode numa instituição psicanalítica, o psicanalista não ter voz?”. Como pode, em uma instituição composta de psicanalistas, não haver a atitude de escutar os colegas?” (E14)

Durante essa gestão, surgiram dois movimentos antagônicos: de um lado, o CPB sedia e organiza um Congresso do Círculo Brasileiro em setembro de 1996, coroado de sucesso. No mesmo ano, produz o exemplar da primeira Revista do Círculo Psicanalítico da Bahia, a Revista *Cogito*. O seu editorial registra: “CÓGITO escolhido por seus membros, reunidos num momento de algazarra e alegria, em meio a muitos outros nomes propostos.” (AZEVEDO, 1996, p.8). Do outro lado, durante essa gestão, acontece, mais uma vez, uma reformulação do Estatuto e do Regimento Interno.

O que significa, mais uma vez, a reformulação do Estatuto e do Regimento Interno? A análise das atas e entrevistas, ao longo dos trinta e três anos contemplados pela nossa pesquisa, nos mostra que, diante das discordâncias entre os membros da instituição, a escuta do outro não acontecia, a saída das dificuldades era feita pela utilização de mecanismos de poder e a mudança do estatuto era um recurso coercitivo utilizado.

Em seguida, uma Assembleia Geral foi marcada para 10 de outubro de 1996. O presidente Antonio Nery Filho apresentou relatório da sua gestão, trazendo, em seguida, ofício assinado por Cibele Prado Barbieri, no qual é apresentada uma chapa, candidatando-se à presidência da instituição para o biênio 1996-1998. À candidata foi concedida a palavra para expor sua proposta de trabalho. Após a explanação, Carlos Pinto Corrêa pediu a palavra e parabenizou a diretoria e os membros do CPB pelo Congresso Brasileiro “de alto nível e harmonioso”, pela publicação da revista, “espaço fundamental para a divulgação da nossa

produção” e a candidatura da chapa apresentada, fato que há muito tempo não acontecia (ATA..., 1991h, p.62).

A chapa veio com a marca do desejo; o desejo de dirigir a instituição, fato que não acontecia desde 1982, quando Eny Lima Iglésias assumira a presidência. Esses fatos evidenciam o receio dos profissionais em dirigir a instituição.

Após votação, a nova diretoria presidida por Cibeles Prado Barbieri é empossada, dando continuidade à gestão de Antonio Nery Filho. Dizemos continuidade porque Cibeles Barbieri foi uma colaboradora da gestão anterior, tendo participado de diversas atividades da instituição, particularmente no Congresso do Círculo Brasileiro de 1996. A nova gestão nasceu com o espírito de trabalho.

Durante o biênio 1996-1998, o CPB transferiu a sua sede do Centro Médico Garibaldi para o Edifício 20, na Rua Agnelo de Brito, e inaugurou a sua biblioteca. Nessa gestão, a instituição atravessou várias dificuldades. As discórdias e a luta pelo poder, que até então vinham acontecendo, eclodiram durante esse período. Entendemos, com apoio nas falas dos entrevistados E13, E14 e E15, que a luta pelo poder no CPB teve sempre uma característica particular; não se traduzia numa busca pela ocupação de cargos, mas pelo poder nos bastidores, sem definição clara dos objetivos, sugerindo serem parte de necessidades e interesses individuais. Quem ocupava cargos, particularmente a presidência, tornava-se alvo das críticas destrutivas que teciam as relações institucionais e evidenciavam a competição entre os membros.

Em 1996, existia uma inadimplência significativa de sócios dentro do CPB. A partir daí, aconteceu um movimento de saída de profissionais da instituição. Em 1997, esse processo atingiu o apogeu, permanecendo no Círculo Psicanalítico da Bahia apenas 50% dos seus membros (E13). Trata-se de um momento institucional difícil. Com a saída de metade dos membros, a receita da instituição ficou reduzida e os profissionais que permaneceram na instituição temiam sua extinção. Nesse momento, o fundador foi convidado por alguns membros para prestar um auxílio, sendo este pedido atendido. No final dessa gestão, é constituído um grupo de trabalho com funções definidas pelas preferências com relação às áreas de atuação. Para uma nova gestão, “as comissões são intuitivamente preenchidas” e o desejo de trabalhar pelo CPB é revelado, passando-se à discussão sobre a composição da diretoria (E19).

Na Assembleia Geral de 3 de setembro de 1998, alguns nomes são sugeridos para ocupar a presidência: Ajourimar Borges de Barros Sanches, Carlos Pinto Corrêa e Cibeles Prado Barbieri. Essas pessoas declinam do convite feito, e a atual presidente fala sobre a sua

impossibilidade de continuar naquele momento, devido ao grande desgaste emocional que sofreu durante a sua gestão e a falta de colaboração da maioria dos membros. Em seguida, Tereza Velloso sugeriu o nome de Carlos Pinto Corrêa para articular a nova chapa e candidatar-se (ATA..., 1991i).

Em 14 de outubro de 1998, o Círculo Psicanalítico da Bahia se reuniu em Assembleia Geral, sendo a sessão iniciada por Carlos Pinto Corrêa e, como consta da respectiva ata:

Carlos Pinto iniciou dizendo que neste momento deveríamos fazer as coisas mais em função das pessoas do que em função do regulamento. Propôs então que começássemos por preencher as comissões antes de definir a diretoria. Foram nomeadas algumas comissões e algumas pessoas aceitaram participar das mesmas. Em seguida foi questionada a participação dos membros da turma em formação nas comissões do Círculo. Concluiu-se pela importância de convidar os referidos membros para as comissões, até para que conheçam melhor o funcionamento da instituição. Alguns cargos como 1º. e 2º. tesoureiro foram definidos e uma nova Assembléia foi marcada para o dia 21 de outubro de 1998. (ATA..., 1991j, p. 83).

Na Assembleia Geral de 21 de outubro de 1998, está escrito: “Iniciou-se a Assembléia com uma discussão a respeito da resistência que os membros têm quanto a assumir o cargo de presidente” (ATA..., 1991l, p.83v). Fica então marcada uma nova Assembléia para 28/10/1998.

Em 28 de outubro de 1998, os membros do CPB reuniram-se em Assembleia Geral. Podemos ler na ata da referida assembleia: “Iniciou-se a Assembléia com Carlos Pinto propondo para a diretoria um Comitê Executivo formado por Rosana Veloso, Antonio Lobo e ele próprio, sendo tal idéia imediatamente aprovada pelos presentes” (ATA, 1991m, p.84). Essa diretoria foi eleita por aclamação. Segundo informa o fundador em entrevista, a ideia do comitê não era um simples recurso burocrático, a proposta visava à diluição da autoridade, do mesmo modo que a proposta de uma assembleia permanente, capaz de valorizar o debate e a inteligência contra as antigas alegações estatutárias. As ideias sobre uma nova instituição foram apresentadas por Carlos Pinto Corrêa na XII Jornada do CPB, realizada de 1º a 2 de dezembro de 2000, em um artigo intitulado “Um Lugar sem Pai ou um Eixo para a Subversão Institucional”, posteriormente publicado na Revista *Cogito* (CORRÊA, 2001, p.31-38).

A diretoria eleita para o biênio 1998-2000 foi avaliada pelos membros como um grupo que funcionou muito bem e deveria continuar. Com pequenas alterações, transformou-se na chapa para reeleição, permanecendo o mesmo Comitê Executivo para a gestão de 2000-2002

(ATA..., 1999q). Nessa segunda gestão, aconteceu um fato inesperado: Antonio Lobo deixou uma carta com a secretária do Círculo, comunicando à diretoria o seu desligamento do CPB. Desfeito, então, o Comitê, Carlos Pinto Corrêa continuou o trabalho, sendo reeleito para a presidência em 13 de novembro de 2002, também por aclamação, com a sua nova chapa para o biênio 2002-2004 (ATA..., 2002a).

O que aconteceu durante esses seis anos de trabalho?

Na reunião de diretoria que sucedeu à eleição de 28 de outubro de 1998, o fundador sugeriu que as comissões preparassem uma proposta de trabalho e a apresentassem na próxima reunião.

Em 24 de março de 1999, a diretoria se reuniu, constando em ata: “Carlos inicia a reunião solicitando a necessidade de transformação do Círculo – o modelo do Círculo ainda se mantém como há 25 anos.” (ATA..., 1991n, p. 87). Sua proposta de trabalho era renovadora e apontava para: a necessidade de o CPB estabelecer intercâmbio com as instituições psicanalíticas, as universidades e o Conselho de Psicologia; a manutenção dos núcleos de estudos vigentes e a abertura de novos núcleos; a promoção de cursos abertos também para pessoas que não sejam da instituição; e informatização da biblioteca com o programa utilizado na Escola Brasileira de Psicanálise.

Consta ainda na mesma Ata citada: “Carlos Pinto esclarece que o que pretende é criar vínculos e estabelecer um intercâmbio” (ATA..., 1991n, p.87).

Na reunião seguinte, de 19 de maio de 1999, o presidente em exercício colocou a possibilidade da formação de uma nova turma para estudar psicanálise, convocando nova reunião com os membros que iriam participar da equipe de transmissão da psicanálise para 2 de junho de 1999 (ATA..., 1991o). Nessa reunião, apresentou uma nova proposta para a formação psicanalítica – Curso Básico de Teoria Psicanalítica, com a duração de dois anos, podendo participar profissionais de diversas áreas; e um curso posterior, chamado de Curso Básico de Técnica Psicanalítica, para o qual haveria uma seleção de candidatos (ATA..., 1991p). Essa proposta foi debatida e aprimorada em 17 de agosto de 1999, dando início a uma nova turma de formação nesses moldes, a turma K.

Diante desses fatos, podemos observar o início de uma mudança no CPB que começa pelo alicerce, pelas pessoas; passamos, então, a denominar os cinco anos descritos a seguir de “A Nova Gestão”.

- Período de 1998 a 2005 – A Nova Gestão

Transcorridos seis anos, o que o CPB presenciou? Como falou um dos membros: “[...] hoje é um Círculo novo, está tão bom! Gostoso de se conviver, de se trabalhar” (E1). Criada esta possibilidade de convívio, onde o outro é escutado, tem voz, sendo acolhido²⁵ nas suas diferenças²⁶, foi possível obter não apenas bem-estar como várias conquistas, entre as quais constatamos:

- maior participação dos membros com formação concluída e abertura aos profissionais em formação para a participação em todas as atividades da instituição;
- no período de seis anos, a Comissão de Ensino iniciou a formação de quatro novas turmas;
- novos núcleos de estudo foram formados. Além do núcleo de estudo de Lacan e do núcleo de estudo de psicanálise de criança, que já existiam, foram criados três novos núcleos: o Núcleo de Releitura da Obra de Freud, iniciado em 2000 e interrompido em 2002, em razão de alguns impasses surgidos no grupo; o Núcleo de Cinema e Psicanálise, mais uma conquista do CPB e que, ao mesmo tempo, tem um papel importante de interação com outras instituições psicanalíticas e com professores universitários convidados para coordenar o debate a respeito dos filmes, além de também convocar a participação da comunidade em geral; o Núcleo de Filosofia, iniciado em 2002, transformou-se, em 2003, em uma série de cursos ministrados por professores de Filosofia, tendo continuidade no ano de 2004;
- através da Lei Nº. 6.105/2002 (BAHIA, 2002), o Círculo Psicanalítico da Bahia passa a ser considerado de Utilidade Pública Municipal, projeto de lei do vereador Silvoney Sales;
- em 2002, a Revista *Cogito* é indexada no Index Psi Periódicos (CFP, USP, PUC-Campinas, LILACS/BIREME);
- em setembro de 2003, o fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia recebeu o título de Cidadão Baiano, pelos serviços prestados à comunidade de Salvador, tendo em vista, prioritariamente, a fundação da primeira instituição psicanalítica do Estado;
- em 29 de novembro de 2003, durante a XV Jornada do CPB, o projeto da Clínica Social foi apresentado e aprovado na íntegra e por unanimidade, tendo como objetivo, prestar atendimento psicanalítico a pacientes de baixa renda (ATA..., 2002b, p. 2-4);

²⁵ Acolher: “Dar acolhida a ou agasalho a; hospedar” (FERREIRA, 1975, p. 27).

²⁶ Diferença: “Qualidade de diferente. Falta de semelhança ou igualdade; dessemelhança; dissimilitude” (FERREIRA, 1975, p. 476).

- o Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, realizado pelo CPB de 13 a 15 de maio de 2004, contou com a presença maciça de psicanalistas do Círculo Brasileiro de Psicanálise, além de profissionais de quase todas as instituições psicanalíticas de Salvador. O evento foi alvo de crítica elogiosa com repercussão nacional, publicada no *Informe*, jornal do Círculo Brasileiro de Psicanálise (BOTELHO; CARDOSO, 2004; REIS FILHO, 2004; RIBEIRO, 2004);
- na pesquisa de Mestrado intitulada *Pesquisa em Psicologia: A Produção Intelectual de Psicólogos Baianos (1973-2002)*, de autoria de Maria Conceição Barreto, defendida em 2004, o CPB aparece em uma posição de destaque, pelo cabedal de publicações dos psicólogos pertencentes ao Círculo Psicanalítico da Bahia. Na área de psicologia clínica, esses trabalhos alcançam o percentual de 56% das publicações com temática psicanalítica, tema mais publicado durante o período de 1998 a 2002, ficando evidente a produção dos profissionais da área da psicanálise.

Podemos perceber, então, que a aproximação do CPB com as demais instituições psicanalíticas de Salvador tem propiciado a manutenção de um intercâmbio enriquecedor, além de vínculos afetivos mais amplos na comunidade psicanalítica.

Queremos acrescentar ainda às informações prestadas neste capítulo, que, a nosso ver, o retorno de Carlos Pinto Corrêa traduz-se em três verbos: escutar, falar e trabalhar. Por que *retorno*, se seu fundador nunca se desligou dessa instituição? Conforme ele mesmo declarou, em 1982, tinha deixado de participar das atividades do CPB devido à exacerbação das brigas entre os membros e a divisão da instituição em duas facções. Ele resolveu se afastar com a intenção de manter a neutralidade diante de situações tão delicadas, por ser analista da grande maioria dos membros. Como ele declara: “A minha ausência temporária gerou, por um lado, um sentimento de abandono expresso por alguns, mas, por outro lado, o espaço para que se tentasse o estabelecimento de uma nova ordem” (Entrevista com o fundador).

O retorno do fundador aconteceu durante a gestão da décima diretoria (1996-1998), constituída pelo “grupo dos novos”, época de dificuldades vividas pela instituição. Como sequência da crise anterior, aconteceu a evasão de um grupo de associados liderados por um membro do “grupo mais antigo”, gerando pessimismo e desinteresse sobre o futuro da instituição. O retorno do fundador, em apoio à décima diretoria constituída pelo “grupo dos novos”, ajudou a alavancar o ânimo dos que permaneceram e se propuseram a dar continuidade ao Círculo Psicanalítico da Bahia.

Referindo-se a esse momento de forte crise vivida pela Instituição, um dos entrevistados, falando sobre o afastamento de tantos membros nesse período, declara: “[...] o Círculo está acabado” (E12). Outro entrevistado diz: “O Círculo está agonizando...” (E2). Como podemos ver nos depoimentos, morte e luto nesse momento institucional se presentificam. Porém o desejo, a pulsão de vida, está nas veias daqueles que permanecem e se lançam ao trabalho. O Círculo Psicanalítico da Bahia renasceu e se reconstituiu a partir dessa crise, apontando para a possibilidade de o ser humano, de o ser grupal, se reconstituir a partir dos pequenos e grandes impasses que permeiam a vida. Daí haver um grande desafio para o sujeito tanto individual como grupal enquanto sujeito histórico e institucional: suportar a incompletude, afirmando-se como sujeito do desejo.

Trata-se, então, de um grupo que, composto por psicanalistas, por profissionais da escuta e de acolhimento do outro, nem por isso deixa de submeter-se a sua condição de ser humano, ser de falta e de falha. Ao fazer laços sociais, ele, imerso em sua própria cultura e submetido às leis sociais e, conseqüentemente, à teia do poder, tanto como indivíduo, como na condição de membro de grupos, só poderá experimentar alívio de toda sujeição e desamparo, reconhecendo-os e, dialeticamente, fazendo questão: poder para quê? As pessoas, sem se darem conta, escapam à percepção do desejo de poder inerente ao homem, como se este não existisse. Entretanto, o poder também possibilita escutar o outro. Com ele, certamente, pode-se edificar uma ação democrática, pode-se desejar, criar, construir e usufruir; isto não necessariamente tentando anular o poder do outro, e sim o reconhecendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou uma aproximação do processo de institucionalização da psicanálise na Bahia com a fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia, primeira instituição psicanalítica do Estado. Descrevemos o período de 1971 a 2004, trinta e três anos de existência da instituição, desde a sua fundação. Desse trajeto, foram descritos: constituição, desenvolvimento, atividades teóricas, relacionamento interno, conflitos e dificuldades.

A análise desse percurso parece-nos uma tentativa de aproximação do fenômeno das crises por que passa grande parte das instituições psicanalíticas, desde a primeira, fundada por Freud, às sociedades psicanalíticas francesas, bem como as instituições brasileiras.

A presente pesquisa sugere, através do levantamento dos dados históricos, grande variação na sua produção científica. Assim, houve períodos de produção científica significativa, contracenando com outros bem mais limitados. Através da análise das Atas, de documentos e de entrevistas com membros que permaneceram na instituição – ou outros que se retiraram – foi possível observar que a produção científica sempre esteve diretamente relacionada com o modo de funcionamento ou rede de relacionamento interno do CPB. Assim, em períodos de maior conflito interno, a produção científica e o trabalho de formação em psicanálise foram significativamente menores do que nos períodos em que existiu espaço para o acolhimento dos membros.

Façamos um resumo do que nos traz o Círculo Psicanalítico da Bahia, retomando a sua pré-história e revendo fatos que antecederam a sua fundação. Embora, de nossa parte, o façamos *à vol d’oiseau*²⁷, acreditamos tratar-se de história que, lembrando Lacan, *não pára de se escrever...*

Tudo começa com um grupo de estudos agregado em torno de Igor Caruso, um grupo que tinha uma proposta diferente, se comparada com a legada por Freud. Caruso foi um homem que marcou um lugar completamente distinto entre os fundadores de outras instituições psicanalíticas. Ele não desejou ser o pai, não pretendeu dominar. Acreditava no deixar ser, possibilitando, ao grupo em causa, uma releitura crítica da obra freudiana; leitura que, respeitando a individualidade e a caminhada de cada membro, estava, de fato, elegendo um lugar onde cabiam as diferenças. O Círculo de Psicologia Profunda de Viena nasce com Igor Caruso dentro de um clima libertário. Como o traço unário marca o início da constituição do

²⁷ Em linha reta, de relance ou por alto (CORRÊA, 1972).

sujeito do inconsciente para a psicanálise, segundo escreveu Jacques Lacan, entendemos ser possível pensar a instituição psicanalítica como portadora de uma marca originária.

Carlos Pinto Corrêa (2001) no seu trabalho “Um Lugar sem Pai ou um Eixo para a Subversão Institucional”, faz uma revisão crítica do sistema estrutural das instituições psicanalíticas e apresenta uma síntese de procedimentos para a transformação da instituição. Nesse texto, o autor fala sobre a relação intensa que tem o saber psicanalítico com a sua origem, com o seu fundador, Sigmund Freud. Fala deste cientista que, para além de promover uma revolução na psiquiatria e na psicopatologia, influencia as ciências sociais, possibilitando ao ser humano as condições de se ver de uma forma completamente nova e revolucionária. A partir da existência do inconsciente e da relação de sujeição a este, móvel de intermináveis repetições no seu comportamento, o homem pode vislumbrar uma aurora cuja luz é infinita.

Ainda segundo este autor, Freud adotou uma postura de mestre, exigindo fidelidade dos seus seguidores. Assim ocupou (e ocupa) o lugar de Mestre, um Nome e um dos quatro discursos de Lacan. E o capítulo dos Discursos – a nosso ver – representa uma contribuição teórica importante na espiral lacaniana de constantes retornos a Freud. Caminho que não para de suscitar novos estudos e produzir novos textos para a psicanálise contemporânea.

Corrêa (2001) acrescenta que, sendo Freud judeu, numa época de marcada competição étnica, ele muito sofreu sob este preconceito; o grupo inicial que se reunia em torno dele tornou-se recusado e defensivo. Esses três aspectos marcaram a psicanálise e a instituição psicanalítica desde Freud; um modelo que se foi repetindo através dos tempos, o discurso do mestre, ou seja, do saber completo que se transforma em uma *espécie de paradigma*.

Mesmo as tentativas de fragmentação desse modelo, a partir do surgimento de novos mestres entre os seguidores de Freud pertencentes à IPA ou dos psicanalistas que tentaram inovar a Psicanálise, buscando até mesmo uma revolução, retornam ao modelo inicial e o repetem.

Mesmo Caruso, que fugindo à ortodoxia, pensou em uma nova condição para o trabalho e formação dos analistas, acabou caindo na cilada institucional ao ampliar o Wiener Arbeitskreiss für Tiefenpsychologie e mais ainda quando se juntou a Fromm e Charnowski pensando na libertária e democrática International Federation of Psychoanalytic Societies, reeditando uma nova IPA. (CORRÊA, 2001, p.31).

O mesmo autor ainda se refere a Lacan como portador de uma proposta inicial de reformulação da instituição psicanalítica que, entretanto, acaba por repetir o modelo padrão. Mas Lacan e os seus seguidores não ficam, de nenhum modo, em débito com a IPA.

O que pode a servidão humana ante o advento do inconsciente? O que pode a instituição psicanalítica a partir do modelo originário freudiano? A psicanálise traz para o ser humano a possibilidade de se rever nas dobras do seu inconsciente e se posicionar de uma outra maneira diante de si mesmo e na sua relação com os outros. O fundador do CPB, através do texto acima citado, propõe uma revisão da estrutura e dinâmica institucional com a perspectiva de uma mudança na posição da instituição psicanalítica em relação ao grande Outro, marca originária e fundante em Freud.

O fundador do CPB marca a instituição com uma proposta e uma ação libertadoras. Daí o nascimento de uma nova perspectiva de trabalho. Seu espírito democrático traz para o espaço da instituição psicanalítica a escuta e a possibilidade de acolhimento das diferenças que bem podem ameaçar o ser humano. A História nos mostra que, sob incontáveis lutas étnicas, culturais e ideológicas, habita o antagonismo que opera a exclusão da diferença.

História e pré-história da instituição se mesclam e se complementam dialeticamente ao longo do tempo. Carlos Pinto Corrêa e Igor Caruso são rebentos de uma mesma árvore. Ambos são personalidades libertárias. A reconstituição da história do CPB aponta para a possibilidade de, subvertendo uma ordem orientada a partir do discurso do mestre ou pai, atravessar e seguir além dele na tentativa de encontrar a própria identidade.

Freud construiu o saber psicanalítico. Melanie Klein e outros pós-freudianos promoveram acréscimos a esse saber. Há que destacar Lacan e seguidores que se posicionam freudianos, trazendo dessa releitura contribuições teóricas importantes. Igor Caruso, com seu olhar crítico e criativo na perspectiva de um homem que, para além do individual, elege o ser social, o ser espiritual e humanista: eis a pedra ideológica para uma instituição liberta no pensar e na ação. Carlos Pinto Corrêa abraça essa ideia e vai além, propondo-se construir e promover um trabalho partilhado entre psicanalistas de seu grupo, ficando visível a instituição de seu desejo ou aquela em que seja possível escapar a imperativos da coerção, da plastificação de modelos psicanalíticos e da repetição de clichês. Uma instituição em que o olhar crítico seja o bem maior não só ante os diversos aspectos de seu cotidiano, como ante as releituras, os modos reinventados do dizer ou a mais pura criação prático-teórica.

Estamos conscientes dos limites desta pesquisa, que investigou apenas um recorte do CPB. O estudo da trajetória do Círculo da Bahia (1971-2004) desvela aspectos que a

investigação não contemplou. Um exemplo disso é a questão da relação entre o exercício do poder, as crises e o trabalho de formação e produção científica na instituição.

Também é possível pensar a instituição psicanalítica enquanto grupo e refletir sobre as relações interpessoais neste, de natureza institucional. Como parte ou não desta questão, surge a necessidade de aprofundar o estudo sobre as causas do receio dos profissionais em assumir a diretoria da Instituição, evidenciado na pesquisa. Além disso, é importante refletir sobre a evolução da teoria psicanalítica a partir da análise dos conteúdos programáticos dos cursos de formação em psicanálise. Acreditamos que pesquisas precisam ser feitas para propiciar, cada vez mais, o aprofundamento do conhecimento acerca dos processos que envolvem o CPB, de modo a contribuir para o seu aprimoramento na consecução dos fins a que se propõe.

Os conteúdos pesquisados são marcos de um intervalo, um espaço infinito – infinito como são os pontos de todos os intervalos – um não-saber que, certamente, reforça a singularidade da Psicanálise, distinta, singular e única; de um saber cujo exercício exclui a sedução e promessas em sua proposta clínica e teórica – um saber conquistado “a céu aberto”.

REFERÊNCIAS

40 ANOS do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Produção: Plano Geral Vídeo. Coordenação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Belo Horizonte: CPB, 2003. 1 videocassete (88 min.), VHS, son., preto e branco.

ANAIS das Jornadas Psicanalíticas do CPB. Salvador, 1986-2004 CD-ROM (Arquivos do CPB).

ANDRADE, Luis F.G. A instituição psicanalítica e seus discursos. *Stylus*, Belo Horizonte, Associação Forum do Campo Lacaniano, n.7, p.87-97, out.2003.

ATA da Assembléia Geral de fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 1, 1976a/... (Arquivos do CPB). ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 01 de março de 1983. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 1, p.13-15, 1976b/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 17 de março de 1986. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 1, 1976c/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 13 de junho de 1991. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.1, p. 27, 1976d/...(Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 17 de dezembro de 1985. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.1, p.14, 1991a/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 16 de março de 1992. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.2, p.38-40, 1991b/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 25 de maio de 1992. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 11, 1991c/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Permanente do CPB, realizada no dia 29 de junho 1992. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 11, 1991d/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 27 de julho de 1992. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, 1991e/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 3 de março de 1993. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.2, p. 17, 1991f/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 01 de setembro de 1994. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, 1991g/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 10 de outubro de 1996. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 62, 1991h/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 3 de setembro de 1998. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 82, 1991i/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 14 de outubro de 1998. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 83, 1991j/... (Arquivos do CPB).

ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 21 de outubro de 1998. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.2, p. 83v, 1991l/... (Arquivos do CPB).

- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 28 de outubro de 1998. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p.84, 1991m/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 24 de março de 1999. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 87, 1991n/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 19 de maio de 1999. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 89, 1991o/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 02 de junho de 1999. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 89v, 1991p/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 16 de novembro de 2000. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 2, p. 94, 1991q/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Geral do CPB, realizada no dia 13 de novembro de 2002. In: LIVRO de Ata, Salvador, n. 3, p. 1, 2002a/... (Arquivos do CPB).
- ATA da Assembléia Extraordinária do CPB, realizada em 29 de novembro de 2003. In: LIVRO de Atas, Salvador, n. 3, p.2-4, 2002b (Arquivos do CPB).
- ATAS das reuniões de diretoria do CPB. Salvador, 1971-2004 (Arquivos do CPB).
- AZEVEDO, Lúcia. Editorial. *Cógito – Revista do Círculo Psicanalítico da Bahia*, Salvador, CPB, v. 1, p.7, 1996.
- BARRETO, Maria da Conceição. *Pesquisa em Psicologia: produção intelectual dos psicólogos baianos (1973-2002)*. 2004. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2004.
- BOLETIM Informativo. Salvador, Centro Psicanalítico da Bahia, números esparsos (Arquivos do CPB).
- BOTELHO, Marília Pires; CARDOSO, Viviane Gambogi. Grupo de Estudos Psicanalíticos – GREP. *Informe*, Belo Horizonte, GREP, n. 2, p. 5, jul./dez. 2004
- CARTA de Princípios do CBP: parte integrante do estatuto do CBP, em sua versão aprovada no dia 10 de setembro de 1992, na Cidade de Recife (Arquivos do CPB).
- CARUSO, Igor A. *Psicanálise e dialética*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.
- CORRÊA, Carlos Pinto. A instituição psicanalítica e a transversal do tempo. *Cogito*, Salvador, CPB, v. 6, p. 21-23, 2004a.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Considerations on the relationship in control analysis. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 9, p. 45-50, 1980.
- CORRÊA, Carlos Pinto. *Entrevista sobre a História do Círculo Brasileiro de Psicanálise e a fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia*. Belo Horizonte: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 2004b. 1 videocassete (Acervo da Biblioteca do CPB).
- CORRÊA, Carlos Pinto. Igor A. Caruso. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 10, p. 4-32, 1981.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Testemunho de um Caminho. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 16, p. 71-75, 1993.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Um lugar sem pai ou um eixo para a subversão institucional. *Cogito*, Salvador, CPB, v. 3, p. 31-38, 2001.

CORRÊA, Roberto Alvim. *Dicionário escolar francês-português e português-francês*. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.

DÓREA, Ana Rita. Depoimentos e reflexões sobre a formação psicanalítica e o papel do analista didata. *Cadernos de Psicanálise*, Recife, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, ano 1, Número Especial, n. 3, p. 66-68, jun. 1984.

EDELWEISS, Malomar Lund. O pensamento psicanalítico de Caruso. *Boletim Brasileiro de Psicologia Profunda*, Porto Alegre, Círculo Brasileiro de Psicanálise, ano 5, n. 1, p.3-25, 1966.

ESTATUTOS e Regimentos do Círculo Psicanalítico da Bahia. Salvador, 1976-2004 (Arquivos do CPB).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONSECA, Albenor. Depoimentos e reflexões sobre a formação psicanalítica e o papel do analista didata. *Cadernos de Psicanálise*, Recife, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, ano 1, Número Especial, n. 3, p. 65, jun. 1984.

FREUD, Sigmund. Conferência XVIII [1916]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. XVI, p.323-336.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. XIV, p.16-82.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise [1916-1917 (1915-1917)]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. v. XV. p. 27-37.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* Rio de Janeiro: Imago, 1976d. p. 209-293.

GREENSON, Ralph R. *The technique and practice of psychoanalysis*. New York: International Universities Press, 1967. v. 1.

HUBER, Wolfgang. O círculo de estudos de Psicologia Profunda de Viena. *Estudos de Psicanálise*, Salvador, Círculo Brasileiro de Psicanálise, n.10, p. 4-32, 1981.

IGLESIAS, Eny Lima. Vinte e cinco anos do Círculo Psicanalítico da Bahia. In: CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 11., 1996, Salvador. *Anais...* Salvador: CPB, 1996. CD-ROM.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874- 1947): estudo histórico do Asilo São João de Deus/Hospital Juliano Moreira*. 2001. 158 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. 1 CD-ROOM.

KOVÁCS, Vilma. Training and Control-Analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, London, n. 17, p. 346-354, 1936.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Porto Alegre: UFMG, 1999.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. *Freud explica... o quê? A difusão da Psicanálise em revistas brasileiras, cem anos após a sua invenção*. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

LISTAS das turmas do curso de formação para psicanalista do CPB. Salvador, 1972-2004 (Arquivos do CPB)..

LISTAS de presença dos seminários para o curso de formação em Psicanálise do CPB. Salvador, 1972-2004 (Arquivos do CPB).

MENEZES, Maria Odete de Siqueira. *A Psicanálise na Bahia (1926-1937): os estudos de Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e cultura*. 2003. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MOKREJES, Elizabete. *A Psicanálise no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993.

PERESTRELLO, Marialzira. *Encontros de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PEREZ, Urânia Tourinho (Org.). *Emílio Rodrigué, caçador de labirintos*. Salvador: Corrupio, 2004.

PROGRAMAS para o curso de formação em Psicanálise do CPB. Salvador, 1972- 2004. (Arquivos do CPB).

RACKER, Heinrich. *Estúdios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1960. v.17.

RAPOLD, Rita de Cássia Maskell. *A Psicologia da educação na Bahia: a História do IDOV pela memória dos seus personagens*. 2003. 133 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

REGIMENTO Interno do Círculo Psicanalítico da Bahia. In: LIVRO de Atas, Salvador, n.1, p. 18-24, 1976a/... (Arquivos do CPB).

REGIMENTO Interno do Círculo Psicanalítico da Bahia, 17 de dezembro de 1986. In: LIVRO de Atas. Salvador, n.1, 1976b/... (Arquivos do CPB).

REGIMENTO Interno do Círculo Psicanalítico da Bahia. 29 de junho de 1992. In: LIVRO de Atas. Salvador, n.2, 1991/... (Arquivos do CPB).

REIS FILHO, José Tiago dos. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG. *Informe*, Belo Horizonte, CPMG, n. 2, p. 3, jul./dez. 2004.

REVISTA CÓGITO. Salvador, Círculo Psicanalítico da Bahia, 1996-2004.

RIBEIRO, Maria Mazzarello Cotta. Palavras do CBP. *Informe*, Belo Horizonte, CPMG, n. 2, p. 4, jul./dez. 2004.

ROUDINESCO, Elizabeth. *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 2v (1ª. edição de 1986).

RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

RUSSO, Jane. *O Mundo PSI no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. *Lei Nº. 6.105/2002*. Declara de Utilidade Pública Municipal o Círculo Psicanalítico da Bahia. Salvador, 2002 (Arquivo do CPB)..

SAMPAIO, Adilson. Debates. *Cadernos de Psicanálise*, Recife, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, ano 1, Número Especial, n. 3, p. 75, jun. 1984.

SILVA, Virgínia Lúcia Britto. Círculo Psicanalítico da Bahia: trinta anos: marco da Psicanálise na Bahia. *Cógito*, Salvador, CPB, v. 4, p. 11-15, 2002.

SILVA, Virgínia Lúcia Britto. Recortes de uma História. *Cógito*, Salvador, CPB, v. 6, p. 129-131, 2004.

VELOSO, Tereza. Depoimentos e reflexões sobre a formação psicanalítica e o papel do analista didata. *Cadernos de Psicanálise*, Recife, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, ano 1, Número Especial, n. 3, p. 69-70, jun. 1984.

VILAS-BOAS, Celso. Instituição e crise. *Cadernos de Psicanálise*, Recife, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, ano 1, Número Especial, n. 3, p. 61-64, jun. 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARCIALMENTE ESTRUTURADA

1. Por que decidiu se candidatar à formação em psicanálise no CPB?
2. Como aconteceu a seleção para o curso de formação em psicanálise no período do seu ingresso?
3. Cite aspectos positivos e negativos da seleção.
4. Fazendo uma reflexão sobre o curso de formação em psicanálise do CPB, o que lhe agradou e o que desagradou? Por quê?

**APÊNDICE B - CRITÉRIOS PARA INGRESSO DE PROFISSIONAIS NO
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE**

Turma A - ingresso em 17 de maio de 1972

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

170 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma B – ingresso em 19 de agosto de 1975

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

170 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma C – ingresso em 16 de março de 1977

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

170 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma D - ingresso em 13 de maio de 1979

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

130 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma E - ingresso em 26 de agosto de 1980

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

130 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma F - ingresso em 21 de setembro de 1982

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

130 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma G - ingresso em 26 de março de 1985

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista didata

170 horas de psicanálise com psicanalista didata

Turma H - ingresso em 10 de março de 1988

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com três psicanalistas do CPB

Currículo

Aprovação em curso introdutório promovido pelo CPB.

170 horas de psicanálise com psicanalista efetivo do CPB

Estas informações constam do Regimento Interno do CPB, aprovado na Assembleia Geral realizada no dia 17 de dezembro de 1986 e registrado em Livro de Ata.

Segundo informação de entrevista (E1), não houve a partir da seleção para esta turma a exigência do candidato estar em psicanálise com psicanalista didata.

A duração do curso introdutório foi de seis meses, não sendo mais realizado nas turmas subsequentes (E13).

Turma I - ingresso em 21 de agosto de 1991

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com psicanalista do CPB

Currículo

170 horas de psicanálise com psicanalista efetivo do CPB

Mudança de Estatuto na gestão de Antonio Néri Filho (1/9/1994 a 9/10/1996), o que implicou uma mudança de critérios para ingresso no CPB.

Turma J - ingresso em 8 de julho de 1996

Graduação em psicologia ou medicina

Entrevista com dois psicanalistas do CPB

Currículo

Psicanálise já iniciada com psicanalista do CPB ou de outra instituição reconhecida pelo CPB

Houve discordâncias entre os membros da Comissão de seleção sobre a psicanálise pessoal e foi admitido um profissional que ainda não estava em análise, com o compromisso de iniciar o processo no início do curso.

Turma K – ingresso em 17 de agosto de 1999

Passou a ser oferecido pela instituição um curso básico de formação em psicanálise de dois anos, para o qual eram aceitos estudantes universitários e profissionais de outras áreas, que tinham o desejo de estudar psicanálise.

Após os dois anos de curso, para iniciar o estudo da técnica psicanalítica, o CPB passou a utilizar os seguintes critérios:

Entrevista com psicanalista do CPB

Análise pessoal já em andamento ou em período inicial

Avaliação da trajetória de dois anos de estudo no CPB

Turmas em formação psicanalítica:

Turma L – ingresso em 5 de maio de 2001

Turma M – ingresso em 8 de agosto de 2002

Turma N – Ingresso em julho de 2004

APÊNDICE C - COMISSÕES DIRIGENTES DO CPB

Obs: Alguns meses após a eleição da décima segunda diretoria, em 2000, Antonio Lobo, participante do Comitê Executivo, deixa a instituição.

Comissão (entre a sétima e oitava diretorias)

Em 16 de março de 1992, diante da inexistência de chapa – Comissão indicada para dirigir o CPB até 30 de junho de 1992.

Consta em ata da Assembleia Geral do dia 16 de março de 1992 que os sócios se reuniram para: “apresentação da prestação de contas da Diretoria atual e eleição e posse da nova diretoria.” Não havia chapa previamente constituída para concorrer à diretoria havendo a recusa da diretoria anterior em continuar por mais um mandato. Diante desse impasse, surgem comentários e sugestões, entre estas foi sugerida a eleição de uma comissão para dirigir o CPB. A comissão indicada pela assembleia estava composta por: Antonio Néri Alves Filho, Ana Rita Dórea, Helder Targino Pereira, Maria Tereza Velloso e Wilson Trindade.

ANEXOS

**ANEXO A - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE
PSICANÁLISE PARA A FUNDAÇÃO DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA
BAHIA**

ANEXO B - ATA DA ASSEMBLEIA DE FUNDAÇÃO DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Às 13 horas do dia 10 de abril de 1976, à Rua Humberto de Campos, no. 11-S/903, reuniram-se os psicanalistas ligados ao C.B.P., residentes em Salvador e Recife, com o objetivo de fundar o Círculo Psicanalítico da Bahia, fazendo uso da palavra, Carlos Pinto Corrêa, tendo sido indicado Eny Lima Iglesias para secretariar esta Assembléia. Comentou em seguida sobre a evolução dos trabalhos em Salvador e Recife que permitem hoje a formação de um novo Círculo Autônomo, conforme autorização obtida junto ao C.B.P, passou-se então a aprovação dos Estatutos conforme segue:

ESTATUTOS DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Art. 1º- O Círculo Psicanalítico da Bahia – C.P.B – é uma sociedade civil, de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos e prazo de duração indeterminado.

Art. 2º – O C.P.B. é seção integrante do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Art. 3º – A sede e foro do C.P.B. é Salvador.

Art. 4º – O C.P.B. tem por finalidade:

- a) Difusão e estudo da Psicanálise e Ciências afins;
- b) Formação de Psicanalistas segundo a orientação do C.B.P;
- c) Estabelecer e manter relações com instituições congêneres;

Art. 5º – O C.P.B. na consecução dos fins a que se propõe manterá as seguintes categorias de sócios, de números limitados:

- a) Sócios fundadores: são aqueles que assinaram a Ata de fundação.
- b) Sócios efetivos: são aqueles que terminaram integralmente a análise didática e as exigências da formação analítica segundo a C.A.D.
- c) Sócios autorizados: são aqueles que ainda estão em formação analítica, pelo analista didata e C.A.D. foram autorizados à prática analítica.
- d) Sócios extraordinários: são aqueles candidatos a formação analítica com análise didática confirmada e frequentando seminários.

- e) Sócios honorário: são pessoas que prestaram relevantes serviços à psicanálise ou ao C.P.B. e propostos por 3 (três) ou mais sócios fundadores, efetivos, autorizados, venham a ser aprovados em Assembléia Geral.

Parágrafo 1º - Os direitos, os deveres e mudanças de categoria dos sócios são estabelecidos pelo regimento, votado pela Assembléia Geral.

Art. 6º – O C.P.B. é administrado pela Diretoria composta de:

Presidente

Vice- Presidente

1º Secretário

2º Secretário

1º Tesoureiro

2º Tesoureiro

Parágrafo 1º – Compete ao Presidente a orientação e direção geral do C.P.B., tanto em seu aspecto técnico-científico como administrativo, cabendo a ele representar o C.P.B., inclusive judicialmente.

Parágrafo 2º – O Vice-Presidente é o substituto do Presidente nos seus impedimentos,

Parágrafo 3º – Compete aos Secretários secretariar; as sessões e dirigir e orientar a secretaria;

Parágrafo 4º – Compete aos tesoureiros receber as contribuições dos sócios, movimentar conta bancária e providenciar a regularização da contabilidade e outras exigências legais.

Art. 7º – A Diretoria do C.P.B. será eleita pela Assembléia Geral e a duração de seu mandato será de 3 (três) anos.

Art. 8º – Somente os analistas didatas poderão ser eleitos para o cargo de Presidente e Vice-presidente.

Art. 9º – Em função das necessidades e da programação de atividades, a Diretoria poderá criar cargos auxiliares e comissões.

Art. 10º – Os analistas didatas compõem uma comissão denominada Comissão de Análise Didática – C.A.D.

Parágrafo 1º – É da competência da Comissão de Análises Didática – C.A.D.

- a) Supervisão e controle das análises didáticas;

- b) Auxiliar a Diretoria do C.P.B. neste caso, funcionando como órgão técnico consultivo

Parágrafo 2º – A C.A.D. atendendo às necessidades de melhorar a formação analítica, poderá criar, modificar, alterar ou substituir exigências, cursos, seminários, programas e normas de ensino.

Parágrafo 3º – Do ponto de vista da aceitação, exigências na formação e na autorização à prática analítica, as decisões da C.A.D. são soberanas.

Parágrafo 4º – A C.A.D. terá regimento próprio que será integrado ao regimento do C.P.B.

Art. 11º – A Comissão de Ensino é o órgão que executará o programa didático do C.P.B.

Parágrafo Único – Os membros da Comissão de Ensino serão designados pelo Presidente do C.P.B.

Art. 12º – a Assembléia Geral é a reunião dos sócios fundadores, efetivos e autorizados, regularmente convocada pelo Presidente ou por dois terços dos sócios enumerados.

Parágrafo 1º – Em primeira convocação a Assembléia Geral funcionará com a presença da maioria dos sócios fundadores, efetivos e autorizados. Em segunda convocação, 30(trinta) minutos após, com qualquer número

Parágrafo 2º – Compete a Assembléia Geral:

- a) Votar o Regimento
- b) Eleger os membros da diretoria
- c) Aprovar relatórios e contas
- d) Reformar ou emendar o presente Estatuto, quando convocada especialmente para este fim.
- e) Discutir as questões que lhe forem propostas.

Art. 13º – A conduta de sócio prejudicial aos interesses do C.P.B. poderá implicar na exclusão do sócio, a qual se fará da seguinte maneira: A diretoria nomeará uma comissão que averiguará e julgará o caso, salvaguardando o direito de defesa do interessado.

Art. 14º – As diretrizes e as normas de funcionamento administrativo ou científico, são estabelecidas pelo regimento elaborado pela Diretoria e referendado pela Assembléia Geral.

Art. 15º – Os sócios não respondem solidária ou individualmente pelas obrigações sociais, nem mesmo subsidiariamente.

Art. 16º – Em caso de dissolução da sociedade, o patrimônio existente será, por designação da Assembléia Geral, destinado a uma entidade educacional, ligada ao campo da psicoterapia.

Art. 17º – Instituto Subsidiário

O C.P.B. poderá criar e manter Institutos Subsidiários para promoção de estudos, pesquisas psicanalítica e assistência terapêutica à pessoas de reduzida disponibilidade econômica e atividades congêneres.

Parágrafo 1º – Tais entidades não terão personalidade jurídica própria, mas serão dependentes do C.P.B. e dirigidas por Diretoria própria, nomeada pelo Presidente do Círculo.

Parágrafo 2º – Regimento aos Institutos

Estas entidades reger-se-ão internamente mediante regimento próprio aprovado pela Diretoria do C.P.B.

Parágrafo 3º – Dos bens dos Institutos

Os bens de qualquer natureza atribuindo aos Institutos Subsidiários pertencem, de pleno direito ao C.P.B. podendo eles, entretanto, dentro dos poderes constantes do regimento aprovado, usar de verbas, doações e donativos que receberem.

Art. 18º – Sócios no exercício de funções de Diretoria e Comissões não serão renumerados.

Art. 19º – Os casos omissos no presente Estatuto serão resolvidos pela Diretoria, ad-referendum da Assembléia Geral especialmente para isso convocada.

Após aprovação do Estatutos, procedeu-se a eleição da primeira Diretoria ficando assim composta.

Presidente: Carlos Pinto Corrêa

Vice-Presidente: João Fernando Calsavara

1º Secretário: Carlos Tironi

2º Secretário: Zeferino Rocha

1º Tesoureiro: Eny Lima Iglesias

2º Tesoureiro: Luíz Fernando Pinto

Considerando-se fundado o Círculo Psicanalítico da Bahia, e empossada a Diretoria, o senhor Presidente convocou nova Assembléia Geral a ser realizada ainda

hoje às 20 horas, para aprovação do regimento e tratar de outros problemas relacionados ao início de atividades do Círculo. Por aclamação foram aprovados para sócios honorários os professores Igor Caruso e Malomar Lund Edelweiss. Nada mais havendo a ser tratado eu Eny Lima Iglesias, secretária designada, lavrei a Ata de Fundação que lida e achada de conforme será assinada pelos presentes.

Salvador, 10/04/76

Carlos Pinto Corrêa

João Fernando Calsavara

Zeferino de Jesus Barbosa Rocha

Luíz Fernando Pinto

Eny Lima Iglesias

Carlos Tironi

Ressalvas a indicação da Dra. Eny Lima Iglesias foi para secretariar esta Assembléia – Folha 1B Linha 10... formação analítica com análise didática confirmada.

– Folha 1B Linha 10... formação analítica com análise didática confirmada.

ANEXO C - FORMAÇÃO PSICANALÍTICA E SUAS TURMAS

TURMA A

Iniciada em 17 de maio de 1972

Coordenador de Seminários: Carlos Pinto Corrêa

Participantes:

Eny Lima Iglésias

Luiz Fernando Pinto

TURMA B

Iniciada em 19 de agosto de 1975

Coordenadores de Seminários: Carlos Pinto Corrêa

Eny Lima Iglésias

Participantes:

Adilson Peixoto Sampaio

Marli Piva Monteiro

Mário R. Almeida

Ivete M. B. de Torres Villalba

TURMA C

Iniciada em 16 de março de 1977

Coordenadores de Seminários: Carlos Pinto Corrêa

Luiz Fernando Pinto

Participantes:

Celso Vilas Boas
 Maria da Conceição Gonçalves
 Ana Rita Dórea
 Jairo Gerbase
 Wilson Trindade Santos
 Nelson Pereira

TURMA D

Iniciada em 13 de março de 1979

Coordenadores de Seminários: Eny Lima Iglésia
 Adilson Sampaio
 Participantes:
 Luzia Costa Corrêa
 Gilcele Tironi
 Maria Angélia Teixeira

TURMA E

INICIADA EM 26 DE AGOSTO DE 1980

COORDENADOR DE SEMINÁRIOS: ADILSON P. SAMPAIO

Participantes:
 Eduardo Moraes Baleeiro
 Tereza Velloso
 Adolfo Esteves Iglesias
 Sérgio Frederico

TURMA F

INICIADA EM 21 DE SETEMBRO DE 1982

Coordenador de Seminários: Luiz Fernando Pinto

Participantes:

Ana Lúcia Sampaio Farias

Albenor Luiz A. Fonseca

Luiza Aurora Villas Boas

Maria José Carballal Franco

Gildete Lino de Carvalho

Maria Luiza Amoedo

Nancy Andrade

Sonia Noélia Laborda

Tarcísio Matos de Andrade

Tereza Cristina Libório de Freitas

TURMA G

INICIADA EM 19 DE MARÇO DE 1985

Coordenador de Seminários: Marli Piva Monteiro

Participantes:

Débora Pimentel

Ana Leal

Sonia Magalhães

Miriam Elza Gorender Magalhães

Vera Lúcia Perdigão Moura

Mirabeau Levy Alves de Souza

TURMA H

INICIADA EM 10 DE MARÇO DE 1988

Coordenador de Seminários:

Participantes:

Antonio Nery Filho

Arlúcia Andrade Fauth

Cibele Prado Barbieri

Helder Targino Pereira

Lucia Soares Vinhaes

Maria Solange Ferraz

Monica Melo Vicentini

Sheyla Machado

Tereza de Jesus Costa Pithon

Ana Regina Bittencourt

Angela Zamiluti Amorim

Arivalter da R. Ornellas Jr.

Edméa Fontes de Oliva

Lúcia Maria Filadelfo

Maria da Conceição Gotardo

Maria Guadalupe Libório

TURMA I

INICIADA EM 21 DE AGOSTO DE 1991

Coordenador de Seminário:

Participantes:

Rosana Velloso

Ajurimar Borges de Barros Sanches

Lídia Mello Targino

Luiz Alberto Leite Tavares

Antonio T. Lobo Junior
Denise Sampaio Martins
Marlize Rêgo
Luiz Hosanah Pinto
Manoel Edgard Marques de Souza
Maria Angela Ribeiro

TURMA J

INICIADA EM 8 DE JULHO DE 1996

Coordenador de Seminários: Ana Rita Dórea

Participantes:

Virgínia Lúcia Britto Silva
Noelma Alves
Mônica Rebouças
Miguel Brandão
Djalma Sant'Anna
Dalva Andrade Monteiro
Paula Costa
Antonia Alice da Costa
Patrícia Gidé Portella Lima

TURMA K

INICIADA EM 17 DE AGOSTO DE 1999

Coordenador de Seminários: Eny Lima Iglesias

Participantes:

Ana Lucia Sampaio Fernandes

Guilherme Wense de Mendonça Cruz

Ralph Raywalsh Pascoal

Ivana de Oliveira Fraga

Maria de Jesus Fernandez Bendicho

Maria Lucia Guedes Machado Mello

Maria Clarice Baleeiro de Sá Adami

Renata Viena Bastos

Sydnéa Teixeira Lima

Vera Mendes da Costa Neves

Hildete Barreto de Oliveira Santos

ANEXO D - DIRETORIAS DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Primeira Diretoria

A primeira diretoria do Círculo Psicanalítico da Bahia foi eleita em 10 de abril de 1976, ficando assim constituída:

Presidente: Carlos Pinto Correia

Vice-Presidente: João Fernando Calsavara

1º. Secretário: Carlos Tironi

2º. Secretário: Zeferino Rocha

1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias

2º. Tesoureiro: Luis Fernando Pinto

Segunda Diretoria

Em 21 de julho de 1998, a diretoria do Círculo Psicanalítico da Bahia fica composta:

Presidente: Carlos Pinto Correia

Vice-Presidente: Luis Fernando Pinto

1º. Secretário: Carlos Tironi

2º. Secretário: Marli Piva Monteiro

1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias

2º. Tesoureiro: Mário Almeida

Terceira Diretoria

No dia 26 de fevereiro de 1980, foi eleita por consenso a seguinte diretoria:

Presidente: Carlos Pinto Correia

Vice-Presidente: Luis Fernando Pinto

1º. Secretário: Carlos Tironi

2º. Secretário: Marli Piva Monteiro

1º. Tesoureiro: Eny Lima Iglesias

2º. Tesoureiro: Mário Almeida

Quarta Diretoria

Em 1 de março de 1983 é eleita nova diretoria, assim composta:

Presidente: Eny Lima Iglesias

Vice-Presidente: Adilson Sampaio

1º. Secretário: Gilcele Tironi

2º. Secretário: Wilson Trindade

1º. Tesoureiro: Celso Vilas-Boas

2º. Tesoureiro: Ana Rita Dórea

Apesar de não constar das atas, Eny Lima Iglesias renuncia à presidência do Círculo Psicanalítico da Bahia, possivelmente no ano de 1985. Na ata da Assembléia Geral de 17 de dezembro de 1985, o presidente em exercício, Adilson Sampaio, preside assembléia para votação dos estatutos.

Quinta Diretoria

Em 17 de março de 1986 fica constituída a seguinte diretoria:

Presidente: Luis Fernando Pinto

Vice-Presidente: Marli Piva Monteiro

1º. Secretário: Gildete Lino de Carvalho

2º. Secretário: Luiza Aurora Vilas-Boas

1º. Tesoureiro: Adolfo Antonio Esteves Iglesias

2º. Tesoureiro: Albenor Luis de Andrade Fonseca

Sexta Diretoria

No dia 15 de março de 1988 assume a diretoria:

Presidente: Celso Augusto Vilas-Boas

Vice-Presidente: Marli Piva Monteiro

1º. Secretário: Maria José Trabago Carbalhal Franco

2º. Secretário: Débora Rebello de Matos

1º. Tesoureiro: Tarcísio Andrade Matos

2º. Tesoureiro: Miriam Elza Gorender

Sétima Diretoria

Em 22 de março de 1990 foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente: Marli Piva Monteiro

Vice-Presidente: Ana Rita Dórea

1º. Secretário: Luiza Aurora Vilas-Boas

2º. Secretário: Gilcele Tironi

1º. Tesoureiro: Terezinha Guimarães

2º. Tesoureiro: Miriam Elza Gorender

Oitava diretoria

Em 27 de julho de 1992 é eleita a oitava diretoria

Presidente: Maria Tereza Velloso Maria Tereza Velloso

Vice-Presidente: Arlúcia A Fauth

1º. Secretário: Terezinha Guimarães

2º. Secretário: Albenor Fonseca

1º. Tesoureiro: Helder Targino

2º. Tesoureiro: Ana Regina Bitencourt

Conselho Fiscal: Ajurimar Sanches, Luiza Aurora Vilas Boas

Conselho de Representantes: Carlos Pinto Corrêa, Adilson Sampaio, Celso Vilas- Boas

Comissões:

Comissão de Transmissão: Eny Iglesias, Conceição Gotardo, Luis Alberto Tavares, Gildete Lino de Carvalho

Comissão Científica: Lúcia Azevedo, Sheila Machado, Denise Sampaio, Gilcele Tironi

Comissão de Acervo e Publicação: Maria José Carbalhal, Lúcia Philadelpho, Solange Laranjeiras

Nona Diretoria

No dia 1º. de setembro de 1994 a nona diretoria é eleita:

Presidente: Antonio Nery Filho

Vice-Presidente: Luiza Aurora Vilas Boas

1º. Secretário: Sheila Machado

2º. Secretário: Arlúcia Fauth

1º. Tesoureiro: Ajurimar Sanches

2º. Tesoureiro: Luis Alberto Tavares

Conselho de Representantes: Maria Tereza Velloso, Eny Lima Iglesias,
Conceição Gotardo

Conselho Fiscal: Gildete Lino de Carvalho, Celso Vilas Boas, Helder Targino

Décima Diretoria

Em 10 de outubro de 1996 Cibele Prado Barbieri apresenta sua chapa, sendo eleita em assembléia geral:

Presidente: Cibele Prado Barbieri

Vice-Presidente: Eny Lima Iglesias

1º. Secretário: Antonio Lobo

2º. Secretário: Gildete Lino de Carvalho

1º. Tesoureiro: Tereza Costa Pithon

2º. Tesoureiro: Adolfo Iglesias

Décima primeira Diretoria

Na assembléia Geral de 3 de setembro de 1998, a décima diretoria encerra o seu mandato, não havendo nenhuma chapa lançando candidatura. Em 28 de outubro de 1998 assume a presidência um comitê executivo:

Comitê Executivo: Carlos Pinto Corrêa, Rosana Veloso, Antonio Lobo

1º. Secretário: Ajurimar Sanches

2º. Secretário: Tereza Velloso

1º. Tesoureiro: Maria José Carbalhal

2º. Tesoureiro: Ajurimar Sanches

Décima segunda Diretoria

Em 16 de novembro de 2000 foi eleito em assembléia Geral a seguinte diretoria:

Comitê Executivo: Carlos Pinto Corrêa, Rosana Veloso, Antonio Lobo

1º. Secretário: Ajurimar Sanches

2º. Secretário: Tereza Velloso

1º. Tesoureiro: Maria José Carbalhal

2º. Tesoureiro: Lídia Targino

Décima terceira Diretoria

Na Assembléia Geral de 13 de novembro de 2002, assume a direção do CPB:

Presidente: Carlos Pinto Corrêa

Vice-Presidente: Eny Lima Iglésias

1º. Secretário: Djalma Santana

2º. Secretário: Ajurimar Sanches

1º. Tesoureiro: Tereza Costa Pithon

2º. Tesoureiro: Maria Tereza Velloso

LISTA DE QUADROS

1 – Formação psicanalítica – turmas formadas	57
2 – Formação psicanalítica – turmas em curso	58
3 – Outros cursos paralelos (1999-2004)	59
4 – Congressos do Círculo Brasileiro de Psicanálise	62
5 – Jornadas regionais organizadas pelo Círculo Psicanalítico da Bahia (1986-2004)	63
6 – Quadro demonstrativo das publicações da <i>Revista Cogito</i> (1996-2004)	65
7 – Diretorias do CPB (1971-2004)	67

LISTA DE SIGLAS

APA = Associação Psicanalítica Argentina

CLAPP = Clínica de Atendimento Psicológico e Psicopedagógico

CPB = Círculo Psicanalítico da Bahia

CBP = Círculo Brasileiro de Psicanálise

CLAPP = Clínica de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico

IDOV = Instituto de Orientação Vocacional

IFPS = International Federation of Psicanalitics Societies

IMP = Instituto de Medicina Psicológica

IPA = Associação Psicanalítica Internacional

ISOP = Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas

NEP = Núcleo de Estudos Psicoterapêuticos

SBPRJ = Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

SPRJ = Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

UFBA = Universidade Federal da Bahia

WATP = Wiener Arbeitskreise Fur Tiefen Psychologie

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 PSICANÁLISE NO BRASIL	20
1.1 PRECURSORES .	20
1.2 CHEGADA DA PSICANÁLISE NO BRASIL	22
1.3 <i>BOOM</i> PSICANALÍTICO DOS ANOS 1970: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA	25
2 AMBIÊNCIA “PSI” NA BAHIA	30
2.1 PSIQUIATRIA E PRECURSORES DA PSICANÁLISE .	30
2.2 SURGIMENTO DO CURSO DE PSICOLOGIA EM SALVADOR	34
2.3 APROXIMAÇÕES COM A PSICANÁLISE	36
3 CÍRCULO PSICANALÍTICO: DE VIENA À BAHIA	38
3.1 CÍRCULO DE PSICOLOGIA PROFUNDA DE VIENA	38
3.2 CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE	45
3.3 FUNDAÇÃO DO CPB	47
4 CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA (1971-2004)	50
4.1 INÍCIO E LEGALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	50
4.2 FORMAÇÃO TEÓRICA E SEMINÁRIOS	51
4.3 CURSOS PARALELOS	59
4.4 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRUPOTERAPIA PSICANALÍTICA	60
4.5 ATIVIDADES DA COMISSÃO CIENTÍFICA (JORNADAS, CONGRESSOS E SEMINÁRIOS DAS QUARTAS)	62
4.6 PUBLICAÇÕES .	64
4.7 DIRETORIAS	66
4.8 FATOS E DINÂMICA INSTITUCIONAL	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	86

REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	95
ANEXOS	102